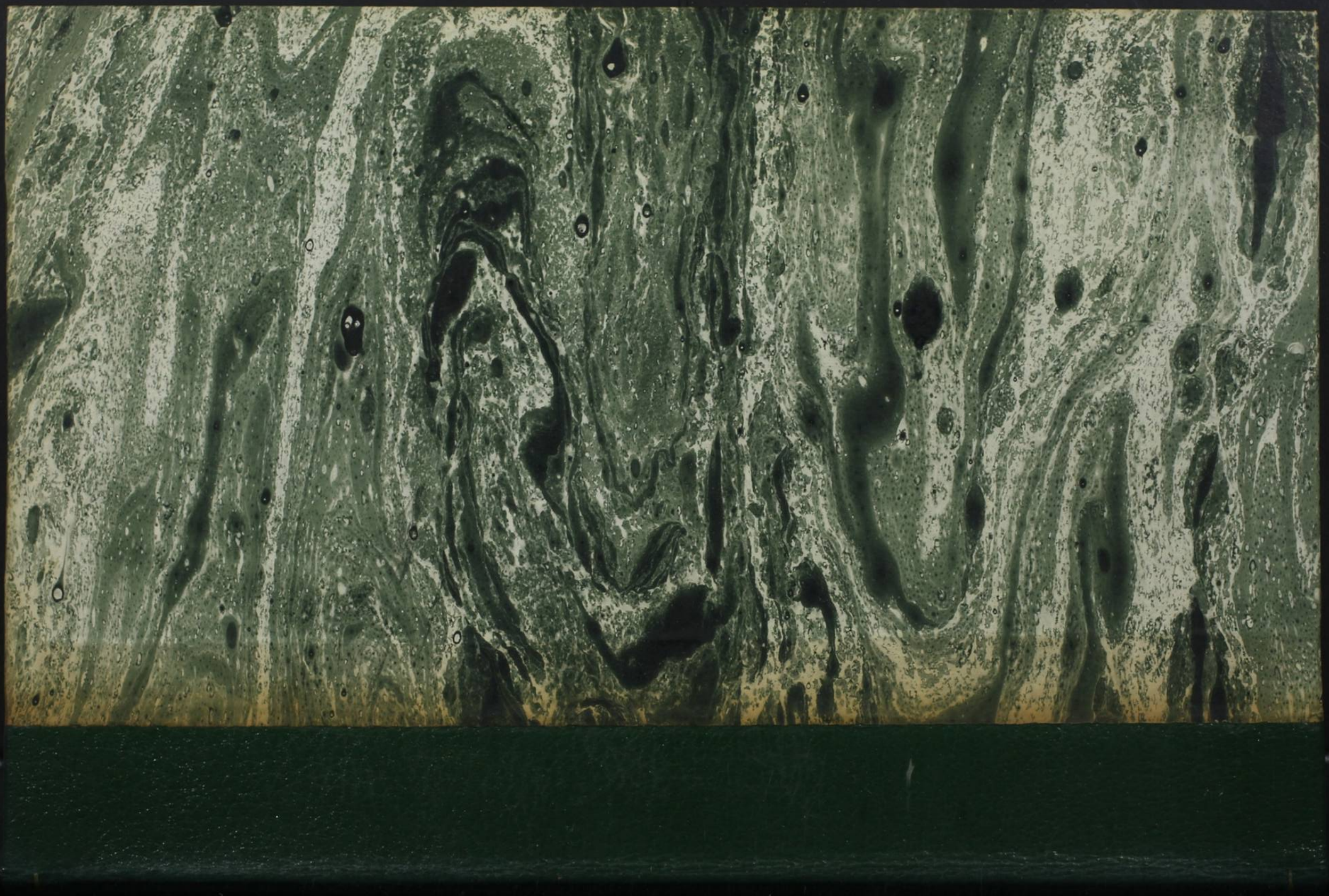



Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

ANO XIV 12 DE MARÇO DE 1951 N.º 52

REVISTA
DA ACADEMIA
PAULISTA DE LETRAS

COMISSÃO DE REDAÇÃO: OTONIEL MOTA, CASSIANO RICARDO,
MENOTTI DEL PICCHIA E RUBENS DO AMARAL
Direção de RENE' THIOLLIER, Secretário-Perpétuo

SUMÁRIO

	CRÔNICA
GUILHERME DE ALMEIDA	"O CLUB"
OTONIEL MOTA	COCHILOS DE GENTE GRANDE
JÚLIO DE MESQUITA FILHO	A CIDADE UNIVERSITÁRIA
AFONSO DE E. TAUNAY	DINAMISMO E POSSIBILIDADE
CLÁUDIO DE SOUZA	COMO ROMEU E JULIETA MORRERAM
AURELIANO LEITE	A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO NA PROPAGANDA REPUBLICANA
MÁRIO DE ANDRADE	REZAS DO DIABO
MARTIM FRANCISCO III	ESCRITOS VÁRIOS
SÍLVIO DE ALMEIDA	DIVAGAÇÕES

Poesias:
ARISTÊO SEIXAS

Conto:
RENÊ THIOLLIER — A BORDO DO FLÓRIDA

Romance:
LÉO VAZ — O PROFESSOR JEREMIAS

Conferência:
FRANCISCO PATI — A POESIA DE EZEQUIEL FREIRE

BIO-BIBLIOGRAFIA

Notas diversas

A. RAMOS TAVARES, Secretário Administrativo
Redação: LARGO DO AROUCHE, 242
Telefone 2-2090 — S. PAULO

REVISTA

DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

COMISSÃO DE REDAÇÃO: OTONIEL MOTA, CASSIANO RICARDO, MENOTTI DEL PICCHIA E RUBENS DO AMARAL

Encontra-se à venda em todas as livrarias

ASSINATURA ANUAL - Brasil . . . Cr. $40,00
" " - Exterior . . " $80,00
NUMERO AVULSO . . . . . " $12,00

A. RAMOS TAVARES, Secretário Administrativo
Redação: LARGO DO AROUCHE, 242
Telefone 2-2090 — S. PAULO

ANO XIV 12 DE MARÇO DE 1951 N.º 52

REVISTA
DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

COMISSÃO DE REDAÇÃO: OTONIEL MOTA, CASSIANO RICARDO, MENOTTI DEL PICCHIA E RUBENS DO AMARAL
Direção de RENE' THIOLLIER, Secretário-Perpétuo

VOLUME 52.º

A. RAMOS TAVARES, Secretário Administrativo
Redação: LARGO DO AROUCHE, 242
Telefone 2-2090 — S. PAULO

Crônica

Com a morte de Paul Valery, Bernard Shaw e André Gide, extinguiu-se para sempre uma geração notável de artistas geniais, quintessenciados obreiros da Beleza na sua mais alta expressão, artistas que, por largo espaço de tempo, numa aura em ascendência constante, foram o preclaríssimo ornamento de sua época.

André Gide, o último deles a desaparecer, — o imoralista, como era apontado, visto que repudiou a moral, tal como a Igreja a ensina sob o seu aspecto cristão, assumiu, por isso mesmo, aos olhos do mundo, ares de Lucifer. Mas, de um Lucifer que ninguém temia, porque ninguem mais teme Lucifer. O tempo de Lucifer passou como tudo passa. E foi assim que o mundo, ao invez de discordar, clamando contra, anuiu, exultando, ao ser-lhe conferido o premio Nobel.

Ninguém amou a vida, nem soube ama-la mais do que êle. Amou-a como gozador que era, como um epicurista que se embriagava de tôdas as sensações.

Amou, na vida, o prazer, porque só o prazer é divinamente fecundo, porque "o homem que muito sofreu é menos sábio que aquele que muito gozou". E daí a razão de ser do seu coração que era um coração universal! do amor que dele se irradiava por tôda a Humanidade.

A influência do seu espírito crítico, do "espírito crítico gideano", foi imenso; quantos genuinos valores êle não suscitou?!... A sua obra literária — diz a crítica — subsistirá por ser uma das mais significativas da sua época.

"O Club"

3 de Junho de 1950

Mais dois ou três dias — e terá suas portas e janelões para sempre fechados, no edifício em que viveu mais de trinta anos, o Automovel Club de São Paulo. É um breve hiato — bem se sabe — entre uma velha e uma nova vida: período de transição, dobrar de página, traço-de-união ligando dois ciclos, ponto-morto entre passado e futuro, "halte"na clareira para outra alentada "randonnée"... Porque daqui a pouco estará o Club (êle não é "um" club: êle é "o" Club), vestido de modernidade, pavoneando sua tradicional mas evoluida elegância atrás dos vidros atualíssimos de uma nova séde. Bem se sabe. No entanto, embora, assim mesmo, apesar disso...

...no entanto, embora, assim mesmo, apesar disso, já começa a funcionar, supersticiosa, no fundo conservador de cada um de nós — pupilos sociais e sentimentais de Antonio Prado e José Paulino Nogueira — a obrigação melancólica e racial da Saudade. Saudade, prévia Saudade, já-Saudade do palacete (era assim mesmo que se dizia: "palacete") cinzento-ardózia, com colunata e zimbórios, plantado a cavaleiro do Vale do Anhangabaú: o primeiro dos dois filhos-gêmeos de Samuel das Neves, aquele adoravel "vieux beau" do colete de linho branco e da rosa fresquinha na lapela... Saudade dos lambrís de mogno envernizado, cercando anedotas masculinas, "potins" sociais e boatos políticos; Saudade dos couros Mapple em que re-

costou seu grande espírito, sua grande fidalguia e sua grande elegância um príncipe paulista: Pimpolho; Saudade do bar e do restaurante onde tudo — gentes e coisas — sempre foi "lo mejor de lo mejor"; Saudade do usado, do patinado, que lubrificam a vida, isto é, os hábitos; Saudade da cadeira-de-barbeiro com as complacências do "Vicente (parecido com Maurice Chevalier) rebuscando espertos pêlos em sonolentas calvas; Saudade do largo e alto vitral automobilístico nos caixilhos de ferro, mal clareado pela luz equívoca da área interna; Saudade das cabines telefônicas controladas por uma silenciosa sabedoria; Saudade daquela pequena sacada, na esquina chanfrada Badaró-Patriarca-Viaduto, de onde, como de uma tribuna civil ou de um púlpito religioso, em plena mistica civil e religiosa de 1932, na noite de 23 de Maio, abriu vôo sôbre o povo uma bandeira listada de branco e preto e manchada de sangue no tôpo; Saudade de nós mesmos; Saudade de S. Paulo. Mas...

...mas...

Um moderno, moço, impulsivo, saudavel otimismo deu à malsinada adversativa do Padre Antonio Vieira um sentido de confiança e coragem. Ao pejorativo "mas" êsse espírito novo acrescenta um salvador "não há de ser nada". E essa fórmula atual — "Mas não há de ser nada!" — é ainda tudo quanto nos resta do olhar verde de esmeralda e das asas prontas de sonho que caracterizam o incorrigível Arcanjo chamado Esperança.

Guilherme de Almeida

Cochilos de gente grande

Todos nós temos direito de dizer de vêz em quando uma *asneirinha,* sem o que não seriamos humanos. Mas contesto o direito de dizer *asneirões.* Entretanto, entre os homens plumitivos, ainda os mais acatados e admirados pelo talento e saber, vamos por vêzes topar com dislates de pasmar.

Não há muito apontei um dêsses no célebre livro *Arte de Furtar.* Repetidamente o desconhecido Autor emprega a palavra *promontório* com o sentido de emporio ou entreposto comercial: Lisbôa é um promontório, Sevilha é um promontório, para não citar senão êsses exemplos que me acodem à misera memória.

Ora eu não encontro nem no latim, nem no português, nem em qualquer das outras línguas filhas do latim, nada que possa justificar um tal dislate, que jámais ví apontado por quem quer que fôsse.

Como explicar êsse mais que estranho silêncio? Não é preciso ser Freud nem freudiano para atinar com a razão: é que a obra, passava como sendo escrita por Vieira, e Vieira não diria despropósitos.

Ninguem apontou a asneira mas ninguem também a perfilhou, que eu saiba.

Relendo agora cuidadosamente a Nova Floresta, de Bernardes, deparou-se-me uma página sôbre a qual eu havia passado sem lhe pesar o valor... negativo. Vou transcrevê-la para nosso regalo.

Acha-se no volume 4.º da edição Chardron, p. 268.

Bernardes não diz a fonte onde à foi beber e isto já nos faz

brotar no espírito alguma desconfiança. Não é seu costume proceder assim. Êle cita em regra as fontes com precisão.

Vamos à página.

"De Publio Virgilio, Principe dos Poetas Latinos"

Contrahiu este grande amisade com o estribeiro mór do imperador Augusto, porque sabia bem de alveitaria e conhecia bem as raças dos animaes; tinha seu estipendio e ração, como os outros moços da cavalheriça imperial. Sucedeu mandarem de mimo ao imperador um potro mui formoso, de quem todos conjecturavam que havia de sair cavalo de grandes brios e ligeireza. Porém Virgilio disse que não prestaria; e assim o mostrou o tempo. Soube isso o imperador e lhe mandou dobrar as padas da ração. Vieram-lhe depois uns cães de Hespanha; e Virgilio, perguntado, disse que seus filhos seriam de grandes forças e velocidade e tambem o successo mostrou que acertara; e Augusto lhe mandou tresdobrar as padas. Finalmente, o imperador, levado de umas suspeitas que o traziam sujeito, entrou em duvida se era filho legitimo do imperador Octavio, ou se haveria ali algum atrevimento ou desmancho de sua mãe com outra pessoa. E tomando a Virgilio à parte, perguntou que lhe parecia neste ponto, julgando-o por alguns sinaes. Virgilio, captando primeiro venia e ressalvando-se de que havia muita diferença em conhecer o nascimento dos brutos e a conhecer o dos homens, finalmente, animado pelo mesmo imperador a declarar livremente o que entendesse, disse: *Julgara eu que Vossa Magestade não era filho do imperador, senão de um padeiro. Porque?* (disse o imperador). *Porque* (respondeu Virgilio em tom de graça) *sendo Vossa Magestade um imperador tão magnifico, até agora me não premiou senão com padas.* Augusto celebrou o dito, e dali por diante o favoreceu, como convinha."

Que tal essa preciosidade? Há nada mais divertido do que êsse requinte de engenho imaginativo? Virgilio, *principe dos poetas latinos,* transformado em estribeiro comum de Auto, recebendo estipendio e ração de padas, isto é de pãezinhos.

Acerta num prognostico e Augusto, o magnanimo, em vêz de lhe dobrar o estipendio, dobra-lhe às padas simplesmente.

E que dizer da pergunta sôbre se êle, Augusto, era ou não filho do *imperador* Otavio? Claro está que a resposta havia de ser negativa uma vêz que êle não podia ser filho de si mesmo; pois, quem era Augusto senão o imperador Otavio?

O dislate é de tal natureza que se torna mister uma indagação, para determinar quem é o seu autor e como foi que se originou.

Nêsse afã, tive a feliz idéia de expor o caso ao meu prezado amigo Dr. Aluizio de Faria Coimbra.

Possuidor de uma rica memória — como invejo, sem pecado, esta dadiva divina! — lembrou-se êle de haver lido essa história em certo comentário, como sendo uma página de autor desconhecido, falsamente atribuida por alguns à autoria de Donato.

Chegado à casa, procurou à página, encontrou-a e teve a gentileza de copiar-ma. Lá a tenho como preciosidade.

Nela não se fala em *imperador*. Ali apenas se diz que Augusto desconfiava não ser *filho de Otavio: "Dubitavit Augustus Octavinüne filius esset...* O *imperador* disparatado é de Bernardes ou de alguem que êle copiou. Mas existe uma razão para o dislate.

É que Otavio, imperador, éra filho de um Otavio que não era imperador. Ocupou cargos importantes, entre os quais o de governador da Macedônia, onde por gloriosas façanhas militares, foi aclamado *imperador* (general) pelo seu exército. Mas chamar-lhe *imperador* em português, é disparate, seja de Bernardes seja de quem fôr. E gera grande confusão.

O jogo de palavras entre *padas* e *padeiro* é sem duvida feliz, mas claro está que não tem correspondente em latim, onde as palavras são *panis* e *pistor*.

A ausência de citação da fonte em que Bernardes se abeberou — coisa de todo em todo contrária a seu costume — é significativa. Êle sabia, parece que a página éra anônima e sem valor histórico. Não deveria portanto inseri-la na sua obra máxima, como se fôsse ouro de lei.

Este fato pôs-me a pulga atrás da orelha, de maneira que, continuando a minha leitura, deparou-se-me no volume V.º o seguinte trecho:

.....Bene servit amor
Absque jugo posita est ditionis amica voluntas,
Qua viget affectu, non gemit Imperio.

Como, também aqui, não há nenhuma indicação da elegia em que vem tais versos, desconfiei dêsse Propercio e pus-me pachorrentamente a procurá-los na obra do lirico romano. Duas vêzes, cuidadosamente, a percorri. Não os encontrei.

Não satisfeito, narrei o fato ao distinto confrade Dr. Celestino C. Pina, que por sua vêz repetiu a minha tentativa, com idêntico resultado. O mesmo fez o Dr. Aluizio Faria Coimbra, que não só examinou Propêrcio, mas também Catullo e Tibulho. De onde tirou Bernardes êsses versos?

Dar-se-á o caso de estarmos mais uma vez em face de obra espuria, citada por Bernardes como autêntica, mas com a supressão, condenatória, da fonte desprezível? E' desagradável pensá-lo. Mas há coisa ainda mais grave.

No volume 4.o, citando conceitos de S. Tomás de Aquino, diz Brnardes: "Faz também grande estimação do tempo: porque sabe que é semente da eternidade que, uma vez malograda, é impossível recobrar-se. E assim emprega e aproveita as mínimas partes dêle em cousas úteis, proveitosas e honestas, seguindo o aviso do Espírito Santo pelo Eclesiástico: *Non defranderis a die bono; et particula bonidiei, non te praetereat.*" (XIV-14).

Particula boni diei, diz o texto como está em Bernardes. E' aliás o que vai a calhar com o contexto anterior; mas não é o que se encontra na Vulgata, que diz, *boni doni*, não *boni diei*.

Pereira de Figueiredo traduziu: "Não te defraudes de um bom dia, e não deixes passar uma partezinha do bem que te é concedido."

E comenta: "*Do bem, que te é concedido. À letra: de um bom dom...* O grego diz: *E a parte do bom desejo não te escape*, o que vem a reduzir-se ao mesmo sentido."

Assim, pois, o texto em Bernardes se acha alterado. Resta explicar essa alteração. Que um religioso, com a responsabilidade de Bernardes, altere um texto sagrado, para fazê-lo convir a um argumento, não é grave, senão gravíssimo.

Urge uma explicação.

Desejara achar uma porta que me desafogasse desta situação espiritual desagradável, porque amo a Bernardes e o admiro sinceramente, mau grado às suas crendices infantis. Mas essa porta não é facil. Qualquer solução hipotetica deixará sempre o espírito suspenso. E uma única alteração como essa, se se provar que foi consciente, é bastante às vêzes para abalar a reputação de um escritor por muitos títulos venerável.

Otoniel Mota.

A Cidade Universitária

O grande jornal "La Prensa", de Buenos Aires, realizou em 1939 um inquérito sôbre o problema da criação da cidade universitária, convidando para manifestar-se a respeito sumidades argentinas e estrangeiras entendidas na questão. Entre os estrangeiros então convidados para expor sua opinião sôbre o assunto, figurou o diretor do "Estado de S. Paulo", o acadêmico sr. Júlio de Mesquita Filho, que se achava no momento exilado na Argentina. Seu trabalho, publicado em Buenos Aires, em novembro de 1939, foi dias após reproduzido pelo "Estado", diante do interêsse que o assunto despertava também entre nós.

Volta agora a questão a ser debatida em São Paulo, com as providências que se estudam para ativar a construção, no Butantã, de nossa Cidade Universitária E' grande, infelizmente, a confusão e a falta de conhecimento que sôbre o assunto ainda lavram entre nós, e particularmente nos círculos responsáveis pela execução dos planos da Cidade Universitária. Resolvemos, transcrever do "Estado" o aludido trabalho, ali reproduzido ultimamente por ser êle oportuno, visto que reflete o pensamento e a orientação a êste respeito dos idealizadores e criadores da Universidade de São Paulo. As considerações feitas, há dez anos nesse estudo, talvez contribuam para que se evitem erros de que mais tarde nos penitenciaremos.

***

No bem formulado inquérito que "La Prensa" acaba de organizar sobre o problema da criação de cidades universitárias, há esta pergunta que, pela sua própria natureza e alcance, nos parece condicionar tôdas as demais: "Que benefícios, no terreno intelectual, julga que a criação de ci-

dades universitárias poderia proporcionar ao país?" Os maiores, respondemos sem hesitar. A função que desempenham é de tal ordem que não temos dúvida nenhuma em considerá-las condição precípua para que haja rigorosamente ensino universitário. Sem elas, isto é, sem a concentração sistematizada e orgânica dos institutos de altos estudos num todo harmônico, não cremos que se possa falar em ensino universitário pròpriamente dito.

Não pretendemos afirmar, é evidente, que sem cidades universitárias não se possa proporcionar excelente ensino superior. O que não nos parece passível de contestação é que sem elas, possa haver, realmente, ensino universitário. Com efeito, que é que, na realidade, o distingue? No nosso entender e como se pode inferir das mais puras tradições, o ensino universitário é aquele que abrange a Universalidade dos conhecimentos humanos e no qual predominam os chamados estudos desinteressados. Pelo menos é essa a concepção em que a tinham os que legaram à humanidade êsses centros de especulação intelectual que tanto lustre e renome emprestaram a cidades como Bologna, Oxford, Salamanca e París dos tempos heroícos em que, cavalgando a mula famosa, Gargantua, filho dileto de Gargamelo e Grangousier, fazia nela a sua entrada triunfal. Tanto para os que nelas professavam como os que ali iam buscar ensinamentos, o saber humano era um todo perfeitamente coerente e harmônico. Uma mesma doutrina imperava no ensino das diferentes discíplinas, como o mesmo espírito animava a tôda a comunhão. A mais rigorosa unidade assim intelectual como moral caracterizava a vida dêsses ilustres centros de alta cultura. Como é sabido, essa unidade era ainda fortalecida pelo fato de ter sido durante séculos o latim a única língua admitida nos cursos, mas ainda nas obras impressas, o que fazia das universidades e dos homens cultos da época uma espécie de sociedade internacional pairando acima das diferentes nacionalidades. Tal qual hoje se observa, havia

uma intensa troca de conhecimentos entre os grandes centros de cultura. Com o progresso da ciência porém, essa unidade se foi pouco a pouco rompendo. Á medida que a inteligência humana ia devassando mais profundamente os mistérios da natureza e que, em consequência, se dilatavam os horizontes do ensino, novos institutos se foram criando e passando a funcionar fora da orbita e dos domínios das universidades. Essa dispersão, como era natural, provocava a ruptura da doutrina básica que até então predominara na instrução da juventude. O espírito que animava a comunhão de estudiosos deixou de ser o mesmo para se subdividir de acôrdo com os novos institutos e com a natureza de cada um dos setores dos conhecimentos a que se dedicavam. Quanto mais se foram acelerando as conquistas do cérebro humano, mais divergiam as tendências e coloridos doutrinários a que estavam sujeitos tanto o corpo docente como o discente. Já agora nada restava da antiga harmonia. Ao contrário do que fora a regra, universidades e escolas independentes passaram a se digladiar. Já se não fazia ciência mas ciências, quase sempre irreconciliáveis entre si. De elemento de coesão, o culto saber passava a ser instrumento de discordia e dissenção no seio das sociedades. A biologia procurava denegrir as ciências sociais do mesmo modo que estas desprezavam as politécnicas. Sôbretudo nos países de formação recente como os da América, em que a tradição de cultura é quase nula, cada uma daquelas especialidades passou a constituir uma espécie de totem diferenciador em torno do qual se agrupavam clãs perfeitamente irreconciliáveis entre si. Pertencer a qualquer delas era não compreender as demais.

Felizmente, para a humanidade, a fase de desagregação já se vai tornando uma reminiscência do passado, um anacronismo oneroso. Se ninguém mais tenta a façanha do Pico de Mirândula não há tão pouco quem negue a unidade essencial dos conhecimentos humanos. E quando este

ou aquele cultor das ciências se resigna a limitar suas atividades a um campo estreito da investigação, sabe perfeitamente que a tanto é obrigado pela natureza limitada das suas faculdades e não porque haja na realidade uma diferenciação substancial entre os vários setores em que a inteligencia do homem exerce a sua função especulativa. Pois bem, essa consciência da unidade fundamental dos conhecimentos humanos é que constitui a própria essência de formação universitária. Sem que se tenha sempre em mente essa condição básica, primordial, poderá existir, como acima dissemos, um excelente ensino. Não haverá, entretanto, jamais, ensino universitário pròpriamente dito. Aqueles que a êle se submeterem poderão vir a ser ótimos técnicos de laboratorio, ou primorosos pesquisadores em qualquer ramo do saber. Só por acaso, porém, tornar-se-ão possuidores daquele alto espírito que a consciência de que participam de um esfôrço coletivo e indivisivel em benefício da comunhão a que pertencera e do progresso geral da ciência concede aos que a êle se dedicam. É êsse generoso sentimento, iamos dizer, êsse generoso orgulho que constitui o verdadeiro espírito universitário de que tanto se fala e tão poucos compreendem.

Se não laboramos em erro, se o espírito universitário é realmente aquela consciência a que acabamos de nos referir, fácil será compreender o papel que para sua formação e cultivo desempenhará a Cidade Universitária.

É no convívio diuturno, que só ela poderá proporcionar, que professores e alunos se darão conta de que tão indispensáveis para o País são a filologia grega e a crítica da razão pura como a quimica biológica, por exemplo, a análise matemática e a física atômica, como a ciência do direito. Desde que a sua estrutura arquitetônica seja concebida de acôrdo com os princípios gerais que vimos enunciando, a Cidade Universitária tornaria possível a centralização das catedrás que se destinam ao ensino das matérias chamadas básicas, isto é, aquelas que

se dedicam ás ciências puras, como a matemática, a física, a química, a botânica, a zoologia, a biologia geral, a fisiologia, a anatômica etc. etc. Tôdas estas seriam nêsse caso desagregadas das diferentes escolas em que são obrigatoriamente ministradas para escolas em que exclusivas de uma Faculdade Central de Filosofia, Ciências e Letras, alma mater do organismo total e que se dedicaria aos chamados altos estudos desinteressados, os quais devem sempre predominar numa universidade realmente digna dêsse nome e em torno da qual se agrupariam os demais institutos profissionais. Para que o nosso pensamento adquira perfeita nitidez vamos propor um exemplo concreto. Admitamos que a química, a física, a zoologia e a biologia geral fossem matérias ensinadas nos cursos não sòmente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde procurariam seus diplomas os que se destinassem ao doutoramento em ciências, mas ainda nas de medicina, farmácia e odontologia. Pois bem, segundo a concepção que procuramos esboçar, elas seriam eliminadas dêsses diferentes institutos para que os alunos tanto de medicina quanto de farmácia e odontologia as cursassem na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Da mesma maneira, os que se destinassem à Escola Politécnica deixariam de cursar nela a análise matemática, a física, a quimica, para segui-las nas respectivas seções destinadas às mesmas disciplinas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O mesmo aconteceria com a economia política que seria ministrada exclusivamente nesta faculdade onde os alunos de direito iriam cursá-la. As faculdades dedicadas à formação de profissionais da medicina, farmácia, odontologia, engenharia, direito, agricultura etc. veriam os seus cursos reduzidos exclusivamente às cadeiras práticas e técnicas pròpriamente ditas.

Cremos não ser necessário mais extensas explanações para que todos os que têm o hábito de meditar sôbre coisas do ensino apreendam o imenso alcance de uma

tal sistematização. Para estes, não escapará a significação decorrente do fato de se submeterem os alunos que se destinam a diferentes especialidades a uma formação científica básica uniforme e a um convívio prolongado sob um mesmo teto e, portanto, à ação continuada de um mesmo espírito formativo. A passagem da totalidade do corpo discente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dar-lhe ia uma percepção nitida e tangivel daquele espírito universitário a que acima nos referimos e que definimos como sendo a própria consciência da unidade do saber humano e da colaboração de todos na obra comum em pról do progresso tanto da nacionalidade como da ciência em si mesma. A permanência numa Faculdade cujo traço diferencial seria o caráter desinteressado dos estudos que nela se fariam, teria ainda e forçosamente como resultado a imediata elevação do nível geral de cultura de todos quantos se dedicassem às chamadas profissões liberais. O que não deixaria de ser uma imensa conquista sobretudo para os países da América, onde o progresso material execessivamente fácil teve como consequência, uma orientação demasiadamente pragmática e superficial da cultura. Além disso, não devemos desprezar os efeitos benéficos que o desenvolvimento do espírito de solidariedade, oriundo do convívio nos mesmos bancos mental e moral dos universitários, fossem quais fossem os seus diplomas, espírito de solidariedade que necessàriamente os acompanharia quando lhes coubesse construir de alto a baixo da hierarquia social os quadros dirigentes da nacionalidade. Êstes resultados, que a Nação tem o direito de exigir de suas universidades, só poderão ser atingidos, é obvio, com a Cidade Universitária, isto é, com o agrupamento de todos os institutos de ensino superior, segundo um plano geral preestabelecido e cuja estrutura urbano-arquitetônica correspondesse exatamente aos fins culturais como educativo do organismo universitário na sua totalidade.

São portanto incalculáveis os frutos que nos é lícito esperar de uma Cidade Universitária. Mas não são êles apenas de ordem puramente intelectual. A concentração dos institutos culturais torna possível ainda uma notável economia tanto de pessoal como do material destinado ao ensino, o que não é de desprezar se se levar na verdadeira conta o preço elevadíssimo de um perfeito aparelhamento científico. A unificação de laboratórios, evitando a dispersão de meios, favorecerá a aquisição de um aparelhamento muitíssimo mais perfeito e, por isso mesmo, mais eficiente. Nêste terreno, não olvidamos as bibliotecas. A Cidade Universitária resolveria o problema construindo um edifício único para abrigar a biblioteca universitária. Nela se concentrariam as diferentes seções especializadas em que normalmente se subdividem. Cada instituto conservaria dentro de seus muros apenas os livros de consulta imediata e indispensáveis aos cursos do dia e as pesquisas em andamento. Um tal sistema, como se vê, fala por si mesmo sôbre a formidável redução de gastos tanto em material, como em pessoal, que representa.

Na ideação urbano-arquitetônica da Cidade Universitária deve constituir preocupação de primeiro plano o problema da educação física da juventude e, portanto, dos parques de esportes. Êste lado da questão diz sobretudo respeito à extensão dos domínios de que normalmente necessita uma universidade. É evidente que, quanto maior fôr o espaço que lhe possa ser reservado, melhor será. Isso tanto mais quanto seria de tôda conveniência que a seção de botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pudesse dispor de amplos hortos botânicos do mesmo modo que as seções de biologia geral e zoologia só teriam a lucrar se acaso lhes fossem subordinados os jardins zoológicos, estações de biologia marítima, museus especializados etc.

Agora que se aproxima o fim desta sumária exposição, queremos tratar de uma das faces mais interessantes,

a nosso ver, do delicado e complexo problema. Referimo-nos à questão do estilo arquitetônico a que deverão obedecer as construções. Questão capital, diremos nós. Se tivermos em mente o espírito geral em que vimos procurando esplanar o que entendemos constituir o fundo e a forma do problema universitário, chegaremos, lògicamente, à conclusão de que um único estilo poderá ser adotado na edificação da cidade: aquele que lembre a todos os momentos, tanto a estudantes como a professores, as origens ibéricas na nacionalidade. Uma universidade valerá pelo espírito que nela venha a palpitar, pelo poder nacionalizador de que se mostre capaz, pela fé nos destinos da Nação que saiba instilar no coração da juventude. A ciência, bem o sabemos, em si mesma, não conhece fronteiras. Não é menos verdade, porém, que o valor de um povo se mede antes de tudo pelo respeito e pelo amor que saibam dedicar às suas origens, às suas tradições. Se isso constitue um imperativo absoluto para todos os países sem exceção, muito maior o será para os que, por circunstâncias especiais, se vêm procurados por volumosas correntes imigratórias de todos os matizes, como acontece tanto com a Argentina como com o Brasil. Por isso mesmo, impõe-se às suas elites bem alto a mais intransigente fidelidade ao passado. E que melhor maneira de significar absoluta solidariedade com os nossos maiores do que construir a Cidade Universitária de tal modo que, se lhe fosse dado volver do seio da eternidade, onde descançam, se sentissem, dentro de seus muros, como em suas próprias casas? — Buenos Aires, 30 de novembro de 1939..

Julio de Mesquita Filho

Dinamismo e Possibilidade

Depois de muito havermos ouvido Martim Francisco III discorrer sobre as vantagens ou antes os milagres de *dinamismo,* palavra que "eletrisava as massas modernas e pretendia transformar o Brasil em enorme loja de louças povoada de inúmeros macacos" descemos êle, D. Zé, sua esposa, Nestor Rangel Pestana e eu ao jardim de sua encantadora casa de campo, sita a meia distância entre São Bernardo e Santo André.

Iamos examinar o grande canteiro de magnificas dálias, menina dos olhos da excelente D. Zé.

Vivia ameaçado por eventual explosão do *furor dynamicus* de Martim que declarava precisar dar arrhas da sua integração completa na legião dos sectários do movimento dinamista e cegamente obedecer ao seu grande lema: "destruir, destruir sempre, para talvez reconstruir, redestruir para reconstruir" "arrancar para talvez replantar" e assim por deante.

Eram lindas, lindissimas as dálias de D. Zé, flores dobradas dos mais delicados e numerosos matizes.

Poz-se Martim a falar da hibridação das plantas e recordou-nos a *Tulipa negra* de Alexandre Dumas, romance que o Pai lhe dera a ler, em menino, fazendo-lhe os maiores gabos.

— E' exato? indaguei indiscretamente, o que do Conselheiro, seu pai, diziam alguns paulistas velhos, a saber que a leitura dos romances de tal modo o empolgava que nem à mesa a interrompia?

Achou Martim impertinente a pergunta e bruscamente me desfechou:

— Já que você se refere a romances: que tal a *Princeza Magalona?* Gostou do *João de Calais?* que tal *Simão de Nantua?* Já não lhe falo em *Carlos Magno e os doze Pares de França* que este você o conhece pelo direito e o avesso. E também as *Simplicidades de Bertoldinho e agudas respostas de Marcolfa, sua Mãe,* não?

— Mas certamente! e ainda a continuação desta obra prima o *Casasseno* outro e *ligitimo capolavoro* escapo, á prodigiosa memória do meu eminente e pirraçavel amigo, que, com tamanha facilidade, e sem motivo, zanga-se de um momento para outro.

Sem se dignar responder à alfinetada encerrou Martim o incidente passando a relatar o que em matéria de flores vira na Europa.

A tal propósito contei o que meu Pai, amante de pimenta, como se baiano fôra, da mais velha cepa *"caramuruica"* se atrevera a fazer nas famosas estufas londrinas de Kew.

Descobrindo uma malagueta em determinado lugar não conseguira dominar-se e aproveitando o fato de se achar despoliciada a zona onde artificialmente vicejava a solanacea despojara a esta de tão apetecida e urente baga, façanha que aliás causara verdadeiro terror a minha Mãe.

Gabava-se meu Pai de ter sido esta a única subtração praticada em toda a sua vida, e acrescentar que a utilização da pimenta de Kew lhe causara o maior prazer.

— Verbera-se-lhe o furto e louva-se-lhe o gesto patriótico, instigado pela nostalgia de origem gastronomica. Se seu pai fosse pilhado em flagrante teria passado maus momentos às voltas com algum sheriff ou cousa que valha porque na Inglaterra não se brinca com as cousas do patrimônio público.

Poderia em todo caso alegar que o seu ato era menos grave do que o de Lord Elgin. Acaso valeria mais a pimenta que a frisa do Partheon, aquela pimentinha de estufa que aliás devia mediocremente arder?

Curioso é que Santa Rita Durão nada fale da pimenta na *Caramurú.*

— Talvez por ser mineiro e não baiano...

— Bem Dr. Martim! observou Nestor Pestana. Felizmente, dissipou-se-lhe a crise do *furor dynamicus* que tanto ameaçou as lindas dálias de D. Zé. A dissertação sobre as tulipas e os casos dos romances do Conselheiro e da pimenta do Visconde de Taunay foram ótimos sedativos. Francamente fiquei meio apreensivo ao vê-lo aproximar-se das dálias armado do terrível alpenstock... Ainda bem que nada sobreveio!

— Só para não desgostar a vocês que com sua oposição misoneista não me deixaram praticar o mandamento essencial do dinamismo.

— São horas do lanche, vamos entrar! convidou D. Zé. Saul está a nos fazer sinais da varanda. Martim amanhã praticará o seu habitual dinamismo com o regadorsinho catita que lhe comprei para molhar as minhas dálias como tanto gosta de fazer.

— Vamos ao lanche! ao melhor café do Mundo feito pelo maior dos brasileiros vivos! expendi.

— Pois vamos! Mas preparem-s vocês para serem severamente doutrinados a fim de que se integrem na torrente nacional do dinamismo, desertando as fileiras do misoneismo, que é um "caso sério".

Dentro em breve estavamos em face das guloseimas preparadas pelo "maior dos brasileiros vivos", o bom Saul Silva, cozinheiro do nosso amfitrião, assim cognominado pelo patrão, porque "em todo o território nacional não havia quem, de longe lhe levasse a palma, em matéria de cumprimento do dever".

Resmungou Martim Francisco, bastante, ainda a propósito de nossos obices ao seu furor dinâmico chamando-nos "retrogrados e obscurantistas como outróra se diria".

— Kágados seria melhor, aparteei. Lembro-lhe quanto tal epiteto esteve em voga pelos anos de 1894 após a vitória florianista, nos tempos em que vossencia. por conspirador, gozava das delicias do xilindró.

— Ainda bem que você nos previne que me achava preso por conspirador, não insinuando que tal detenção eu a haveria merecido por gatuno.

— *A Polícia existe!* recordo o tema famoso e fatidico que

vossencia mandou imprimir no cabeçalho do seu papel de cartas para espantalho dos povos.

— O seu intento é um só: cortar-me o fio do raciocinio...

— Deus me livre de tal! Queira o sr. já e já, guiar-nos para nos lançar às fileiras dos dinamicos. Não o interessou por si de modo algum.

— Agora o Brasil, todo delira depois que descobriu o dinamismo, comentou Martim. Os nossos grandes próceres porfiam, cada qual com mais entusiasmo, em sobrepujar o dinamismo dos emulos.

Inspiram-se no exemplo daquelas nossas formigas que não sei que naturalista, observou, vendo-as amontoar os seus carretos, em determinado ponto, para depois tudo dispersar, levando a carga ao ponto de partida para mais tarde voltar a restaurar o depósito primitivo numa volupia de movimentação inexplicável. Que é isto senão a prática do famoso lema: destruir para reconstruir e redestruir?

— Mais uma vez foram os animais os mestres do homem como no caso do hipopotamo e da sangria, da cegonha e do clister, etc. A formiga vem a ser a nossa grande mestra de dinamismo. A tão malsinada formiga emula das leis em parola e da ferrugem, do mofo e do patriotismo fôfo, do Visconde de Pedra Branca.

— Bravos! Mas você sabe mesmo muita cousa! Parabens! Passemos porém a outro assunto, de não menor atualidade, interrompeu Martim Francisco. Examinemos os efeitos, possivelmente decorrentes de outra formula que como diz o nosso grande senador X paira dominantemente sôbre o nosso panorama nacional", "as nossas possibilidades".

Que fascinio decorre deste trio de palavras que como popularidade está a suplantar a carreira da *brasilidade,* de invenção, ou adaptação recente, da lavra de meu primo Afonsinho (Afonso Celso).

Num abrir e fechar de olhos apoderou-se *brasilidade* do

país mas está perdendo terreno, e muito terreno, ante o avanço das "nossas possibilidades".

As nossas possiblidades! As nossas possibilidades sob suas diversas formas celebradas em todos os tons em todos os nossos cantos e recantos: a onda verde e o ouro rubro, o ouro branco e o ouro negro, e por ai afora.

As nossas possibilidades! Como escaldam o cérebro dos nossos governantes próceres, *leaders* e paredros! Como é que vocês ainda não perceberam o valor imenso desta formula, variante da receita da pedra filosofal, o grande *slogan!* vejam bem *slogan*. Estamos também agora na era do *slogan!* o grande *slogan* de nossa economia contemporânea. As nossas possibilidades! Como só vocês vivem alheios aos grandes problemas do dia da Pátria!

— Estamos à espera de seus esclarecimentos.

— Vou passar a um caso concreto. Não é apologo! é fato autenticissimo! Chega o fim do ano parlamentar e o ministro da Fazenda vai ter com o Presidente da República a lhe falar do orçamento para o exercício seguinte.

Recebe-o o Chefe de Estado, sorridente e paterno.

— Vejo-o nervoso meu caro Ministro. Desassocegado... Estará acaso doente?

— Não Sr. Presidente! Estou simplesmente exausto e sobretudo descrente e desarvorado. Descrente de tudo, dos homens públicos e do nosso país!

— Oh! Evidentemente sente-se enfermo. Cousas da *surmenage;* excesso de dedicação pela causa pública. Não vejo outra explicação para tamanho pessimismo. Afinal que há?

— Meu caro Presidente! venho, com o maior constrangimento, confessar-lhe que, após tremenda luta, consegui reduzir a apenas cem mil contos o nosso grande *deficit* orçamentário previsto.

Ao ouvir esta revelação empalidece o Presidente. Salta da cadeira, num legitimo pulo de kangurú e clama gemebundo:

— Cem mil contos! cem mil contos! Sr. Ministro, cem mil contos!

Acabrunhado, como se fôra homem metido em oratório de aflitos, desfaz-se o ministro em explicações veementes.

— Ouça-me Sr. Presidente! Tem V. Excia. diante de si um homem que a bem da causa pública sofreu humilhações, insolências e até desacatos!

— Como assim?

— Ouça-me Sr. Presidente! A bancada de... queria consignar no orçamento sessenta mil contos para obras portuárias, concedi-lhe a terça parte após haver ouvido as mais duras insinuações. A de... exigia trinta mil para a sua viação férrea. Dei-lhe dez, tendo de enfrentar horrendas cataduras de deputados e senadores. A de... impunha-me a concessão de cinquenta mil para rodovias e quasi me devorou quando lhe prometi doze. E assim por diante. Luta infernal, Sr. Presidente! luta infernal! Basta lembrar-lhe que me bati com os senadores X, Y e Z e os deputados L, M e N... E V. Excia. bem sabe de que força são!

Mas o Presidente, alheio, inteiramente alheio às lamurias do pobre ministro passeia no salão, de um lado para outro, a proferir no mais plangente dos tons...

— Cem mil contos! Cem mil contos!

Em tom de desespero, interpela-o o nosso infeliz gestor das finanças públicas e compressor da despesa orçamentária.

— Sr. Presidente! Venho por à disposição de V. Excia. a pasta com que me honrou. Dê-me substituto mais idóneo e sobretudo mais eficiente.

— Mas meu caro Ministro! revida-lhe o Presidente, desfeito em paternal doçura. Como interpreta mal os meus considerandos! Louvo-lhe os esforços e a coragem! Exalto-lhe a dedicação à causa pública, deplorando a sua terrível luta com as bancadas. Mas discordo dos seus pontos de vista, indubitavelmente patrióticos, mas inadequados ao nosso momento nacional.

— Como? indaga o Ministro, a arregalar os olhos sem saber a que conclusão irá chegar o Chefe de Estado.

Sim! responde-lhe este cheio de meiguice. Nesta luta aspera em que V. Excia. enfrentou o embate das bancadas não pôde fitar, com a devida serenidade, o guia maravilhoso, estimulador

do avanço do país na senda do progresso, a saber: a avaliação de nossas possibilidades! O potencial de nossas possibilidades!

Inflamando-e cada vez mais prorrompe o Presidente.

— As nossas possibilidades, Sr. Ministro! Lembre-se das nossas possibilidades, a que diariamente aludem, mil e uma vezes, os nossos parlamentares e os nossos jornalistas valendo-se de tão formosas imagens. Formosas e exatas!

Recorde-se do que significa o ouro vermelho do café e a sua onda verde! O ouro branco algodoeiro, o ouro negro seringueiro! O ouro verde do mate, o ouro liquido da cana de açucar, a hulha oleacea do babaçú! E quantos mais ouros, ondas a hulhas!

Não Sr. Ministro! V. Excia. não considerou as nossas possibilidades

E vamos fazer um "deficit" de quinhentos mil contos!

Caia o crepúsculo, a encher de sombra o escritório do Andrada.

— Assim, amigos meus, o dinamismo e as nossas possibilidades não podem vocês deixar de tê-los bem presentes à mente, em qualquer instante de sua vida pública e particular.

Zé! Zé! As nossas possibilidades! Aperte dinamicamente o botão que está a seu lado e faça jorrar o *fiat lux* que devemos à nossa hulha branca que é incontestavelmente mais cômoda e mais aceiada do que as nossas duas modestíssimas possibilidades suas antecessoras; a do ouro oleaceo do azeite de carrapicho e do ouro gorduroso de origem animal. Sabem vocês que ainda me lembro de, em pequeno, ver Mamãe (e Vovó, se me não engano) a fazerem velas de sebo para iluminar — e de que modo? — a nossa casa do Piques? Bem! como já está tarde dispensaremos Saul de nos apresentar mais uma vez duas de nossas possibilidades: a infusão do ouro rubro, nascido da onda verde e adoçado pelo ouro branco sacarifero como nos diria o grande latinista, o incomparavel latinista que é o C... a nos lembrar o velho e conhecido prolóquio clássico: sobre o residuo do fundo da xícara *Dulcem est in fundum.*

Bem! não haverá novo café! nem doce nem amargo! Esta-

mos na hora de aplicar o dinamismo às fatias do sublime pernil que Saul nos preparou e a que acompanhará divina cangica. São as minhas possibilidades imediatas de domingo: parcas mas ótimas!

Seis e meia da tarde e vocês tem que tomar o trem das oito. E sabem que a S. Paulo Railway é mais pontual no horário que o nosso J... quanto ao saldamento das contas domésticas.

Vamos pois ao pernil e à cangica de nossa consoada! Pena que vocês não tenham acudido ao nosso ajantarado de hoje. Estava bom! Ah! haverá pão, e muito bom! acompanhando o pernil e com cangica os bolinhos cuja receita Zé contesta pertinazmente seja originária de receituário de minha família. Ciumadas e rivalidades! Vamos vamos!

Passamos a sala de jantar onde já nos espera o sublime pernil. Estava realmente formidável. Mas veio acompanhado de outras demonstrações da arte magnifica de Saul. Afinal chegámos à cangica que pelo consenso geral foi achada incontestavelmente divina.

Falou Martim dez vezes mais do que comeu e nós o ouvimos incomparavelmente mais do que falámos. E fizemos tremendo estrago no sublime pernil, peça capital do excelente brodio.

Regou-o deliciosa água da fonte "verdadeira raridade municipal, de mais extrema raridade", preveniu o nosso anfitrião, porque o prefeito local, "em tremenda e patriotica campanha moralisadora contra os leiteiros via-se obrigado a deixar a seco as torneiras dos seus municipes".

Novo café acompanhado de novos bolinhos, sublimes e divinos, cuja origem ficou então perfeita e definitivamente esclarecida.

Vinham de uma receita da avó paterna de D. Zé, a Baroneza de Itapemirim. Teve Martim Francisco de se dar definitivamente por batido. A grande preciosa formula da pastelaria indigena não procedia do arquivo culinário dos Andradas e dos Buenos. E isto o fez resmungar plo forma.

Às sete e meia ouvimos o soar da campainha do portão, premido o respectivo botão pelo pontual Vicente Russo "o maior dos

cocheiros vivos" porque costumava transportar ao terceiro Martim". E o mais insensato dos cocheiros vivos porque jamais uma chicotada — uma só que fôsse — desferira nas suas nedias e amadas alimarias.

Não tinhamos tempo a perder. Avizinhava-se velozmente a hora da partida do último trem para São Paulo.

— A São Paulo Railway não espera! sabem n'o vocês. E não dá trem mais tarde! E' inexoravel no plano de sequestrar São Bernardo do resto do Mundo! Faz-nos viver dentro do horario de 1870. E como vocês sabem de lá para cá São Paulo não cresceu. Pelo contrário minguou...

— Vamo-nos embora a lhe dar parabens pelas conclusões de sua grande vigilia civica desta noite, cumprimentou Nestor Pestana ao terrível sarcasta.

— Como deve o nosso querido Visconde Reynaldo sentir-se neste momento grato e estes nossos pobres Brasis que lhe proporcionaram tão belos motivos de desencantamento quanto os de hoje, cumprimentei a meu turno. Vossencia esteve sublime e divino! Admirável, insuperavel! Sublime e divino!

— Lá vem você com a sua eterna e estafada cantilena de Visconde Reynaldo e reynaldismo! Se quer ouvir condigna respostas às suas liberdades é facil: volte domingo próximo. O que lhe vale agora é a *São Paulo Railway,* em sua inquebrantavel pontualidade britânica; sequestradora do nosso São Bernardo.

Descemos ao jardim. E Nestor Pestana pediu que evitassemos a passagem pela vizinhança do canteiro das dálias de D. Zé receioso de que ocorresse naquele momento alguma explosão do dinamismo do nosso anfitrião.

— Não há necessidade! declarou Martim. Conseguiram vocês a minha momentânea concessão aquilo que o Taunay professa entusiasmo: o misoneismo.

— Não! protesto contra tão inveridica e perversa insinuação porque não posso perder o trem.

Mas já Martim não me ouvia ocupado em recomendar ao Vicente mais energia para com os seus cavalos a fim de que não fizesse jús ao título de Vicente Banana.

Tomasse tento! não se metesse a emulo de Pedra Banana que por bondade não batia. Sabia mas não queria bater, embora de sobra conhecesse que homens e bichos se governam batendo. E por isto haviam-no os seus governados posto ao olho da rua como prêmio de tamanha e insensata bondade em meio século de prática continua.

— Olha Vicente, não precisas bater! Basta que estales no ar o teu chicote! Basta ameaçar! Assim vais mal! Não desejo que os teus bichos te derrubem da bolea um destes dias ou te mordam e escoceiem!

Ria-se o bom italiano, que não era nada bôbo e achava muita graça naquele freguês excepicional de sua modesta caranguejola.

Beijámos a mão de D. Zé e abraçámos o nosso ilustre insone da "vigilia civica" da vespera, em pról da Pátria e da Humanidade.

E quando as duas alimarias fornidas de Vicente Banana se dispuzeram a mover-se em passadas mais modorrentas ouvimos Martim que se despedia em alta voz:

— Voltem! Vôltem depressa! Saudades a Maria e a D. Sara! E não demorem! Adeus! Adeus! E que a República lhes seja leve!

Afonso de E. Taunay

Como Romeu e Julieta morreram

Escreveu-me o prezado patrício e ilustre advogado Dr. Elisiário Fernandes de Araujo que tendo ido visitar o túmulo de Romeu e de Julieta, em Verona, disse o zelador do mesmo que Julieta não se suicidara com o punhal de Romeu, como está na tragédia de Shakespeare. Morrera da tremenda comoção que lhe causara ver Romeu morto. Comenta o missivista: "A história de Romeu e Julieta que geralmente se conhece é a que o gênio de Shakespeare dramatizou, porisso a mim, principalmente, causou surpresa o que disse o zelador, que sendo natural de Verona, devia conhecer a tradição real do caso, talvez a página mais romântica de tôda a literatura. Procurei algum trabalho sôbre o assunto e nada encontrei, e várias pessoas letradas com as quais tenho conversado ignoram a versão noticiada pelo zelador. Gostaria, agora, de ouvir sua autorizadíssima opinião para me tirar a dúvida".

Nego "minha autorizadíssima opinião", o que me não impede de dizer o que sei. É de fato, mais notória a versão de Shakespeare do que o fato histórico. Quando li aquela carta tinha ao lado um dos príncipes de nossas letras, que, apesar de ter vivido na Itália durante algumas dezenas de anos, e de possuir cultura quatrocentas e quarenta e quatro vêzes maior do que a minha, apenas conhecia a versão de Luigi da Porto, da qual Brooke e Shakespeare tiraram a fantasia do suicídio de Julieta. Outros letrados com quem conversei, e entre êles Nilo Bruzzi que se achava presente e é pesquisador beneditino de homens e fatos da cultura, só conheciam a versão shakespeareana.

E' o triunfo da poesia sôbre a realidade, pois os fatos, tal como se passaram, foram contados pelo historiador de Verona, assim como pelo comentador da peça de Shakespeare na tradução francesa de Guizot (1873) e, também, por Larousse. Eis porque resolvi responder de público àquela carta.

O zelador estava com a razão. Consta da Istoria di Verona del sign. Girolamo della Corte (tomo I, pg. 589 — edição de 1594) o que se segue.

Havia em Verona duas famílias que se odiavam e se guerreavam: os Montecchi e os Capeletti. Em 1303, Romeu Montecchi, de vinte e um anos, de caráter arrojado e de grande encanto físico, penetrou sob disfarce num pomposo baile de carnaval oferecido por Antonio Capeletti à nobreza de Verona. Durante a festa, retirou a máscara e sentou-se no ponto da sala mais iluminado. Viram-se, então, êle e Julieta, e tomaram-se de súbita paixão. Na dança final, chamada **dal capello**, Romeu arrebatou-a do braço de Mercutio, e ela, num transporte incontido, disse-lhe: "Bendita seja sua vinda!" Julieta dançava a contragôsto com Mercutio, cuja mão, sempre fria, lhe causava repugnância. No fim da dança Romeu pôs-se a serviço de Julieta, que lhe respondeu: — "Ai de mim, que já vos pertenço mais do que a mim mesma". Seguiu-se o idílio secretamente, até que frei Leonardo, um franciscano amigo, os casou sob sigilo, tendo-os feito ajoelhar, Romeu de um lado e Julieta do outro lado do confessionário, como se cumprissem o preceito da confissão quaresmal. Logo depois das festas da Páscoa entram em conflito na rua um bando de Capellettis e outro de Montecchis. Nessa luta, Romeu, por mais que o evitasse, atravessou a garganta de Tebaldo, primo de Julieta, que o atacara com violência. Tebaldo morreu dêsse golpe e Romeu foi banido de Verona. Julieta, receiosa de que, como o seu casamento fôsse ignorado, obrigassem-na os pais a aceitar outro marido, recorreu a Frei Lonardo, que era "muito sábio na arte da magia". O frade deu-lhe a beber certo pó, que a faria pas-

sar por morta durante algumas horas. Seria sepultada no túmulo da família situada na igreja do convento, e o frade viria acordá-la à noite, e a despediria para a cidade onde estava Romeu, a quem seria dado aviso. Foi realizada a primeira parte dêsse embuste. Naquela noite, porém, Romeu sem ter recebido notícia do combinado, penetra em Verona. Sabe da morte de Julieta, corre a seu túmulo, levanta-lhe a lousa, e cobre de lágrimas o corpo inanimado da amante. Toma, em seguida, um veneno violento e morre abraçado a Julieta. Termina, então, o efeito do narcótico. Julieta desperta e vendo Romeu morto, tem tamanha dor que sem dizer uma palavra, falece debruçada sôbre o amante.

O historiador teve ocasião de ver o túmulo dos dois amantes, junto a um poço, o qual estava servindo de lavadouro de um asilo de órfãos, que se construiu no local. O túmulo parece ter desaparecido depois. O que atualmente ali se acha será uma cópia dêle, a serviço do turismo internacional. Quando estive no Jardim das Oliveiras, em Jerusalém, um guia assegurou-me que uma daquelas oliveiras era do tempo de Jesus, com mais de mil novecentos e trinta anos. Os guias não merecem muito crédito, mas o zelador de Verona contava a história real. A obra de Della Corte veio a público em 1594. A tragédia de Shakespeare foi representada pela primeira vez em 1595, no palácio de Lord Hundsdon. Não havia tempo entre essas duas tão próximas datas para que Shakespeare conhecesse a obra de Della Corte.

Em 1535, porém, Luigi da Porto, houvera publicado uma novela sob o título Giuletta, alterando a verdade histórica, pois fêz Julieta matar-se com o punhal de Romeu. Dessa novela se serviu o poeta britânico Arthur Brooke para escrever um poema em inglês sob o título — História trágica de Romeu e Julieta, — do qual Shakespeare se utilizou para sua tragédia.

Eis como se formou a versão do punhal.

Há, entretanto, divergência entre a novela de Luigi

da Porto, na qual Romeu morre depois de Julieta haver despertado e trocado com êle as mais sentidas lamentações, e o poema de Brooke no qual Romeu morre antes de Julieta voltar a si. E' aceitável a explicação aventada por alguns críticos de que Brooke tenha achado mais dramaticidade no silêncio alucinado de Julieta do que em um diálogo de despedida entre os dois amantes. Shakespeare seguiu êsse poema ponto por ponto na tragédia por não conhecer outra versão.

Procurou tirar do silêncio de Julieta o máximo do contraste, pois em tôda a peça se dilata como habitualmente o faz, em reflexões e comentários, sempre profundos e de rara beleza, pelo que se permite prolixidade.

No seu mare-magnum verbal, o desfêcho trágico surge como se um rochedo fatídico emergisse, de repente, das águas tranqüilas em que velejava o idílio num barco frágil, no qual Julieta e Romeu gozavam do mais puro e mais encantado amor.

O que vige e viça desde a prótase do poema dramático, é a alegria da deliciosa primavera de dois corações que se juntam maviosamente. A gôndola desliza, florida e enfeitada, e os dois amantes, olhos nos olhos, bôcas nas bôcas, abraçados e perdidos de amor, abandonam os remos, esquecem-se do leme, e deixam-se vagar ao léu, entre as flores de espuma que as próprias águas lhes oferecem para seu epitalâmio. E' a epítase, ainda feliz. Sùbitamente, as águas do destino começam a encrespar. A névoa deliciosa que enleva os amantes só lhes deixa ver a si mesmos.

Que importam as águas, que importa o mundo, que importa o universo a um casal que loucamente apaixonado se funde num beijo, alando-se, em pensamento, a regiões de êxtase e de sonho? Surge-lhes pela frente, um rochedo. Ouve-se de súbito um baque e um fracasso. Cai o amante morto. Desconjunta-se, fracciona-se, cominui-se e deixa-se engolfar pelo maremoto o cândido barco nupcial. A tragédia é tão inopinada e tão inelutável, que qualquer expressão vocal humana, a não ser um grito de es-

panto, um ai sangrando do coração à bôca, perdendo-se no estrépito da terrível colisão, seria um atentado à grandeza épica do desfêcho. A morte de Julieta por síncope — tal como se dera — pareceu ao poeta Brooke que diminuiria a gama ascendente da tragédia. Recorreu, então, ao punhal de Romeu, daquele amante sem igual, que Shakespeare faz desferir seu último canto de amor, nos belos versos seguintes:

O, my love, my wife!
Death, that has suck'd the honey of thy breath,
Has had no power yet upon thy beauty;
Thou art not conquer'd; beauty's ensign yet,
Is crimson in thy lips and in thy cheeks;
And death s pale flag is not advanced there!

Cláudio de Souza

A Província de São Paulo na Propaganda Republicana

Na Província de São Paulo, afóra manifestações esporádicas pela República, só depois do lançamento, na Côrte, do manifesto nacional de 3 de Dezembro de 1870, é que as figuras de prol começaram a agremiar-se sob a bandeira sugestiva do novo credo.

Desenvolveu-se então a propaganda sistematizada em pregação oral, na Capital e no Interior, ao mesmo tempo em que gemiam os prelos e, de quando em vez, se reuniam os congressos partidários.

Na verdade, só dois paulistas (e êstes mesmos — Souza Campos e Miranda Azevedo — apenas doutorandos de medicina no Rio) assinaram o corajoso pergaminho traçado por Quintino Bocaiuva, ao depois, consagrado como o príncipe do jornalismo brasileiro.

Entretanto, a Convenção de Itú, realizada aos 18 de Abril de 1873, decorridos pois só dois anos e pouco do manifesto nacional de 3 de Dezembro, chantou um marco indestrutível no movimento republicano do Brasil, quer pelas suas conclusões audaciosas, quer pela qualidade alfa e a ponderável quantidade de seus convencionais.

Da pleidade notável dos novos bandeirantes que se assinalaram no combate destemido e produtivo pelo regime, que havia de arribar na manhã de 15 de Novembro de 1889, só Prudente de Morais, o taciturno advogado de Piracicaba, ainda porventura ligado aos compromissos com o Partido Liberal, deixara de tomar imediatamente posição nas fileiras da comunidade republicana paulista.

Tanto isso é certo que não comparecera à Convenção

de Itú. Quem lá se assentara fôra o seu irmão mais velho e mais expansivo,o depois Senador Manuel de Morais Barros. Mãos de aduladores, dessas criaturas salafrárias de todos os tempos, enxertaram, mais tarde, na ata do memorável conclave o nome de Prudente de Morais, como se tivesse sido um pecado a sua ausência no sobradão de Almeida Prado, na "Fidelíssima" Itú, por aquela tarde cívica de Abril. Á simples olhada no precioso documento, que está salvo de qualquer destruição, percebe-se o acréssimo indevido.

Só de 1874 para diante, aquele que os pósteros crismariam Santo Varão da Democracia começa a ocupar definitivamente o seu lugar de destaque no diretório republicano de São Paulo, que promove, nesse ano, o segundo congresso partidário.

E' desde quando a propaganda ganha mais intensidade e ressonância, cooperando com os homens sérios e bons a estudantada brava e sôfrega do antigo Convento de São Francisco, a quem cabe papel de verdadeira predestinação nos movimentos sociais e políticos do Brasil.

Américo Brasiliense, o lente da Faculdade de Direito; Francisco Pestana, o educador e jornalista do órgão, "A Província de São Paulo"; Campos Sales e Bernardino de Campos, os tribunos populares de Campinas e Amparo; Américo de Campos, o redator do "Diário Popular" que só escrevia e não falava; Prudente de Morais, o taciturno advogado de Piracicaba; Cesário Mota Junior, o médico da pobreza de Capivari; Luiz Barreto, o positivista de Jacareí; Martinico Prado, o bandeirante da Terra Roxa; Miranda Azevedo, o veterano do manifesto de 70; Luiz Gama, o sublime abolicionista; Francisco Quirino, o literato de Campinas; Cerqueira César, o gigante de Guarulhos; João Tibiriçá, o fazendeiro de Itú; Alberto Sales, o sociólogo separatista: — eis aí, sem falar ainda em Vitorino Carmilo, Lopes de Oliveira e no rábula campineiro Francisco Glicério os mais conhecidos generais dessa afanosa e longa

campanha que duraria até a página dolorosa da deportação da família imperial.

Vinham abaixo, colocados, aí apenas pela inexperiência da idade juvenil, inumeras outras figuras, tais como Julio Mesquita, Bueno de Andrade, Alfredo Pujol, Paulo de Morais Barros Cesário Bastos, Herculano de Freitas, Cincinato Braga, Adolfo Gordo, para só citar pequeno grupo numa falange.

Souberam quase todos êsses magníficos paladinos, em dezenove longos anos de luta, esperar pela República. Apesar de que, por vezes, desânimos e desilusões os salteassem, quando êles voltavam à peleja, depois de pequenos prazos, eram armados da vontade tenaz de vencer. E o que se mostra mais edificante: nenhum desertou das fileiras arregimentadas, nenhum praticou a apostasia do novo credo que tão longo tempo custou a sobrevir. Que êsse exemplo inspire os fracos de tôdas as épocas.

Já se não diga a mesma cousa de outras circunscrições do vasto Império. É sempre triste lembrar o episódio do grande Lafayette Pereira, que trocou as suas idéias pela pasta de Ministro da Justiça, no Gabinete Sinimbú, a qual, por sinal, valia bem menos que os seus méritos intelectuais.

Deu que falar sobremaneira de si o episódio Lafayette Pereira nos arraiais paulistas, que chegaram a convocar e realizar mais um congresso partidário (1878), para desmanchar o mau efeito produzido no seio dos correligionários.

Por êsse tempo, a Província já colocara na Assembléia Legislativa, como deputados republicanos: Prudente de Morais, Martinico Prado e Cesário Mota Junior.

Não alcançaram assento, por derrotados em pugna célebre: Campos Sales, Francisco Quirino e Rangel Pestana.

Após seis anos, penetravam o Legislativo Nacional, recebidos em apoteose retumbante nas ruas da Côrte: Prudente de Morais e Campos Sales. Com Alvaro Botelho, eleito por Minas Gerais, eram os primeiros parlamentares republicanos escolhidos pelo Brasil. Terminados, porém, os seus mandatos, aos 1885, não mais conseguiriam eleger-

se aquêles dois delegados paulistas tão maltradados por Afonso Celso, em seu "Oito anos de Parlamento".

A última derrota por êles sofrida trouxe indiscutivelmete um certo desmaio no ânimo das hostes do novo evangelho, que se galvanizaria, outra vez, a partir do derradeiro congresso partidário, presidido por Prudente de Morais (1887). Não obstante, Américo Brasiliense, que constituia a figura mais alta dos republicanos históricos, andava desconfiado e arredio.

Mas, de 1887 em diante, reativam-se principalmente as visitas ao interior pelos tribunos do partido, em pregação apostolar. Glicério, Prudente, Pestana, Campos Sales, Bernardino e outros, espalham-se pelas quatro direções da Província.

Após a Lei Auréa (13 de Maio de 1888), essa propaganda assume proporções impressionantes. Com a volta, do Setentrião do Brasil para Santos, daquela terrível figura de orador de rua que se chamava Antônio da Silva Jardim, o otimismo se transborda.

"A Província de São Paulo" e o "Diário o Popular", por sua vez, são coadjuvados pela "Cidade de Santos", sob a direção de Martim Francisco, o terceiro, "A Platéia", de Araujo Guerra, e "O Rebate", fundado e dirigido pela pena panfletária de Julio Ribeiro.

Por sinal que Ribeiro e Jardim, os dois mais ardentes democratas de São Paulo, quase nada sobreviveriam à Monarquia: aquêle, minado pela tuberculose; êste, engulido pelo Vesúvio.

Aos 24 de Novembro de 1888, já invadido da idéia republicana, levanta-se, na Capital, o 17.º Batalhão de Linha, que é contido pelo Chefe de Polícia, Dr. J. J. Cardozo de Melo Junior.

A despeito disso, fere-se o derradeiro pleito geral do Império com a derrota total dos republicanos. O Marechal Deodoro da Fonseca, que passaria pelo porto de Santos, oriundo de Mato Grosso, através do rio da Prata, censu-

raria os paulistas, lastimando o seu descuido ou o seu desprestígio.

Todavia, a Republica estava por alguns mêses. Tem-se a impressão nítida de que, confiante nisso, a falange de São Paulo, a êsse tempo cuidava mais da conspiração contra o regime vigente que do próprio pleito para o Parlamento Nacional.

Chega a desaparecer das cavalheirosas figuras dos expoentes domocráticos aquêle traço de educação que os caracteriza. Não existe mais nêles o costumado respeito pelos vultos imperiais. O Conde d'Eu, contemporaneamente visitando Campinas, assolada pela febre amarela, é maltratado e injuriado.

Seguidamente, explode, em São José do Rio Pardo, aquêle pitoresco episódio em torno de Francisco Glicério, que termina pela proclamação da República, uma República efemeríssima, que duraria apenas um ou dois dias.

Todavia, a República estava apenas por alguns mêses. O quase septuagenário trono bragantino, já fóra do prumo, vinha perdendo as suas derradeiras escoras. O velho e magnânimo Pedro II não tinha mais forças para impedir a queda próxima. Cairia com a unidade do Império. Só a Federação, o regime adequado para o Brasil, talvez pudesse salvá-lo.

Aureliano Leite

Rezas do Diabo

Com uma comoção intensa e misturada andei lendo êstes dias as "Rezas do Diabo", o livro postumo de poesias de Wenceslau de Queiroz. E se em primeiro lugar me tomavam e me encegueciam as lembranças do homem que conheci, mais me assombravam, ainda os impetos e os sentimentos que ditaram a criação dêsse livro. É verdade que sempre se poderá evocar o exemplo de certos autores de além-mar, um Rolinat, um Guerra Junqueiro, um Baudelaire, como inspiradores da razão primeira destas "Rezas do Diabo", mas na verdade há muita coisa de mais intimo, de mais pessoalmente determinante num sêr para que uma obra destas se crie.

Certamente Wenceslau de Queiroz havia de estar muito próximo de Deus para detestá-lo tanto... Que raiva contra Deus! Que ódio miudo e paciente contra a religião! Lendo-se por inteiro o livro percebe-se bem a psicologia do autor. Wenceslau de Queiroz pôs tanto cuidado em detestar, buscou com tanta minúcia os mil e um geitos de ridicularizar Deus, de pôr em cheque a religião, denunciando-lhe as culpas e os ridiculos, que se percebe a doutrina de detestar, em vez de o ódio impulsivo e candente. Percorre-se em vão o livro em busca de um sentimento mais intempestivo, uma colera mais explosiva. Os temas são procurados, são escolhidos, são dosados, e variam com uma paciência de artista verdadeiro.

Até que ponto pode considerar-se sincero o ódio de Wenceslau contra Deus? É muito difícil de dizer, lido integralmente êste livro terrivel. O que parece mais possível é, como disse de princípio, que o poeta paulista estava ainda muito próximo de Deus e da religião, tinha-os muito consigo, e por isso bus-

cava cuidadosamente, com a aquisição certamente sincera de um novo ateismo, desligar-se de todo êsse passado que o prendia. E que o encantava. E, com efeito, como que a contragosto, êle deixa, uma vez por outra, escapar, no meio dos seus insultos, risadas e blasfemias, algumas doces frases sôbre Cristo e a religião, que soam no livro, êstes sim, como golpes impensados, como irupções inconscientes de uma saudade. Escute-se este delicioso soneto de Natal:

Não sei que oculta mão nos leva, sei apenas
Que vamos caminhando ás tontas, caminhando,
Sob a carga mortal de misteriosas penas,
Ante a fôrça minaz do horoscopo nefando...

Mas o oasis do amor, em miragens serenas,
Nos sorri, nos atrae... E passa o nosso bando
Embalado na voz de estranhas cantilenas...
E vai cantando... e vai sonhando... e vai passando...

Bendito seja o amor que enfeita de sorrisos
A terra, e faz sonhar, criando paraisos
No céu! Bendito seja e no céu e na terra!

É o amor que nos dá os Cristos pequeninos...
Bimbalhae, bimbalhae no azul, sonoros sinos!
Dos convales em flôr ás cúspides da serra...

Não sei de poeta cristão que não pudesse assinar tais versos. E são frequentes, não sonetos inteiros, mas passagens, em que o poeta deixa correr nos seus versos satânicos, um habito cristão. E por certo não foi atôa que escolheu entre os seus temas, e o resolveu num bonito soneto, aquela visão perigosissima de Santa Brigida, que viu Jesus oferecer o seu paraizo ao próprio Satanaz, desde que este dissesse uma pequena palavra de arrependimento...

Tudo me leva a crer que o assunto de revolta contra a Divindade, escolhido por Wenceslau de Queiroz para compôr as suas "Rezas do Diabo", não foi de méra escolha literária,

nem por intuito de escandalizar· Foi sincero. Apenas está longe de ser um ateismo, nem chega siquer a ser um anti-clericalismo. A maior raiva que Wenceslau de Queiroz mostra no livro é contra si mesmo, êle argumenta, e argumenta fragilmente contra o que mais o atrae e de que êle busca se libertar por alguns maus mandamentos da razão possivelmente... racional. Eu tenho um amigo mais ou menos nessas mesmas condições. Apaixonado de folclore, assiste ás mais ridículas e feiosas cerimônias de feitiçaria, buscando em cada gesto, em cada frase, uma beleza a admirar, mas outro dia me confessava que, obrigado a ir a uma missa católica, achara tôda a cerimônia de um enorme ridíclo! Ora, não há coisa mais bela do que a liturgia católica, já nem falo no esplendor das grandes missas cantadas e dos "Te-Deuns", falo das missas baixas, cuja simbolica, cuja simplicidade, cujo cerimonial é de uma beleza admirável. E o perigo talvez esteja justamente nisto. Desde que um indivíduo começa a perceber as belezas sublimes de uma religião como o Catolicismo, é que êle se libertou de uma vez da mística atração dessa liturgia e aboliu Deus dos seus impulsos tudo fazendo objeto de méra contemplação. Mas quando o indivíduo acha ridícula a missa ou reza ao Diabo, esse ainda está próximo demais da Divindade para que nos inquiete.

A publicação deste livro postumo chega em tempo para que possamos dar a Wenceslau de Queiroz o lugar muito distinto que lhe cabe em nosso Parnasianismo. É certo que eu não morro de amores por essa tendência tão falsamente literária, que é o Parnasianismo, e a considero a principal culpada do desnorteamento do verdadeiro sentido da poesia entre nós, por quarenta anos ou mais. Mas não tenho, por outro lado, o menor receio de lhe reconhecer os valores, principalmente tecnicos que teve, maior cuidado com o verso, enriquecimento da temática. E isto, pricipalmente em parnasianos que não se deixaram levar pela mística parnasiana, como é o caso de Wenceslau de Queiroz·

É assim que não se encontra neste livro um falso verbalismo, um acesso de verborragia. O verso é correntio, a linguagem franca, leal, sem o menor rebuscado de palavras raras e

sonoridades de espantalho. Esta é, de resto, uma das qualidades mais simpáticas do parnasianismo paulista. Os nossos verdadeiros parnasianos, como um Wenceslau de Queiroz, e principalmente poetas tão grandes como Amadeu Amaral e Vicente de Carvalho, jamais se entregaram á miragem falsa dos palavrórios estupefacientes. Foi preciso que uma segunda geração de parnasianos viesse, com Martins Fontes e alguns seus contemporâneos, para que a poética paulista puzesse de lado aquela sua cômoda simplicidade, aquêle dizer sincero e familiar, que é da nossa melhor tradição, desde Matias Ayres. Wenceslau de Queiroz segue esta tradição, seus versos correm com uma naturalidade de conversa, respeitando até os hiatos, coisa tão rara em nossa dura métrica parnasiana..

E essa naturalidade me evoca o homem simples que eu conheci e que foi meu professor de estética, no Conservatório de S. Paulo. Porque houve um tempo em que o nosso Conservatório, tão cheio de agradaveis tradições, apesar da sua pouca idade, possuia uma cadeira de Estética. Retiraram-na quando a ela subi como catedrático. Não vê que no ano anterior, ao dizer minha última lição, eu insistira com os meus alunos a que estudassem mais seriamente as matérias intelectuais da música, história, estética. Porque assim, dizia eu, quando se formassem, poderiam interpretar mais livremente e se libertarem dos seus professores de piano e outros instrumentos. E lembrava o ridículo desse costume comum de um aluno já formado, ao receber um convite para tocar em alguma festa de caridade, ir correndo ao professor, para "repassar" as músicas e saber se estavam certas. Ora, é sempre certo que nem sempre todos os nossos alunos são nossos amigos. E um tive que foi contar ao seu professor de instrumento que eu aconselhara os alunos a se revoltarem contra os seus professores. A repulsa foi geral, houve reclamação, pelo que me contou o dr. Pinheiro da Cunha, então diretor do Conservatório, e como não me podiam tirar a mim, já catedrático, sem algum escândalo, ficou resolvido que se suprimisse a cadeira de Estética.

O professor dessa cadeira, no meu tempo de aluno, era Wenceslau de Queiroz. Um professor amavel, sem muito entu-

siasmo, não só agnóstico mas ateu, seguindo sem malícia as doutrinas de Mário Pilo. Mário Pilo era o deus das nossas aulas, e nós iamos recebendo, da boca do nosso mestre, citações e citações dêsse pouco importante italiano. Mas Wenceslau de Queiroz tinha a generosidade de não obrigar ninguém a adotar a doutrina que pregava· De resto, estava lidando êsse ano com uma turma muito viva de alunos, em que havia mesmo alguns "azes", como Lúcia Branco da Silva e creio que Nair de Carvalho Medeiros.

Nisto chegou o momento de estudarmos o Belo. Ah, nêsses bons tempos eu tinia de ardores católicos, e só esperava êsse ponto para sustentar a existência de Deus, como a Beleza perfeita. Foi um Deus nos acuda! O bom do professor permitira a· contradição em aula, e não sei se abusei da licença, mas tenho até hoje a convicção de que nem sempre fui batido em nossas discussões. Os outros alunos espiavam, assombrados, torcendo por mim. É certo que nem todos me davam razão, e muitos, principalmente os poucos homens, blasonavam de increus, mas havia o espírito de classe, que chega a vencer as guerras de religião. De forma que, embora me julgassem um pouco pedante pela coragem de discutir com um mestre, a turma torcia por mim.

Mas não era ela que me dava minha maior coragem e sim o próprio Wenceslau de Queiroz. Eu era, desconfio, o tipo do espertinho, e Wenceslau de Queiroz gostava de mim. Muitas vêzes êle puxava de propósito a discussão, e esta se prolongava além das aulas, indo muitas vêzes terminar na secretaria do Conservatorio, onde êle me levava no ardor da conversa. Hoje, desconfio que êle tinha um disfarçado orgulho de mim, e me queria dar por espetáculo aos outros professores, lhes mostrando o aluno que fazia· No tempo, eu não soube corresponder a isso e detestava o ateu. Mas passaram-se os anos, acalmaram-se os nossos ardores religiosos e a morte quebra facilmente quaisquer ódios. E se não posso louvar a pueril temática destas "Rezas do Diabo", sinto prazer reconhecendo em Wenceslau de Queiroz um excelente poeta, de versos lisos, de boa tradição.

Mário de Andrade

Escritos vários

DA LEI DA IMPRENSA?

Inabundantes de lógica e relativamente vazias de justiça, correm mundo algumas querelas e censuras a propósito da recente lei que, diminuindo a nossa velha liberdade de imprensa, de fato anulou os §§ 24 e 12 da moribunda Constituição Federal. Delas, porém, uma é inegàvelmente razoável: entrar a lei em execução sem ter sido regulamentada. Gorda e complexa de intuitos, variada de assuntos, dissidente das tradições nacionais e revogatória de muitos textos jurídicos, o complemento duma regulamentação executiva lhe era como que obrigada cena do seu desentrecho. Pois foi o que de todo lhe faltou.

Fácil é reconhecer que desde 1893 a índole do regime dominante, a atividade social dos presidencialistas que manobravam e manobram a passividade do país, e sobretudo as sucessivas sinceridades de ex-tribunos serviçais do despotismo, estavam aconselhando e aguardando uma reforma restritiva dos usos do pensamento brasileiro por meio de tipos e de tipografias. Reforma, aliás, de pleno acôrdo com o art. 15 da citada moribunda, que só permite poderes independentes quando harmônicos entre si. E' claro que, se o primeiro magistrado nacional, centralizando ali no Catete a responsabilidade do poder público, representa a opinião vencedora pela legalidade do sufrágio legítimo é o seu predomínio na marcha dos acontecimentos, e conseqüentemente aceitáveis a adaptação do legislativo e a curvatura do judiciário aos dizeres e aos ditames de sua vontade soberana.

Que a jovem lei com as circunstâncias da pátria pode,

irmanada, viver em santa paz, demonstrado ficou pela quietação com que, tanto de norte a sul como de este a oeste, o povo lhe acompanhou o prolongadíssimo e emendadíssimo debate, oferecendo-lhe mesmo larga hospedagem na maior, na mais organizada, na mais efectiva das instituições nacionais: a paciência.

E, agora ainda, inevitada porque sancionada a republicana reforma, do jornalismo carioca — o interessado mais ferido por ela — ou partem aplausos delirantes de obediência, ou pulam increpações pessoais, apodando de desertores às promessas da propaganda os votos legislativos que acabam de pôr em estado de sítio, perene e caro, o direito de escrever em terra brasileira. De reclamar a regulamentação da lei ninguém se lembrou!

Injustas, entretanto, no seu entono absoluto, essas críticas pessoais. Que, especialmente no Brasil, mudar nunca foi desertar, afirmativa é que desafia réplicas. Basta um exemplo para fortalecê-la: Joaquim Saldanha Marinho, o modêlo da respeitabilidade competente, tendo manejado nos arraiais conservadores suas primeiras armas de partidarismo, foi nas fileiras liberais conselheiro do rei e, acatado chefe republicano, preparava na popularíssima frase "não era esta a República que eu sonhava" mudança para lugar incerto e não sabido quando, inexorável, a morte o levou para situação definitiva. O assinalamento dêsse conhecido caso dispensa-me de ir além de meras alusões no de Emílio Olivier trocando a cadeira da bancada republicana pela tentativa bonapartista do império liberal, e no abandono da liga Acaia pelo genial filho de Lycortas.

Tendo passado por todos os tramites regulares a lei da imprensa, passo-me para ela. Faço-o com o muito louvável intuito de melhorá-la, já que tenho de suportá-la. Faço-o convencido de que a sua regulamentação, aqui por mim alvitrada, vale um serviço interessante, nobre, ordeiro, tão útil e tão exequível como a tabela Lira; significa um problema que bate profanamente à porta dos

acontecimentos, mas que não me encontra desprevenido pois já o esperava com algumas idéias, poucas porém práticas e viabilíssimas. Idéias que, suponho, a inevitável comissão que vai ser nomeada para solucionar o momentoso caso homologará sem discrepância. Idéias que, salva a redação, cabem sem esfôrço no próximo futuro regulamento. Ei-las:

— Sofrerão as mesmas penas, na cadeia e na carteira, tanto os jornalistas que injuriarem as autoridades constituídas como os que, embora visitantes da verba secreta, se excederem nos elogios ao poder público.

§ — E garantido o aumento da terça parte da pena ao jornalista que qualificar de ilustrado qualquer dos políticos poderosos que, para distinguir o substantivo do adjetivo, costume recorrer ao dicionário.

— Duplicando de formato, passará o "Diário Oficial" a chamar-se "Grande Pêta". Seus artigos editoriais, diários, terão invariàvelmente duas colunas, governista uma, incluindo todos os ministro na Santíssima Trindade; oposicionista outra, reclamando sempre a imediata remessa dos Senadores Irineu Machado e Paulo de Frontin para Fernando de Noronha.

§ — O pessoal será pago em prata, mas com cauteloso atrazo de onde meses.

— Uma vez por ano, de preferência em data de 1 de abril, haverá na polícia uma banca de exame para habilitação dos jornalistas. A melhor nota será "simplesmente". A reprovação não inabilitará o candidato, exceto se não souber êle responder a êste ponto cujo sorteio é obrigatório:

"Tendo de noticiar que um juiz, filho de senador, tirou cinco contos de réis que, da gaveta do escrivão, tinham de ir para o depositário público, como há de o jornalista redigir a verdade evitando a prisão e a multa?"

***

E' o que tenho a dizer da lei da imprensa.

NÃO APOIADO!

Correta de intenção, falha todavia como tôdas as decisões muito absolutas, a sentença oficial do distinto ministro dr. Miguel Calmon, condenatória da imigração armênia porque comerciante e não lavradora, está a provocar e merecer um forte "não apoiado".

Para êle contribuo, dissentindo pela primeira vez do aplauso com que sempre acolhi palavra e atos do inteligente e estudioso baiano. Afluem-me para isso motivos, e me não faltam razões.

Subordinado hoje a influência, branda porém efetiva, da política mineira, deveria ter o eminente funcionário refletido um pouco mais, antes de, num traço de pena, divergir daquele pensador mineiro de nascimento, William Draper, aconselhante de respeitosa gratidão aos serviços dêsse tradicional agrupamento dos povos que, da baixada ocidental da Ásia, transmitiram ao ocidente crenças, teorias e doutrinas, hoje patrimônio moral da humanidade inteira. A êsse conjunto intermediário de civilizações pertenceu o armênio.

Capitulando-o de indesejável ao Brasil, dizendo-o comerciante e não lavrador, abusou o estimável ministro do muito relativo direito de enganar-se. Em qualquer núcleo policiado maior de vinte mil almas, hodiernamente há de tudo: nêle respiram desde o sandeu que concorda com tudo quanto vê até o talento, socialista em regra, que acompanha a marcha da ciência, aguarda os embates demonstrativos de Einstein, pensa no futuro da espécie e duvida das infalibilidades governamentais.

Há disso entre os armênios; assim como nós, contam êles sapateiros e poetas, alfaiates e estadistas, ferradores e financeiros. Têm, outrossim, lavradores e comerciantes. De que lhes serviria o comércio sem a produção que o alimentasse? De que servem os produtos sem as necessidades da troca atendidas pela lei da oferta e da procura? No mundo inteiro, e a Armênia dêle ainda não foi ex-

cluída, a profissão de comerciante jamais excluiu a de agricultor; completam-se até, harmonizando interêsses. Haja a êsse respeito lembrança daquele Dardanarius, sagaz armênio, resistente às oscilações do mercado, e que atirou ao mar grande quantidade de trigo para quadruplicar o preço dos moios que reservara.

Não só por isso, mas também porque trago ao debate matéria nova solidificada em documento novo, embargo a aludida e não veneranda sentença oficial: matéria relevante, firmadíssima em documento existente na Secretaria da Agricultura. À sentença geral do ministério oponho um caso concreto: Fares Metran.

Metran, bem orientado por várias informações, veio da referida baixada civilizadora para o Brasil há trinta anos. De mascate ascendeu a lojista; ganhou nessa mudança e mais, muito mais, na passagem de comerciante a lavrador. Comprou e valorizou enorme área em arrabalde da capital paulista. Entregou-se ao cultivo de muita uva, com tanto proveito que, em espetaculosa exposição promovida pelo ministério da Agricultura, obteve medalha de ouro de primeira classe". Obteve... é um modo de dizer. O que o vinhateiro ex-mascate recebeu foi um ofício magnìficamente impresso com tôda a antiga liberdade de imprensa, comunicando-lhe que "lhe fôra conferida medalha de ouro de primeira classe em virtude de etc." Quando, porém, de ofício em punho, a foi buscar, o que de fato obteve foi esta resposta decisiva:

— Ora! Outro ofício, senhor Fares Metran!

E desde então, azedadas as uvas, na memória, anda o infeliz a pensar, a meditar na medalha sete dias por semana. Não raciocina sem ela; é-lhe sua idéia fixa. Autopsieem-no e verificarão estar sua cabeça internamente com a forma de medalha. Conheço-o: é um cérebro de concepções rijas.

Em qualquer outro país, na Inglaterra ou no Congo por exemplo, a dificuldade poderia ser imediatamente removida pela entrega de gratificação a dois ou três fun-

cionários da repartição; no Brasil, porém, êsse sistema administrativo é sabidamente impraticável.

Um recurso, todavia, ainda resta a Metran sem medalha: o de os altos poderes constitucionais, convencidos como ajuizadamente se acham do nem um valor de medalhas no bôlso alheio, mandarem que se realize a entrega real e efetiva daquela que Metran apenas recebeu em promessa oficial. Seria a prática do "seu a seu dono" com a possível eficácia. Cautela, muita cautela porém, com os perigos do retardamento; pela demora na restituição da Arca da Aliança aos seus legítimos donos, os filisteeus foram multados. E que multa!

Caso minúsculo, trivial, inimportante, ponderar-me-ão. E'-o talvez. A história, porém, anda cheia de grandes conseqüências filiadas a pretextos mais fúteis do que as parreiras de Metran. Cortada, a cauda do cachorro de Alcibíades revolucionou Atenas: um errado acento agudo na palavra "ligítime" aguçou a diplomacia russa e quasi promoveu guerra européia.

Mude, mude pois de opinião o ilustre e também ilustrado (posso asseverar que s. excia. é dado às letras) ministro da Agricultura a respeito dos armênios; e, mesmo, se lhe parecer convinhável, mude-os para o Brasil. São laboriosos, pacatos, honestos em sua maioria; significariam para o nosso país uma excelente aquisição.

Desaproveitadas pela incultura, temos tantas terras para os abrigar! Só as do Aguapeí, nas lindas margens do rio Feio, com os seus quinhentos e alguns mil alqueires hoje em evidência por haver nêles semeado a política várias discórdias, podem receber e colonizar todos os armênios em disponibilidade. Alargam-se elas em tamanho de doze mil e cem quilômetros quadrados: quase um terço de Sergipe, mais dum terço da Bélgica, mais dum quarto do Espírito Santo, dez vêzes o Distrito Federal, quatro por cento de todo o Estado de S. Paulo deduzidos os territórios que, recentemente, o Paraná lhe tirou sem pro-

testo, e pròximamente lhe vai Minas tirar sem muito esfôrço.

Um alvitre sobremaneira viável: recebidas pelo govêrno da União essas tantas terras em pagamento do eterno débito das valorizações de café, e retalhadas a preço baixo pelos imigrantes armênios, só as primeiras prestações dariam para equilíbrio orçamentário no corrente exercício. Daí melhoria de câmbio; daì barateamento do feijão, preto ou mulatinho.

Uma circunstância, esperada e inesquecível, auxiliará a viabilidade dêste meu plano salvador. Pertencendo tôda a região do Aguapeí a todos os políticos paulistas, todos, é voz corrente, por desistência as restituirão ao Estado de S. Paulo para que, até em saldos de contas, seja êle o modêlo dos seus manos federais.

Desembaraçado por êsse lado o problema armênio no sul nacional, mais lhe liberto o desenlace confirmando o boato, também corrente, de que me prontifico a redigir de graça a respectiva escritura de desistência logo que o enérgico dr. procurador do Estado, licenciando-se, me indique para substitui-lo nesse patriótico serviço. Bastará um chamado pelo telefone para que eu apareça, rápido e perentório, perante o tabelião preferido, e ali dite a competente escritura, como no tempo em que acreditava em direito.

E aliviado dêsse dever, e para que o excelentíssimo ministro da Agricultura se associe à minha glória como se associou às minhas idéias, das palavras que titulam êste artigo, apagarei à primeira.

EU E GOIAZ

Nunca esqueci ofensa e nunca exerci vingança. Não me diz a recordação haver propositadamente derramado lágrima de meu semelhante. Conto até — subordinadas, está visto, a êsse inevitável influxo do egoísmo, que Spencer

magistralmente justifica — em minha longa existência algumas ações cuja lembrança, imodesta embora, me eleva porque me mantém no próprio conceito.

Assim: em 1873, terceiranista de coisas jurídicas, fui ajudante de colegas que, à cabeceira doutros atacados de varíola, bons enfermeiros se mostravam; tanto na Monarquia como na República, ouvi por inteiro várias estréias parlamentares.

Não sou um péssimo, portanto. Não merecia, absolutamente não merecia que, carimbadas de Itajubá onde me eu julgava tão desconhecido como a Constituição Federal, me enviassem as 89 páginas da Mensagem que, em 13 de Maio do corrente ano, libertou o excelentissimo Coronel Comandante superior da administração de Goiaz da obrigação de ler á 3.ª sessão da 9.ª legislatura particularisada notícia de como, por lá, andam e desandam os negócios públicos.

Recebi-a. Abri-a. Li-a Conseguiu ela irritar-me, acidente raro e que só me advem quando, de todo, não entendo o que vejo, o que escuto, o que soletro.

Não entendi o próximo passado da terra do Anhanguera, menos o seu presente e muito menos o seu futuro. Para êsse meu desastre concorreu a Mensagenm com todos os seus solidíssimos elementos; eu só entrei no caso com a resignação e a paciência, contribuições notoriamente fracas, mas que me abundam na índole, tanto como em Goiaz as originalidades administrativas abundam.

Goiaz não usa divida interna e não cogita de dívida externa, retraimento êsse cuja prática foge à noventa e nove por cento dos moldes nacionais. Não para aí a sua exquisitice: Goiaz não deve, mas devem a Goiaz.. Devem-lhe, dinheiro arrecadado, contado e guardado, soma excedente a quatrocentos contos de reis e de verdade, sendo ainda e muito de assinalar, nessa sua maior operação monetária, não só o mitismo que envolve as circunstâncias do prazo e dos juros, mas também, consoante a nona página da Mensagem, que "para pagar a divida o devedor espera".

Moderno em folha, isso! No resto do mundo, quando o devedor não paga, o credor espera; em Goiaz dá-se realidade muito diversa, pois quem lá espera é o devedor. Porque! Profundo a tal respeito é o silêncio da Mensagem.

Requerente complexo de que o decifrem, mas indeferido nêsse seu mais que razoavel desejo, é o enredo dos dois tópicos que, distanciados apenas de sete páginas, se manifestam pela seguinte forma:

— "Membro da Comissão Executiva do Partido Democrata, tôda a minha ação no cargo tem sido *norteada* pelo Partido Democrata".

— "Administrarei com o Partido Democrata de cuja comissão diretora que *conta com o apôio da unanimidade dos municípios* tenho a honra de ser membro".

Alegando contra êsse par de trechinhos a agravante de provocação, acham-se a dúvida e a perplexidade em seu legitimo direito. A lógica, essa, se não reclama é porque está gemendo e chorando nêsse afastado vale do Araguaia!

Raciocinemos. Compondo-se de municípios o Estado inteiro, e sendo unânimes os municípios no apôio á situação dominante, como consegue o poderio goiano o milagre de governar com um só partido político? Para oferecer combate aos democrátas ter-se-iam arregimentado aristocrátas fora dos municipios? Segredo e charada!

Mas que confusão! Sendo o elementar dever duma unanimidade, que se prese, não se partir, é cirivel a permanência duma unanimidade dividida? Há partidos unânimes? Acaso a inteligência do povo mais central do Brasil se entrega ao cultivo de unanimidades parceladas?

Não desesperemos, porém. Talvez o esfôrço e a boa vontade, associando-se e encaminhando o asunto para um aspecto territorial, nos digam qual, em Goiaz, a noção em voga do que seja unanimidade. Explique-nos a Mensagem como isso é.

Em Goiaz a palavra unânime significa sul. Embora, co-

mo ficou transcrito no comêço da coluna, se haja a administração norteado quanto lhe pareceu estadual, a verdade incontestável, a verdade inevitável diante da confissão do próprio coronel presidente, é que o norte de Goiaz, arruinado por Abilio Wolnei, herdeiro revolucionário do autor das "Ruinas" proclamou a sua independência "por meio de assassínios e de depredações, espavorindo autoridades, tolhendo o comércio, conquistando povoações, subvertendo a vida naquela zona".

Irritado, sem aliás cortejar a exatidão dos fatos, ameaçadoramente escreve o excelentíssimo coronel "estar tomando providências para que se restabeleça a ordem".

Ora! Não acreditem que alguém em tal acretite· O que sua excelência está tomando, não é providência alguma, é pancada, muita pancada, de Abílio Wolnei. E quanto ás medidas que anunciou, relativas á biinvadida vila de Pedro Afonso, a mais urgente a tomar é a medida do caixão para a defunta e assassinada autoridade policial.

Concentre-se o coronel no âmbito de seus próprios pensamentos; aí se console; aí se contente com as plagas meridionais, que, conforme a Mensagem, "os bandoleiros centralizados na figura de Abílio Wolnei e constituindo dia a dia novos grupos" lhe deixaram por enquanto. Por enquanto: sei porque assim me enuncio. Console-se e acautele-se, repito-lhe.

Não lhe estou a encomendar sustos, nem a aparelhar receios. Não. Apenas aconselho razoavel dóse de previdência com um fácil ingrediente de cautela.

Aviso-o... Aviso-o de que, no Capítulo XV, das "Aventuras de Arthur Gordon Pym a pior das obras médias de Edgar Póe, obterá a alta administração Goiana o gráu necessário de ciência para não ignorar que, já em 1811, na cidade do Rio de Janeiro, o ministro dos Estados Unidos, cogitando a reprodução do café e da cana de açucar, cogitava outrossim de se imiscuir nos destinos do Brasil.

Aviso-o, mais, de que, embarcada em New York e ora

itinerante nas cercânias dessa ex-Vila Bôa onde sua Mensagem foi impressa, expressa e apreciada, uma dinheirosa missão se propõe a comprar com ouro á mostra todo o ouro que o Estado guarda escondido no seu subsolo.

Cuidado! Um momento de distração administrativa póde deixar Goiaz sem sul, como já os bandoleiros o deixaram sem norte. O preço americano, lutando contra a perspicácia do partido democrata, poderá iludir e arrecadar o valor, o extraordinário valor, dessa região que é, evidentemente, uma das mais promissoras reservas da pátria querida. Vigiando os disfarçados invasores, precatando-se, Goiaz não cederá ao saxônio o seu porvir luso-fenício. Conserva-lo-á brasileiramente. Assim seja.

Com um amanhã que oscila entre brilhante e colossal, mais do que quasi tôdas as suas vinte manas em exercício de soberania, armazena a terra goiana elementos tantos de prosperidade que, sofrivelmente aproveitados e desenvolvidos, a equipararão ao que de mais apulento hajam sonhado os republicanos nos gloriosos tempos da propaganda e na convenção de Itú.

Alentado, pois, pelo meu conselho, acerte o estadista coronel reivindicando o norte de Goiaz e prosseguindo no bonito programa de salvação do seu Estado; não consinta na entrega do ouro de dentro a gente de fóra. Resista. Resista com quantas unanimidades tiver. Faça-o, e em praso menor de sete anos olhará, frente á frente, de igual para igual, o progresso, as comodidades, sobretudo os costumes dos centros mais citados e invejados do nosso magnífico paiz.

Sete anos, apenas sete anos de unanimidade efetiva e não convencional, e Goiaz, o Goiaz da Mensagem que de Itajubá me recambiaram, forçosamente, irretorquivelmente, incluirá no seu ativo social e nos manejos de sua política autonomista...: oito mêses de subsidio legislativo para votação de sete leis, rateio de gorgetas entre os intermediários de emprestimos e respectivos protetores, vendas e anunciadas revendas de cartórios

e coletorias, alteração de contas depois do visto e antes do pagamento, eleições préviamente apuradas, indústria de passes gratuitos com renda certa, peritos inevitáveis nos pleitos judiciários, extinção absoluta das prestações de contas, devolução dos terrenos devolutos, enriquecimento obrigatorio nos cargos públicos, equilíbrio instável entre o velho Codigo Penal e o modernissimo Codigo Venal, etc.

Em Goiaz há ainda falta de melhoramentos.

PERIGO ITALIANO

Olhada a princípio pela desconfiança, que é a acolhida imposta ás idéias novas, começara a da nomeação de deputados e senadores a abrir caminho no ânimo nacional quando, inesperado, o recente caso italiano a converteu em medida inadiavel. De projeto que era, e que necessariamente dentro em alguns anos alcançaria sanção legal, passou a premeditada reforma a exigir entrada imediata na legislação em vigor.

Esgravatemos o assunto.

Que em terra de mouro cristão é mouro, refere antiquissimo prolóquio lusitano. Que deve o hospede o máximo respeito aos usos da casa que o suporta, aconselha a mais elementar delicadeza, disciplina na qual falo de cadeira pois fui nono premio de civilidade em instrução primária.

Precisamos do braço italiano para colher café; não para plantar discórdias: para desconceituar o nosso sistema eleitoral, não e não!

Temos e mantemos legislação eleitoral nossa, com práticas eleitorais nossas, exclusivamente nossas, nossas ùnicamente.

Amoldando-a àquele ensinamento jurídico que taxa de abalo social qualquer litígio, aproventamô-la para impedir abusos evitando litígios: por falta de reclamantes, em matéria de voto desconhecemos reclamações, o que muito e muito concor-

reu para que fundassemos, a despeito de transitorias alternativas, o invencivel partido dos unânimes.

Que tem com isso a Itália?

Consultamô-la?

Nosso sufrágio politico acumula glórias próprias, podendo alegar tradições especiais, características, cuja existência constitui admirável catalogo de originalidades.

Há dez anos, por exemplo, apareceu na Câmara dos Deputados, com o competente diploma, candidato que reunia os votos, todos, de tôdas as mesas eleitorais do distrito que não haviam funcionado.

Em recente apuração no Estado mais devedor da República, uma mesa eleitoral contou para o seu candidato todos os votos e mais quatorze.

No Rio de Janeiro, a mais bela cidade do mundo, bem dosada apuração já derrotou, sem um voto nas urnas, dois candidatos fortemente sufragados

Quem deu á Itália competência para adulterar essas nossas práticas? Quem?

No Brasil, por harmonia pre-estabelecida, o povo deseja o que o governo quer, e essa conformidade de opinião reflete no espírito dos candidatos e dos votantes que o tem. A tal coincidência devemos a impossibilidade de escandalos semelhantes ao que se acaba de realizar na Inglaterra, com o alijamento de dois ministros pelo resultado das urnas.

Êsse desastre britânico, mesmo que fôsse concebível entre nós, inocuo seria em suas consequências. Concerta-lo-ia a apuração presidida pelo poder judiciário, sendo a capciosa contagem de votos uma espécie de pronto alívio para sanar quaisquer fraturas de unanimidade eleitoral.

Remédio enérgico, maravilhoso de efeito, a apuração é droga nossa, nossa sòmente. Não a conhece a Itália.

Da maneira racional de delegar direitos e pagar poderes, assinala a imprensa estrangeira de quando em vez, decorre o inconveniente da pouca prestação de contas administrativas, quer se trate de desfalques de carater, quer de imprevisto abatimento na soma dos dinheiros públicos. Mas quem e a quem prestar contas num paiz onde povo e governo, sempre de acordo, formam uma mesma unidade estando cada um completamente inteirado do e no outro?

Nessas condições não temos, nem podemos ter, partidos que se fiscalisem e revesadamente promovam a felecidade da pátria, porque essa felicidade, entretida pelo governo, é o programa de todos os brasileiros. União, e não divergências, é o que há no Brasil.

Nota ainda a imprensa, estrangeira está visto, a pertinácia de o pessoal diretor das nossas vinte oligaroquias, unânimes e estaduais, sustentar e alardear, para preenchimento de cargos e encargos rendosos, preferência a parentes, mais ou menos genros. A censura está errada: nem um governo tem obrigação de preferir, para serviços públicos, pessoa que lhe seja indiferente. A censura é velha: já nas proximidades do incêndio de Tróia bastante se queixou Aquiles de Agamenon, que guardava muito e distribuia pouco. A censura é insocial: os brasileiros, católicos praticantes, têm no "Padre Nosso" a sua melhor oração, e dela o melhor pedaço é o "venha a nós".

Peca por inoportunidade perene o, real ou aparente, designio italiano de torcer a nossa indole eleitoral. Sofrivel, máo, péssimo que seja o nosso sufrágio, a êles nos habituámos: convem-nos mesmo quando, doendo de vespera porque comunicado por telegrama, o perigo de sua perda se nos antoja ameaçador.

Perigo injusto. Perigo imerecido. Perigo, porém, removivel.

Vejamo-lo. Persiste inexplicado, há mais de meia semana, o silêncio da alta administração nacional diante da projetada e italiana reforma que vai conceder direito de voto a imigrados residentes em qualquer região sublunar. Tanto essa vontade

de Mussolini, como a mudez apassivada do nosso govêrno, fingindo ignorar caso tão urgente e grave, são insuportaveis!

Nem se objete que, no nascedouro apenas, e ainda aguardando do arregimentado ex-ministro Antonio Casertano parecer e capítulos que o regulamentem, não deve o terrível projeto provocar sustos e desafiar repulsas brasileiras. Por cedo acordar ninguém perde providências.

E o nosso governo está a dormir sôbre o caso. E o nosso momento internacional é solene.

Ora imaginem: de dois em dois anos, média das legislaturas em Roma, num mesmo dia entre as dez e as onze, a melhor hora eleitoral, todos os consulados e vice-consulados italianos do Rio Grande ao Amazonas invadidos por turmas romanas, napolitanas, venesianas, sicilianas, calabrezas, etc., discutindo, chamando, votando, aparteando, reclamando, discursando, mudando em suma para as principais localidades da República dos Estados Unidos do Brasil uma considerável parcela dêsse bulhento e briguento partidarismo político, ora bigerido, lá no velho mundo, pela coroa do rei e pela tiara do papa! Imaginem. Imaginem que balburdia!

E para a validade dessas eleições exclusivamente italianas, mas reveladoras de duas soberanias em exercício simultâneo no Brasil autônomo e independente: a do Catete e a do Quirinal; para proceder inquéritos, prender, processar e punir criminosos; para tudo o que é de praxe nas votações entusiasmadas: teremos, nós os brasileiros, de contribuir com polícia, juizes, meirinhos, escrivães, cadeia, roupa lavada, alimentação, médico e botica!

Que maçada e que despeza!

Pior, muito pior todavia, outro aspecto da prominente calamidade: pior a infiltração, do Amazonas quasi ao Prata e do cabo de S. Roque a Corumbá e adjacências, dum regimen eleitoral diverso, diversíssimo, do adotado em nossos pleitos a datar de 1890. Que perigo!

Suponha-se que os colonos italianos façam, já no primeiro ensaio de sua nova lei aqui no Brasil, ás escâncaras, em dia claro, diante das nossas autoridades, de deputados e senadores, de numerosas testemunhas nacionais e estrangeiras, uma eleição legítima, uma eleição de verdade, sem atas falsas, sem escolhas a bico de pena... Que vergonha para nós! Que desafio ao sarcasmo dos poucos pretos sobreviventes aos festejos á lei de 13 de Maio!

Nada, nada pois de delongas· Mesmo para males incertos, preventivos certos. Certos e rápidos.

Venha, já e já, como cautela definitiva o que a perspicácia popular já aceitara como propaganda. Urge a nomeação de deputados e senadores por decreto.

E nada de comissões e dissertações, nada de parágrafos e comentários que facilitem entrada a sofismas e circumlóquios. Decreto com quatro ou cinco linhas apenas:

— Quem quizer ser senador ou deputado, requeira.

— Declarada indesejável a lei eleitoral italiana e impedido o seu desembarque nos portos nacionais.

Só isso.

NERO

Onde li haver Cláudio Nero, o vicioso intolerável e tolerável administrador romano, feito em Atenas, há vinte séculos quasi, imperial e triunfante entrada repimpadamente num carro puxado por dois tigres? No mexeriqueiro Suetônio, talvez.

Tigres cordatos, de boa índole, de garras macias, êsses!

Tigres aderentes ao régio automedante, demandantes do centro da civilização helênica, encabrestados, fornecendo á zoologia histórica um completo e singular exemplo de resignação felina. Tigres que, ao contrário dos galos, do cães e de quantos outros

bichos frequentadores da companhia humana — e por isso briguentos, e por isso mais cuidando da saúde que da fraternidade —, caminhavam rumo ao circo, uniformes no passo, resolutos na obediência.

Muda é a lenda sôbre como, bastante desiguais na altura, hirsuto um e com falhas capilares outro, acertavam tão bem o passo, harmonisavam tanto as fisionomias. Que com firmeza puxavam o carro, que era do Estado, pois nele ia o supremo poder, jamais houve quem se animasse a contestar. Mais legitimo credor de nossa admiração é, todavia, aquele que por êles invariavelmente se fazia obedecer.

Que magnífico, que inexcedivel cocheiro foi Cláudio Nero! Varão que conseguiu manter nos varais uma parelha de feras, sem que elas o deribassem da boléa, capaz, capacissimo fôra de, vivente porventura nos modernos tempos, amansar dois corpos legislativos, encurtar rédeas a duas conspirações e dominar duas revoltas em andamento. Nem Stofflet, o segeiro amotinador da Vendéa, se lhe aproximou em segurança. Nem Pedro 1.º tradicional auriga e vaidoso guiador de seis cavalos, teve tanta solidez no pulso: venceu, é certo, a revolução de 1824, mas foi por seu turno vencido pela de 7 de Abril.

Quer como autoridade constituida, quer como cocheiro, Nero merece consideração, chama estudo, motiva raciocínios.

Do confronto dos escritores patricios (que o deprimiam porque produto do cesarismo plebeu) com as críticas que lhe foram aplicadas pela subtileza de Beulé e pela intelectualidade larga de Paul de Saint-Victor, a razoável conclusão leva á acreditar que, se não era êle tão bom quanto se julgava, nunca foi tão ruim quanto o diziam.

A' sua duvidosa culpa no pavoroso mas relativamente útil incêndio da parte baixa de Roma, e ainda aos seus possíveis exageros na punição legal de iconoclastas provocadores, lícito é opor, com deliberada calma, a inteligência e a bizarria com que soube proceder em algumas outras oportunidades notórias.

Frisemos: o mérito ou o demérito dum governo, seu encômio ou seu desdouro, não se prestam a ser avaliados pelo que haja êle decidido sob a pressão dum ou mais instantes difíceis. Como as dos pleitos judiciários, devem as sentenças históricas procurar alicerces e examinar bases não numa, porém em tôdas páginas do processo. Complexo de fatos e interêsses, de direitos e deveres, de acêrtos e desacêrtos, poderá uma administração ser apreciada pelo que revelou em fase circunscrita, no, conforme as cincunstâncias, tempo limitado dum dia?

Não. O adagio "dar tempo ao tempo" vale perene lição de sabedoria útil. Veneram-no os mestres; aplicam-no os filósofos. Há cinco mêses Bergson, no seu mais recente e discutivel trabalho, ainda argumentou que "o tempo é sucessão, não o conseguindo alguém conceber sem um *antes* e um *depois*". Já era assim quando Nero abrandava os tigres.

Antes de, á cata de aplausos quiçá menos merecidos do que desejados, se alojar em Atenas como hóspede sem convite, que fez o poderoso filho de Agripina? Amansou alimarias, é exato; não as zurziu, porém, com atrocidades, sendo mesmo de imaginar que, respeitando-lhes a quentura da índole africana, não as houvesse condenado ao suplício da geladeira.

E depois? E quando o palmearam nos jogos olímpicos? Responda por mim e pelo leitor um dos maiores acontecimentos do primeiro século da nossa éra: fale a restituição da liberdade aos gregos, provincializados pela centralização romana desde aquele Mummio, soldado e consultar de divertida memória.

Que cocheiro, antes ou depois de Cláudio Nero, fulgurou nos fatos humanos com brilho tão intenso? Que outro escravisador de onças foi cumulativamente libertador de homens?

E como tem sido mal julgado nos tribunais da posteridade o coração dêsse régio artista, que preferiu a mais numerosa platéa da Helade para testemunhar o ato mais bonito do seu curto reinado! Equiparam-no acintosamente ao próprio mal, adjetivando-lhe o nome numa qualificação agressiva, iniqua,

mal fazeja. A' bondade, á clemência, á tolerância, jamais se sinonimisou o vacábulo "neroniano".

Fie-se, porém, a gente na competência dos juizes incompetentes Acredite, quem quiser ser tolo, na imparcialidade do despeito e nos improvisos da ignorância. Eu, não: não opino suprimindo os fatos; se, para mim, o presente é o que é, o passado foi o que foi.

Êsses mesmos Radamantos, que lavraram contra o mais generoso dos cocheiros o mais condenatorio dos acordãos, nem meia glossa até hoje redigiram contra a sujice coletiva do povo grego que, humilhado, desfibrado, genuflexo, concordou em aceitar como dadiva a liberdade que da natureza recebera. Ilógico, repleto de podridão, o agradecimento dos descendentes de Trasibulo, que expulsara trinta tiranos; ao aclamado saltimbanco que lhes entregava publicamente uma carta de alforria!

Mais degradante que o despotismo que tortura é a subserviência que o tolera.

No tempo de Nero foi restituido aos gregos o direito ao pensamento sem censura do governo.

No tempo de Nero reapareceu como um favor o livre uso do papiro e do pergaminho, imprensa da época, sem o visto da polícia.

No tempo de Nero a Grécia perdeu a vergonha.

Se até os tigres ficaram mansos!

MELHOR É RIR

"ABRIL, 13 — Dia nefasto. Desde cedo me não tardam contrariedades. Tivesse eu a superstição romana, e inscreve-lo-ia perto do de Ália ou próximo ao morticínio dos trezentos e seis sábios.

Perfidamente antes do café, consegue penetrar-me o quarto e a paciência um album de marroquim com o sediço pedido

de "qualquer coisa serve, duas linhas apenas ou mesmo a simples assinatura". O album é uma calamidade nacional. Septuagenário, acreditava-me livre dessa epidemia cuja preferência pela mocidade é explicável.

Saio para respirar meia hora a pé, Aborda-me á calçada a consequência duma "gréve" de lixeiros; consequência lógica: fedor. Fedor lógico porque, quando diminuem os lixeiros, o lixo aumenta.

Decido ir respirar, sentado, qualquer emanação mais aromática. Tomo o bonde para o Alto de Santa Ana, o mais salubre dos arrabaldes da Paulicéa, mas sou imediatamente apresentado a funcionário do Saneamento cujas cortesias se dilatam até que lhe eu pague a passagem. Preferindo minha companhia á dêle, volto para o meu quarto e abro o *Jornal do Brasil* da véspera. Não tem artigo meu. Muito bem!

Suplício mais cruel do que, num baile, ouvir ao piano três filhas consecutivas da dona da casa, é reler o jornalista os seus próprios artigos. Quando, por exemplo, tendo escrito "multiplicados raciocinios", soletra êle "media todos raciocínios", o desespêro quasi o apresenta candidato ao dilúvio universal!

Ainda quando essa completa perturbação do sentido sucede em S. Paulo, onde escrever é monologar, e onde a imprensa, para o estrangeiro predominante, começa e acaba na seção comercial, o caso, passa-culpas, começa e acaba no próprio caso. Não assim lá no Rio de Janeiro, cerebro do país e hoje também de sua sintaxe, onde agora um erro de imprensa vale por dois; erro da revisão que não reviu e erro também do govêrno que lhe governou a publicidade.

Mas eu tenho de ler artigos dos outros, e sou dotado de resignação quando se trata de padecimentos alheios. Mobilio de expectativa o espírito. Vou compensa-lo dos dissabores do dia. Vou receber, e pelo último correio, informações da pátria presente; devem ser boas, ótimas talvez, pois segundo me dizem anda ela a festejar centenário de independência e, gerida pela

firma República & Cia., está provàvelmente vestal como Réa Sílvia enquanto o foi, e pura como a água da Carioca antes de canalisada.

Ora! Dia nefasto como o que mais o seja, o de hoje. Decididamente acordei com o pé esquerdo.

Mal desdobro o *Jornal do Brasil,* vai êle contando que a esperada Réa se fizera realíssima ré: ré de desidia no exercício de suas funções federais, estaduais e municipais; ré em vesperas de perder o emprêgo de pátria por incursa, perante a moral policiada, nas penas do artigo 238 do Código Penal. E assim articula em suas colunas editoriais libelo não contestado:

— "Porque tuberculosa, foi repelida da Santa Casa de Misericórdia uma moribunda pobre".

Santa Casa de Misericórdia? Não. Não é verdade. Houve três mentiras nessas quatro palavras.

Santa? A santidade exclue o pecado e inclue a inocência, e o mais elementar critério recusa o qualificativo de inocente a quem, quando lhe a desgraça pede um leito, prefere dar-lhe um empurrão.

Casa? Mas era justamente o que a infeliz pedia e foi o que não obteve. Por muito favor a consentiram na visinhança da porta principal.

Misericórdia? Pois sim! A misericórdia é tolerante, é sensata; concede, não impõe. Misericórdia intolerante é fenômeno tão inassimilável como o de deputado sem subsídio. É misericordioso responsabilisar alguém por tuberculose que não pediu nem desejou? Não está a sensatez a ensinar que, se essa desventurada mulher pudesse escolher a moléstia que a eliminaria dentre os seres vivos, necessariamente escolheria a velhice?

Triste? Triste, mas brasileiro e atual; engraçado, portanto. Melhor é rir.

— "Na rua Pertence permanece há um mês automovel

quebrado, não se sabendo a quem êle pertence. Ninguém o reclama. Tem uma roda partida".

O fato é interessante e significativo. Desobedeceu, porém, á cronologia e não abundou de perspicácia quem o delatou a êsse generoso orgão fluminense, que me aceita a colaboração não sei porque. O abandonado estacionário da rua Pertence foi mas já não é: foi automovel, não é automovel. Automovel que não se move é como saldo orçamentário, inexistente até nas regiões da fantasia. Demais, torceu êle, o ex-automovel, a vocação: construido para correr, parou no meio da rua onde impede que a gente corra.

Falta-lhe gaz? Não tem direção? Está mesmo quebrado? Mas que explêndida fotografia administrativa! Que extravagante capítulo de nossa autonomia centenária!

Extravagante, sim, porém muito municipal. Melhor é rir.

— "No Estado do Paraná, que durante trinta e seis anos dos ominosos tempos teve vinte e sete presidentes, o cidadão Rocha reelegeu-se governador por unanimidade".

Que há nisso senão harmonia do cargo com o sobrenome? É dever de uma rocha ficar firme: rochas em regra não mudam do lugar, especialmente se nele se sentem à vontade com os rochedinhos que a natureza lhes proporcionou.

Nessas condições, e mais consultada a própria pessoa do que a índole do regimen, o administrador paranaense resolveu resolver o complicado problema do inquilinato: decidiu morar no governo. Seu ideal, respeitavel como todos os ideais sinceros, vê-se e não destôa da música tocada pelas bandas em vigor, é substituir o "consolidemos as instituições" pelo "consolidemonos nas instituições". Intrepido programa!

Intrépido, mas excessivamente estadual. Melhor é rir.

— "Rubens, dez anos apenas, fardado, aluno do Colégio Militar de Barbacena, foi metido num trem ferreo e remetido para a Avenida Central".

Há evidentemente no amago dêsse fato um intuito educador com sofriveis evocações históricas. Viajar e aprender são proveitos inseparáveis. Quem disso duvidar esbarrará nas perigrinações orientais e ocidentais de Pitagoras, nas romarias le-

gisladoras de Licurgo e Solon e, talvez, nos relativamente modernos passeios de Frederico Le Plái, notorios e notáveis propagandistas da instrução andeja.

O que o mineiro instituto premeditou e quiz foi o projeto, em parte conseguido, de ir desde já habituando o jovem Rubens a aprender, viajando, as coisas e os homens; e também as mulheres, pois, atirado á Avenida Central e outras, poderia Rubens, curioso por ordem da natureza, reparar, embora friamente, nas meninas muito bem despidas que a frequentam.

Observar-se-á que deveria o diretor do despedimento ter fornecido, ao futuro defensor da pátria, no momento da partida, algum dinheiro para as primeiras despesas. Observação errada, porém. Acima do seu acerto aparente está o belíssimo designio militar que inspirou e efetuou a remessa duma criança, sem comida, sem vintém, mas com a farda do exército nacional, para o centro mais populoso e movimentado do paiz. Tratava-se, irretorquivelmente, de fortalecer-lhe corpo e alma, incitando-lhe a energia por meio do jejum, educando-lhe a altivez pelo pedido da esmola, para mais tarde, preparadissimo, defender com exito a integridade moral da geração do seu tempo e a integridade territorial da gloriosa terra brasileira!

Bem examinada as circunstâncias do caso, Rubens até lhes deve gratidão. A desgraça imerecida é o melhor dos ensaios para a luta da existência. Eleva a audácia á altura do dever. No último degrau do patíbulo; respondendo ao carrasco que lhe perguntava o último desejo, proferia Auguste Manete:

— Cuspir nesta sociedade que me não soube educar.

Penoso, penoso; mas melhor é rir.

***

Dia ruim. Desagradavel. Nefasto. Lendo-lhe a véspera tive de suportar, longamente e mais uma vez, essa obstinada ostentação de incoerência que constitue, no Brasil hodierno, o ambiente intelectual tanto dos governantes como dos governados. Sociedade contraditoria!

Quer que eu acredite numa caridade que enxota a indigência moribunda, num municipalismo indiferente ao trânsito público, em eleições sem eleitores, em ensino oficial que está a pedir ensino, e contesta... quando lhe eu conto que em Sarapuí, em 1874, a sogra do coadjjutor da paróquia tinha uma perúa vesga que punha ovos fritos uma vez por semana! Melhor é rir".

GENEROSIDADE

Rebeldes ao ensinamento do sarcástico Labiche, que estudando Perrichon itenerante modelou o ruim máximo no tipo do ingrato despeitado, moralistas há que negam à ingratidão a pleeminência que lhe compete entre todos os defeitos da infeliz espécie humana. Injustos, conferem a primasia ora à mentira, ora à rapinagem, ora ao abuso de poder.

Desaparece, porém, qualquer divergência, substituindo-a unisonância absoluta, quando se cogita, não de classificar o pior dos vícios, mas de reconhecer a melhor das virtudes: a generosidade. Sem debate, sábios e ignorantes lhe assinalam o primeiro assento na categoria das coisas ótimas. Deleitando a memória, a lembrança de ações generosas agrada sempre, instrue sempre.

São discutidas as outras prendas; a generosidade, não. Unânime é o seu elogio. Peões da sua retaguarda, invariavelmente, merecidamente, a acompanham na história e na legenda o aplauso e o panegírico.

Bebendo sem hesitar a poção que lhe o médico preparava e, ato contínuo, entregando-lhe a missiva que o denunciava de envenenador, quanto foi o Macedônio, nêsse momento de genial generosidade, mais intrepido e mais glorioso do que, mêses antes, descendo velozmente do Grânico para a carga final de Gangamela!

Queimando sem exame, ao voltar da pacificação da Espanha, todos os documentos e epistolas delatórias que podiam comprometer os seus posicionados e invejosos inimigos, justificou Pompeu os encômios da musa de Lucano e honrou a gran-

deza do próprio coração com títulos em nada inferiores aos que, guerreiro e estadista, no oriente e no ocidente, adquirira firmando os limites extremos da pátria vencedora.

Com o seu dinheiro particular, arrematando em hasta pública os bens sequestrados ao revolucionário Beckmans e doando-os á viúva e orfãos do adversário martir, como sobrepuja Gomes Freire os dias do seu tempo e as idéias de sua época!

Conforta, consola do tédio provocado pelo hodierno espetáculo da moral decadente, prestar atenção, passageira que seja, a êsses casos cheios de nobreza, tão bonitos de magnanimidade! E quando, parodiados embora, se êles repetem no presente, ostensivos, como que á nossa vista, impondo-nos o dever de admira-los, chamando os nossos gabos adjetivados e sinceros, então, então mesmo, tem a gente orgulho de ser gente, crescendo em nossa vontade a vontade de viver por muitos anos na crosta dum planeta tão digno!

E' o que me está a suceder agora.

A recentissima generosidade do Estado de S. Paulo "abrindo mão de doze mil e cem kilometros quadrados de terras devolutas no Aguapeí, por estar o assunto atrapalhado, constitue, no seu amago e pelas circunstância que o rodeiam, um lance assombroso de liberalidade, um exemplo único de desistência, um atestado prático e enorme de altruismo coletivo, uma pasmosa lição de desapêgo manifestada ao mundo inteiro e possiveis adjacências. Sob todos os aspectos a dimensão do ato é grandiosa.

Quando no velho continente as rusgas se reproduzem em cada nesguinha territorial; quando, na América, o crônico litígio de Tacna e Árica semestralmente ameaça a tranquilidade dos povos e a competência dos governos,, eis que o Estado de S. Paulo — derrotado e diminuido até hoje em quanta questão de limites quiz ser parte — sem uma sentença que o intimasse, sem um decreto legislativo que o obrigasse, sem sequer um aviso da bisarra intenção que o aconselhava, expontâneo, resoluto, peremptorio, desiste duma área mais que igual a quinhentos mil alqueires!

Muito, muito bem! Enquanto, fora daqui, o Estado tirano

sacrifica aos seus apetites centralizados o direito individual, aqui, com a unânime aquiescência de quatro milhões de contribuintes uniformes no sentir e no obedecer, essa tirânia estatal, anulada pela quietação judiciária, se descentralisa, privando-se do que lhe pertence e oferecendo ás geofagias individuais o mais vasto mimo de que há notícia a datar do inventário de Adão e Eva!

Ainda ninguém se desfez de tanto e de tão bom. Do tamanho da do Aguapeí não há no globo terraqueo extensão disponivel. Poucas zonas a excedem em fertilidade, pouquissimas em condições de promissora utilisação. E cada hora que passa lhe aumenta o valor. A vida social é regida pela propriedade; a terra não cresce; crecem, porém, segundo estatisticas respeitáveis, o número dos proprietários e o dos que trabalham para sê-lo, crescendo necessàriamente a procura o valor e o preço dos terrenos.

Motivos peculiares concorrem, ainda, para que á munificente dadiva seja aplicado o qualificativo de divina, seja outorgado o diploma de opulenta, seja anunciada muito de véspera a sorte de futurosa. Conhecida já dos projetos e dos traçados de viação ferrea, livre de inundações por ter na bacia do Prata o seu regular escoadouro, jamais havendo sofrido secas, prestando-se á cultura do café, da cana, do arroz, do algodão, da batata, sobretudo da batata: é a região do Aguapeí uma das mais felicitadas pela natureza, uma das mais aproveitáveis para a recompensa do trabalho do homem.

Dá-la é desistir de fortuna capaz de exceder a soma das maiores desistências sabidas e memoráveis. Nem uma delas a precedeu em volume. A de Dário Histaspes, libertando Mileto em pagamento ao médico que o curara de deslocação num pé, não firma precendente que me conteste, já por ser insignificante pêso já por não ser aplicável um caso de pé a objeto do qual o Estado de S. Paulo abriu mão, conforme declara.

Os incas, ensinou-me Barros Araña, renunciaram á posse duma porção da Araucania "porque os seus proprietários eram excessivamente sujos". Também êsse exemplo não faz carreira porque o artigo 64 da Constituição Federal, fonte clara de tan-

ta generosidade, é duma limpidez invejavel. O Estado de São Paulo, o desistente, é tido e havido como um dos mais asseiados da República dos Estados Unidos do Brasil, e o vasto território do Aguapeí, êsse, além de desconhecida qualquer alegação contra a sua lispeza, dispõe ainda, assegura-se com bastante fundamento, de minas de ouro, o poderoso metal que desculpa, em quem o possue, tôdas as sujeiras reais ou fiticias.

Não, não é licito duvidar de que, eliminando Aguapeí do seu patrimônio, haja o Estado de S. Paulo praticado uma generosidade indisivel, indescritivel, indiscutível, indisputável, inqualificável no bom sentido.

Êsses doze mil e cem kilometros quadrados representam, hoje, a maior fortuna do mundo. Traduzem um mundo de cabedais! Fôssem êles parar ás mãos dum só dono, e quando êsse protegido do destino, recebedor único dos haveres dos quais o Estado "abriu mão", atravessasse jubiloso as praças públicas, irreprimivel seria esta exclamação condimentada e generalisada:

— Que homem rico! Todo o mundo é seu.

NÃO SEI...

E' lícito a alto funcionário, em pleno exercício de muito poder público, receber e aproveitar presentes? Complexo, subordinado a miriades de circunstâncias e de respostas, especialmente ás de preço e de sexo, tanto varia o assunto de forma e de essência que não errará quem pensar "cada presente, cada sentença".

Interragando nossa história a respeito dêsse sempre momentoso tema, dela apenas obtive confusas informações, incompetentes para o fornecimento duma opinião peremptória. Examinei-as, e foi como se tivesse lido rubricas orçamentárias! Desesperei de qualquer resultado lúcido.

Nos nossos dias coloniais, em regra, com excepções, portanto, não podia o governador capitão general, "sob pena de perdimento do cargo", receber presentes e, durante a prestação de contas iniciadas pelos "processos em residência", nem à

manifestação de agrado popular lhe era permitido aceder.

Sempre generoso, e convidando-o a que permanecesse na antiga capital da colônia, ofereceram os baianos palácios ao itinerante D. João VI que os recusou, e deram um no Rio de Janeiro ao conde de Arcos que caladamente o aceitou. Quem com acerto procedeu: o inteligente rei ou o conspirador denunciante? Não sei. Provávelmente cada um deles entendia que o outro havia errado.

Em 1827-9, quando ministro da Fazenda, foi o "Canário da Camara", futuro marquez de Abrantes e então Miguel Calmon du Pin e Almeida, denunciado na impresa de receber, em pagamento de decisão administrativa, "uma sege da Bélgica". Acusou-o o "Farol Paulistano", jornal de José da Costa Carvalho, futuro marquez de Monte Alegre, ex-magistrado, que trazido a juizo abundou em evasivas e se desfêz em desculpas. Do caso, porém, é lógica a dedução de ambas as partes litigantes e interessadas concordarem em que ministros de Estado não deviam receber presentes.

Dessa maneira de ver, e de agir, por obstenção, discordava todavia, em 1853, o organizador do gabinete de 6 de Setembro, o marquez de Paraná: muito se cochichando haver êle recebido, de amigo permanecente na Europa, grande e preparada pele de urso branco, o mineiro, o inventor da conciliação dos partidos, com a altiva tranquilidade de consciência que tão bem lhe compunha o carater, adornou a sua sala de visitas com o comentado e divulgado mimo, assim inutilizando pelo desprêzo os mexericos da falsidade irrequieta. Demais, era voz corrente haver o urso regularisado seus deveres alfandegários de entrada no paiz, exigência ainda não substituida por vigorosas gratificações laterais, agora em moda.

Ao conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, que administrava a província de S. Paulo, em 1867, sucedeu a propósito de presentes um original e irritante incidente.

Pacatos, jantavam êle e família quando desusada e inesperada vozeria revelou aglomeração popular à porta de Palacio. Sinais de curiosidade. Corrida às janelas, Que seria? Era isto: era um carro muito grande, trazendo um boi muito grande e

muito bem depelado e carneado, que das bandas do Alto de Sant'Ana, bairro eminentemente liberal, "mandava para S. Ex.ª o eleitor João Batista Soares, seu correligionário e admirador".

Espontanea, crescia a procissão cívica diante do gratuito espetáculo. Disedora, não tardaria em motejos à oposição arregimentada.

Vencendo o primeiro e desagradavel abalo, e retomando a natural bonhomia, rindo, agradeceu o conselheiro o esfolado presente, instou para que se êle não repetisse e, por intermédio de açougueiro, regalou nêsse dia o estomago da pobreza.

Resumo dos três casos referidos: um funcionário não recebeu o presente; outro recebeu e mostrou; mandou-o para bem longe o outro. Consequência a somar? Não sei.

Na Câmara dos Deputados, da brilhante e pequena bancada liberal em 1877, partiu a liberalissima idéia de ser dada de presente, fosse a quem fosse, a Fazenda de Santa Cruz, propriedade que, bem ou mal administrada, teimava em evitar saldos e desconhecer lucros. Um pouco de coerência poderia ter levado essa eloquente oposição parlamentar ao conselho de igual alvitre quanto a outro e mais afamado próprio nacional: a Fábrica de Ferro do Ipanema, que, no seu mais rendoso ano de exercício, dera aos cofres nacionais quatorze contos de prejuizo. E, no entanto, oferecidas, de presente, não encontrariam Fazenda e Fábrica quem as recusasse! Confuso, sempre confuso o assunto!

Já era assim em Roma. "Se me não acusais de venal, a posteridade desconfiará de que eu o fui", asseverava no senado. romano, constituido em tribunal, e castigando a aleivosia concussionária, a palavra encantadora de Plinio — o Moço — em replica aos negocistas que alardeavam exclui-lo do número dos peitados.

Romanas ainda, cabem aqui outras lembranças históricas: se a legenda conservava o desisterêsse de Cúrio Dentato devolvendo aos sanitas os vasos de ouro e declarando "preferir governar a quem governava tanta riqueza". com abundância de particularidades constatam as melhores cronicas latinas aquêles minutos de infamia em que Sila, preeminente em todos os

azares que o destino lhe impôs, recebia, duplo presente, o anel fatídico de Bochus e o corpo acorrentado de Jugurta. Valiosos presentes, êsses, o devolvido e os recebidos. Valiosíssimos até pela antiguidade. Inferiores, porém, a dois outros, recentíssimos, americanos ambos, do norte um e meridional outro, e ambos humilhados por ostensivas e deprimentes repulsas.

Começando o ano de 1921 com a divulgada notícia de ardoroso explorador oferecer o Pólo do Norte ao Presidente da República dos Estados Unidos de Verdade, que friamente o recusou, teve o seu inevitavel encerramento à meia noite de 31 de Dezembro com a oferta de trezentos e sessenta mil inexistentes contos de réis, concienciosamente feita, em lei orçamentária, pelo Senado da República do Estados Unidos do Brasil ao convalescido e inteligentíssimo funcionário Epitácio Pessoa, que lhe vetou a entrada em tôdas as repartições públicas. Se, em largura, o primeiro dêsses presentes é inexcidivel, mesmo inegualável, pois até hoje o oferecimento do Pólo do Sul ainda não foi tentado, em bojo, em perfídia, o caso dos trezentos e sessenta mil imaginados contos tem avô que o nobilita, precedente que o modela: o do cavalo de Tróia, que também tinha quatro pés.

*
**

Não gosto de receber presentes. Prefiro dá-los, dadas certas circunstâncias. De nem um, porém, me separei com prazer mais intenso e calculado do que dum que era uma: uma arara grande, gorda, sergipana de nascimento e de remessa. Nela havia eu aplicado, com o possível esmero, a alguma aptidão que me concedeu a natureza para amansar irracionais. Procurava-me. Reconhecia-me de longe. Acompanhava-me em casa e no jardim. Preferia o meu hombro à gaiola onde morava desacorrentada. Sós estivéssemos, e parodiaríamos a "Paixão no deserto" de Balzac.

Aconteceu, porém, coincidir o seu desejo de roer-me a mobilia da sala de espera com o dissabor de, o intendente municipal, meu vizinho — homem alto, amplo, cenográfico, pomposo no andar leitor de Chernoviz e padecente de gravidade perene

— indeferir reclamação minha, muito justa, no mesmo dia em que comprara mobilia nova para a sua sala de visitas.

Cogitei dos fatos parceladamente. Balanceei-os. Convenci-me de que o amargor dos meus direitos, desrespeitados por despacho, sobrepujava a amisade que á arara me prendia; e radical, consoante o costume, foi a decisão que tomei.

Nem meia palavra de queixa o intendente ouviu de minha boca. Dupliquei de cortejos amáveis; três ou quatro vêzes até, no bonde, certo de dispor êle de passe gratuito, fiz menção de pagar-lhe a passagem. Dei-lhe a arara de presente; em cinco dias o serviço ficou complento: prefeitamente roida, a mobília. Em sua sala só um traste ficou inteiro: êle.

Decorrido um semestre, suicidava-se o volumoso intendente.

Teríamos, arara e eu, colaborado no desastre? Não sei...

NOTAS PARA ARTIGOS

COISAS DE ESPANHA — Em Madrid, Junho de 1916, perguntando a titular letrado e oficial de marinha reformado porque estava sempre em crise o ministério espanhol, e porque, ameaçando o exercício normal dos outros poderes, estavam os militares organizando ostensivamente "ligas de defesa", escutei resposta que hoje relembro para entender a recente e ainda não terminada revolução espanhola. Ei-la:

"Brigam, na terra de Sancho Pansa, três pertidos conservadores e dois partidos liberais, somando inevitavelmente cinco partidos, adversários êles todos de el-rei Afonso XIII. Discutem nestas paragens dois partidos socialistas, indiferentes a formas de governo, servente um do nihilismo slavo por intermédio dos agitadores de Barcerlona, arregimentado eleitoralmente o outro nos maiores centros de população. E existem ainda, em exercício de atividade febril, um partido militar e outro clerical, fanáticos ambos pelo rei que é pacifista e livre pensador.

Tem cada partido, sua imprensa, seus clubs, seu diretório na capital, seu eleitorado vacilante, e temporariamente seus che-

fes, cujo projeto semestral é organizar um ministério de concentração no qual entrem todos os partidos e, êle organizador, seja o único a mandar.

Cada partido só lê os jornais do seu partido. O rei, porém, quando não tem à mão os jornais francêses, lê todos os de Mradrid, inclusive *El Motin,* socialista demolidor.

Eis porque, sendo cada espanhol uma crise ambulante, está sempre em crise o ministério espanhol".

FINANÇAS PAULISTAS — Receita orçada: cento e cinquenta e dois mil contos; receita arrecadada: cento e cinquenta e sete mil contos, despêsa realizada: cento e oitenta e quatro mil contos. Divida extrema. sete e meio milhões de libras esterlinas, dezoito milhões de florins, dez milhões de dollars: cerca de quinhentos e trinta mil contos ao câmbio de hoje. Dívida interna? Não sei nem me interessa saber.

NICOLAU VERGUEIRO — Dos oitenta e um anos, que teve de existência laboriosissima, consagrou quarenta e três às alternativas da vida pública. Na campanha da independencia foi o primeiro dos da segunda fileira; superiorisa-o, porém, na nossa história, a imutabilidade do perfil. Deputado duas vêzes constituinte, ministro efetivo três vêzes e interino uma, senador pela província de Minas Gerais como poderia tê-lo sido por outra qualquer província com idêntica legitimidade, agricultor com iniciativas colonizodoras e preparadoras da abolição do braço escravo: o Nicolau Pereira dos Campos Vergueiro do movimento paulista de 23 de Junho de 1821, data da sua estréia politica, é o mesmo em 18 de Setembro de 1859. O mesmo na competencia variada, na sisudez, na sobranceira sem ostentação, na indiferença à calúnia, nas preocupações patrioticas. Entre os organizadores de S. Paulo, no periodo regencial posterior a 1834, nem um o sobrepuja. Nas maiores crises politicas, de vespera já o paiz sabia como Nicolau Vergueiro teria de opinar; tal a coerente persistencia de sua feição social. Foi algum tanto preterido o seu nome nas recentes comemorações da independência. Houve nisso injustiça relativa. Mantendo, mais que

os políticos seus contemporâneos, indiscutivel singularidade pessoal, foi Nicolau Vergueiro um vulto à parte. Merece um monumento à parte.

AGUAPEÍ — A respeito dos doze mil e cem kilometros quadrados, que constituem essa fertilíssima região, minhas reminiscências e apontamentos chegam até a despacho, dado em 1881, a requerimento provinciano, pelo sensato e competente ministro da Agricultura Manuel Buarque de Macedo. Que região vítima de alternativas! Depois de requerida, passou a ser, nos mapas, terreno desconhecido. Deu-se ultimamente a conhecer em profusos debates da imprensa para, de súbito, silenciar diante do artigo 64 da Constituição Federal. Eis que o governo, mero regente do Estado, pensando que o patrimônio dêste pode ser objeto de desistência, abre mão da enorme propriedade, não se sabe em favor de quem! Dos inimigos? Não os têm. Dos amigos? Seria desistir do que não é seu para os seus. Há necessariamente engano de direito ou erro de fato em tôda essa balbúrdia. Com o pagamento de impôstos em dia, e aceitando como certas as estatisticas publicadas, acredito ser dono, no Aguapeí, de três metros e vinte e quatro centimetros dos quais não abri, não abro e não abrirei mão. Reclamo-os com a mesma teimosia que, desde 1898, me leva a reclamar a volta daqueles quatro mil contos que, em 1893, o erário paulista remeteu e o riograndense nunca recebeu.

HIPÓLITO DA COSTA — Correto, justíssimo, perfeito, o ressurgimento de Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nas páginas de nossa história e na atenção nacional, a proposito do nosso centenário de povo livre. Pena foi que se não lembrasse algum brasileiro, lá em Lisboa, consultando os arquivos da Real Academia, de apagar de vez a calúnia que, dissimulada em meias frases, quase manchou de venalidade o nome do martir e a reputação do patriota.

Porque a datar de 1813, no *Correio Brasiliense,* crescessem de número e de tamanho as notícias dos casos acadêmicos, tomadas que foram por isso ou para isso bastantes assinaturas,

a perfídia esgravatou no incidente indícios de deshonestidade. Era então secretário da Academia o mesmo sábio que, ministro do primeiro gabinete nacional em 1822, imediatamente se lembrou de Hipólito, nomeou-o consultor de quaisquer missões do governo na Europa, forneceu-lhe os fundos possíveis no embaraçoso momento e, particular e oficialmente, lhe conferiu prerrogativas da maior confiança. De como soube Hipólito usar delas, existe a demonstração na completa e ininterrupta harmonia, até de suas iniciativas, com os mandatos e as atribuições de Caldeira Brant e Gameiro Pessôa. De como, pobre, manejou os dinheiros do país, esclarecidissimo ficou pela circunstância de a carteira dos amigos e a verba secreta terem de concorrer para o prosseguimento dos estudos dum seu filho.

Hipólito da Costa pode e deve comparecer limpo ao julgamento da posteridade. Como o do seu grande e tradicional amigo, Patriarca, da independência, seu mérito, dispensando misericórdias convencionais, não evita, não consegue impedir que no interminável templo da história, distanciados os batentes e abertas as portas, alguns dos penetrantes raciocinem com os dentes.

Martim Francisco III.

Divagações

Sob o aspecto das letras, remata-se o medievo no lirismo trovadoresco da "Provença", servida pelo dialeto de "oc", e cujo nome resulta de haver sido "província" romana, como depois o foi da França, a que ficou anexada, reinando Carlos VIII, em 1487.

Herdeiro nato do fastígio do Lácio, o povo central da Europa colocou-se à frente da cristandade quando Carlos Magno, instituidor da "escola palatina", das sete artes liberais (o trivium e o quadrivium)," assinalou o século oitavo com o se fazer coroar, em Roma, imperador do ocidente.

Conforme o observou Teófilo Braga, a Gália dos antigos druídas, que César unira ao cetro do Tibre, se repartiu, ètnicamente, em três diversas porções: a do norte, galo-franca; a do noroeste, galo-bretã; e a do sul, galo-romana.

O pêso natural das correntes históricas explica, pois, porque ainda hoje a região setentrional continua a ser mais germânica, e a meridional, mais latina. Se a sede política foi fixada na primeira, a partir dos Capetíngeos; da última é que têm saído, em grande maioria, os próceres da evolução francesa. Aí é que se estabeleceram, como o escol da inteligência dos bárbaros, os borguinhões; e o próprio cantor florentino reconheceu, na "Comédia" a que, não êle, mas a admiração geral adjudicou o qualificativo de "divina", a incontestável prioridade dos trovadores provençais. Dois focos de cultura aí brilhavam, ainda no pleno período das sanguinolentas invasões: o de Tolosa, onde

estudaram — Dante, seu mestre Bruneto Latini e Petrarca —, na universidade considerada mãe das universidades européias, pois antecedeu à de Paris, que foi obra de Filipe Augusto, no século doze; e a de Marselha, que, como colônia grega, fundada seiscentos anos antes da era vulgar, conservava com amor as tradições da esplêndida civilização helênica.

Bastaria consignar que, no tempo mesmo da supremacia das águias imperiais, no áureo século de Augusto, lá fôra aprimorar suas letras um filho de Cícero, porque o pai talvez, não sem causa, receasse a sedução de Atenas, perigosa aos moços...

Quando os senhores feudais partiam para a Terra Santa, levando no braço a figura da cruz, também do sul da velha Gália, da florida Ocitânia, irrompiam os "cruzados" da poesia, que, na expressão de Michelet, iam pregando, por tôda Europa, a igualdade perante o amor. O sentimento arrancava, assim, o primeiro brado solene, contra os estreitos moldes sociais da férrea organização senhorial. Fidalgo fôra, contudo, o ancião cantor de baladas, Guilherme IX, conde de Poitiers; tanto como, também, a quase totalidade dos seus continuadores, abemolados pássaros que preludiaram o amanhecer da modernidade. Segundo já uma vez lembrámos, essa coorte luzida de cavalheiros e poetas assistiu ao nascimento do reino de Afonso Henriques, harmonizando os seus versos com os descantes, ao rabil, dos serranos da Galiza; e, se na Espanha, a elaboração épica não se limita à importação das gestas da língua de "oil", nem fica puramente individual, como nos "Lusíadas", mas chega até à epopéia popular do Cid e aos contos do "Romancero", — em nossa ex-metrópole, o povo, essencialmente lírico, e com derretimentos de ternura na alma, engendra, por compensação, o mais interessante e o mais opulento "Cancioneiro" do mundo. Parece que Camões assentou de nos oferecer um símbolo das qualidades nativas da raça quando desenhou, em seu poema, o tipo esbelto de

"Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado."

— Haverá nisso, como alguns pretendem, a persistência do elemento "mauresco", que deu aos portugueses o "moreno" da tez e algumas gotas do sangue escaldado ao sol candente dos areais africanos?... Sim, por certo; e, mais, a influência latina e a da vária mestiçagem de que a terra ibérica foi teatro, desde os remotos dias; sem ainda esquecer a inegável ação do meio físico, no "jardim de Europa, à beira-mar plantado".

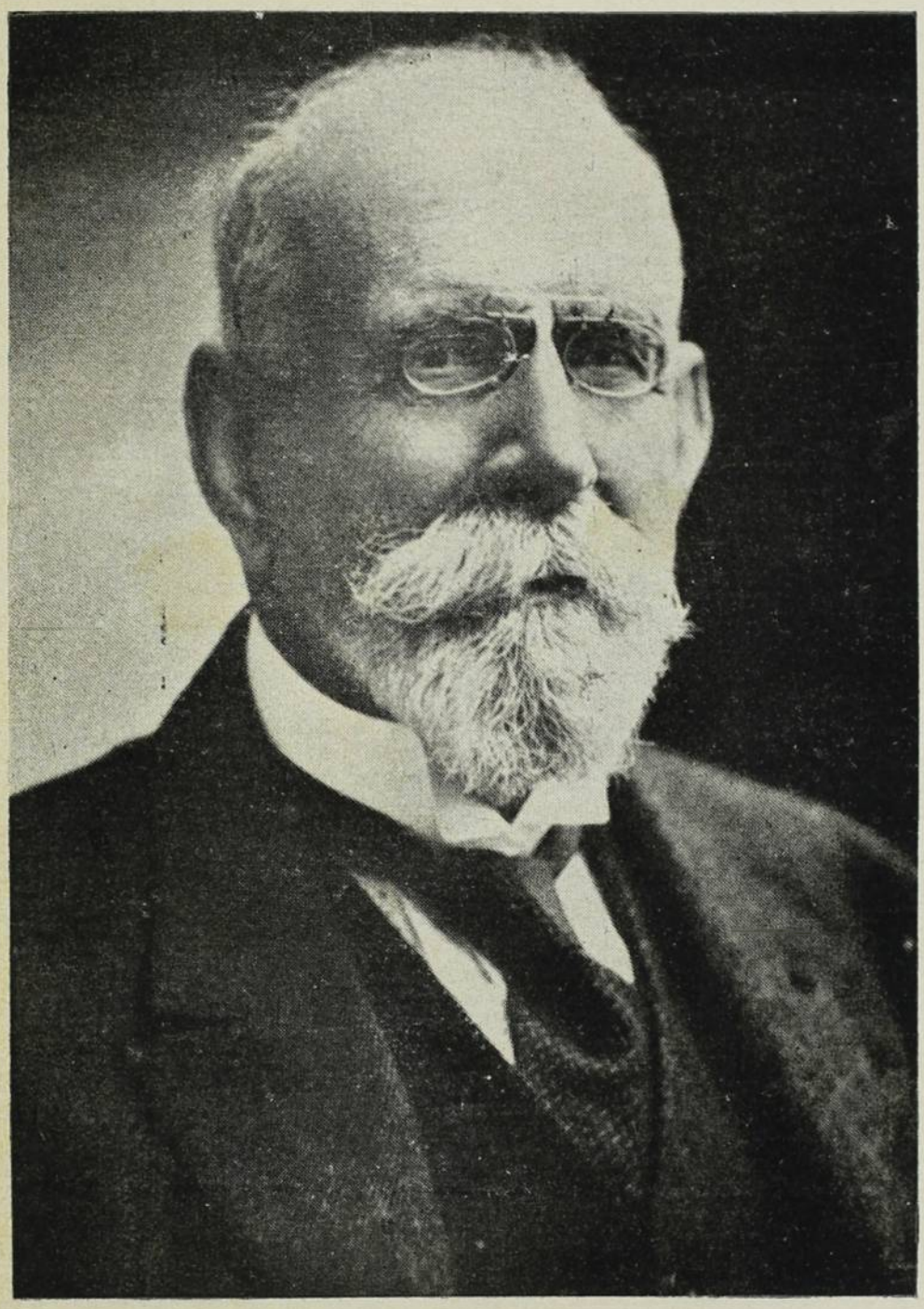
Assim também, o clima agradável da região galo-romana provocava os folguedos e as divagações, matinais e noturnas, que foram, na opinião dos críticos, as ocasiões externas de que proveio a forma literária das baladas, das alvoradas e das serenatas.

Um segundo aspecto psicológico importante da fase medieval, são as manifestações mórbidas produzidas pela miséria, pelo misticismo exaltado e pelo declínio da fé: tais se podem citar, consoante à lição de Audiffrent, a coreomania epidêmica da Alemanha, e a doença da flagelação, que na Itália sucedeu à invasão da peste negra; enquanto a França e a Inglaterra nos apresentam as extravagâncias da dança macabra, ou ronda infernal, dos mortos de tôdas as idades e condições. Havia também sujeitos que freqüentavam o "sabbat", assembléia de feiticeiros, realizada à meia noite de "sábado", sob a presidência de Barzabú...

A demonopatia, dentro em breve perseguida pelos parlamentos e pela Inquisição, se manifesta, entre as mulheres, pela crença nos incubos e sucubos; ao passo que a zoontropia, forma vulgar e grosseira da metempsicose de Pitágoras, ressurrecta hoje nas reencarnações do espiritismo —, erguia, sobretudo na imaginação infantil, os fantasmas do lobishomem e da mula sem cabeça...

Pululavam ainda, através dos hagiológios, as lendas mais comoventes e piedosas, de cujas flores, não inteira-

HOMENAGEM DA ACADEMIA



CONSELHEIRO ANTONIO PRADO

mente fanadas, o espírito céptico, mas finíssimo, de Anátole France soube extrair, para o "Étui de Nacre", um suave perfume de poesia, qual o que se aspira no capítulo intitulado: "A missa das sombras". Por ingênuas que fôssem semelhantes ficções, elas sem dúvida realizavam a mesma essência da arte, que, destinada a cultivar em nós, pela impressão do belo, o instinto de aperfeiçoamento, pode ser definida como — "o sonho de uma vida mais conforme à nossa alma"...

Do admirável ciclo mariano, Gaston Paris destaca, entre os contos de devoção, o daquele monge ignorante, desprezado porque só sabia recitar a "Ave Maria", mas que, tendo morrido, revela sua santidade por cinco rosas que lhe saem da bôca em honra das cinco letras do nome da Mãe de Deus. Contava-se, igualmente, a história de um ladrão que a Virgem, com suas níveas mãos, amparara na fôrca, durante três dias, só porque êle tinha o costume de se recomendar a ela; e achado assim, ainda vivo, ao cabo de tantas horas, recebera o perdão, por causa de tamanho milagre.

Mas, se a piedade fêz germinar estas flores silvestres, na gleba popular, sem cultura; ela produziu, literàriamente, o venerável monumento da "Imitação de Cristo", o qual, escrito por Tomaz de Kempis num latim incorreto e áspero, como o das epístolas de São Paulo, bem merecia os adornos da tradução francesa de Corneille e da portuguesa do sr. Conde de Afonso Celso.

E sòmente de um retiro monacal, no fundo sombrio e triste da idade média, é que podia vir um livro como êsse, que, para amesquinhar o homem semi-bárbaro, e recoberto de armaduras guerreiras, pelo quadro pungente da miséria da vida e horrorosa antevisão da morte, havia de ressoar a seus ouvidos com a plangência de um memento, ou de um dobrar de sinos a finados...

Sílvio de Almeida

Prelúdio

Sigo de antigamente o mesmo rumo,
No lapidar os pequeninos poemas:
Quadra por quadra cuidadoso arrumo
Na variedade máxima dos temas.

E nos meus setissílabos resumo
— Bem que minguadas de preciosas gemas,
Umas poucas idéias que, presumo,
Se ajustarão aos clássicos sistemas.

Nesta planura ou neste precipício,
Em que arde a noite, em que resplende a aurora,
Não quero ver o mínimo artifício:

Que esta sinceridade é que me encanta
Quando, entre flores, a minha alma chora,
Quando, entre espinhos, o meu verso canta.

I

Digo, em versos que não mentem
Nem se afastam da razão,
Aquilo que todos sentem
No fundo do coração.

II

Saudade — amargura doce
No coração do que a sente:
Mal que dói como se fôsse
O bem que alivia a gente.

III

De o bem não ter me regalo
E vivo sem pesadelo:
Pois dói menos não ganhá-lo,
Do que ganhá-lo e perdê-lo.

IV

O bem que muito se exalta
E sempre aviva a esperança,
É como a fruta mais alta
Que a nossa mão não alcança.

V

A dor que mais nos afronta
E que não há quem na acabe,
É aquela que não se conta,
Aquela que ninguém sabe.

VI

Quem canta — o seu mal suplanta,
Quem chora — o seu bem lamenta:
Mas quem não chora nem canta
Padece a maior tormenta.

VII

Rodeando a luz não repousa
A mariposa que eu vi:
Tal qual essa mariposa
Eu ando em tôrno de ti.

VIII

As dores que me consomem
Eu não as conto a ninguém:
Pois é uma virtude no homem
O fingir que vive bem.

IX

Porque o amor em tôda a gente
É uma loucura da idade,
Diz sempre tudo o que sente,
Mas nunca diz a verdade...

X

O amor estua e porfia,
Sem jamais cautela ter:
Se mostra prudência um dia,
Anda amôr para morrer.

XI

O canto dos passarinhos
Inveja desperta em mim,
Quando vou pelos caminhos
Sem poder cantar assim...

XII

Por que perdurem os laços
Da nossa mútua afeição,
Prefiro, em vez de nos braços,
Tê-la só no coração.

XIII

Mal vivida a nossa vida
Não é mal que se suporte:
Nossa vida, mal vivida,
Nem é vida nem é morte.

XIV

Ansiando por merecê-la,
Se morro por não ganhá-la,
A salvar-me com perdê-la,
Quero perder-me e salvá-la.

XV

Quem perde durante a vida
Com dar esmolas ao léu,
Depois da vida vivida
Ganha dobrado no Céu.

XVI

Não olhando o gasto ou perda,
Dê-se a esmola sem a ver,
De modo que a mão esquerda
Nada venha a perceber.

XVII

Enquanto o amor se propaga,
É um saldo que não prescreve:
Quanto mais a gente paga,
Tanto mais a gente deve.

XVIII

Amor que a amor corresponde,
Nunca se pode esconder:
O amor quanto mais se esconde,
Tanto mais se deixa ver.

XIX

Confiança, uma vez perdida
Com testemunhos cabais,
É mal para tôda a vida,
É bem que não volta mais.

XX

Que é a vida, meu Pai Celeste,
Decantada em tantas liras?
Se é um mal, por que nô-la deste?
Se é um bem, por que nô-la tiras?

XXI

Caso estranho o da esperança,
Que sem ter é que prospera:
Pois só vive quando espera,
Pois só morre quando alcança.

XXII

No meu delírio de amá-la,
No meu afan de querê-la,
Maior que o bem de alcançá-la,
É a glória de merecê-la.

XXIII

Mudo, o amor mais alto e nobre
No fundo da alma o concentro
— Montanha que a neve encobre,
Guardando um vulcão por dentro.

XXIV

Por que o bem lhe venha a talho,
Do que é próprio não se afaste:
Cada flor na sua haste,
Cada fruto no seu galho.

XXV

O amor, tal qual já se disse,
Só no mudar é constante:
O amor é o único infante
Que nunca chega à velhice.

XXVI

Que atração pelos caminhos
Tem o mal gerando as dores,
Que o seguimos entre espinhos
Mais que ao bem por entre flores?

XXVII

Pode o amor quedar desfeito,
Sem ofensa da razão:
Que o fogo que aviva o peito
Também mata o coração.

XXVIII

Por êstes céus multicores,
Por êstes grotões hirsutos,
Em vez de só darem flores,
Os poetas também dão frutos...

XXIX

Nosso amor que espanta o mundo,
Nosso amor é mesmo assim:
Como um mar que não tem fundo,
Como um céu que não tem fim.

Aristêo Seixas

A Bordo do Flórida

Simplício resolveu tomar umas férias conjugais, indo só ao Rio, passar lá uma semana, descansar, respirar um bocado em liberdade. Havia muito que êle andava saudoso de um bocado de liberdade.

Para isso, inventou um negócio no Rio. Quando a mulher chegou de volta da missa, êle estava a terminar a toilete. Exibiu-lhe um telegrama que recebera. Um telegrama que êle pedira, por carta, a um amigo que lho passasse.

E acrescentou:

— Preciso partir hoje mesmo. Em vez de ir por terra, vou por mar. Vou pelo "Florida", que sai à tarde. Já telefonei para a agência pedindo que me reservem uma cabina.

A mulher lamentou:

— Pena é que eu não possa ir também.

— É pena sim, mas será para uma outra vez. Você compreende. Não convem estar deixando as crianças sempre sósinhas na mão das criadas. A Estefania está ficando moça; é preciso ter cuidado com ela.

E recomendou-lhe:

— É bom você meter-me, na mala, roupa aí para uns quatro ou cinco dias, porque com estas notícias alarmantes de revoluções a estourarem a todo o instante, seria uma maçada se eu me visse bloqueado, no Rio, sem roupa.

A mulher quase se persignou:

— Credo! Deus é grande! Isso não há de acontecer. É impossível que essa gente não crie juizo.

*
**

Às cinco horas da tarde, Simpício punha o pé à bordo. Estava radiante. Os seus olhos brilhavam e êle esfregava as mãos.

O maitre d'hotel, um gorduchinho baixo, fardado ,foi leva-lo à cabina. No corredor, êle resvalou por umas malas, em cujas etiquetas leu o nome do tenor De Angelis.

A cabina era pequena, porém, confortável, no deck acima. O maitre d'hotel, ao abrir-lhe a porta, disse-lhe:

— Ici vous serez bien.

Simplício entrou, lançou um golpe de vista ao redor de si. Concordou:

— Oh, oui, très, très bien... — e indagou: — À quelle heure le dîner?

— À sept heures et demie.

Era isso principalmente que o levára a embarcar-se no "Flórida"; êle fazia empenho em jantar a bordo. Sempre ouvira gabar a comida a bordo dêsses vaporinhos. Ainda, não havia muito, o Tavares lhe contara de um jantar no "Campana"; uma delícia!

E para quem viaja só, então, ao que parece, são uns vaporinhos muito divertidos. A prova disso ali estava — conjecturou — o tenor De Angelis e em companhia dêle, certamente, tôda uma troupe lírica, com primadonas e coristas.

E Simplício considerou-se um homem de sorte. Ia divertir-se.

Depois que o maitre d'hotel se retirou, êle permaneceu na cabina à pôr em ordem as suas coisas, os seus petrechos de toilete; lavou as mãos, penteou os cabelos, esteve a rememorar os seus tempos de menino, quando viajava para a Europa, com seus pais, a bordo dos paquetes das Messageries Maritimes. Era exatamente aquilo que ali estava. A mesma disposição quanto à cama, o lavotório, a garrafa d'água, os copos, as toalhas de linho grossas, duras, dobradas em quatro, o cinto de salvação, com um aviso explicativo ao lado. O povo francês é, sem dúvida,

o povo mais conservador do mundo. É um escravo do passado. Razão tinha Mr Bergeret quando exclamava: — "Que se pode alterar na França a não ser a côr dos sêlos?"

Dalí êle foi para o bar. Tomaria de bom grado um refresco. Sentia calor, êle que, pela manhã, tiritara de frio em S. Paulo. Fóra, os guindastes estavam insuportáveis; carregavam sacas de café e caixas de laranjas. Havia um que, quando funcionava, fazia — "dron, dron, dron, dron, dron". E o vapor estremecia todo da prôa à ré.

Simplício sentou-se a uma mesa. Ouviu um homem pedir, ao barman, um "Delôso".

O barman respondeu-lhe:

— Il n'y en a plus, monsieur. C'est fini. Si vous voulez un "Berger"?

O homem acenou que sim.

Passando por Simplício, êle indagou:

— Et vous, monsieur?

— Un "Berger" également.

— Ao certo, Simplício não sabia o que fosse aquilo. Ao tomar o primeiro gole, viu que era um oxigenado uma espécie de absinto, e lembrou-se de uma vez, em Paris, em que presenciára carregarem Catulle Mandès, inteiramente embriagado, de uma mesa do Café de La Paix para dentro de um fiacre. O autor de "Philoméla", passára ali o dia todo a encharcar-se displicentemente de absintos gomados.

E, meneando a cabeça, disse consigo:

— Bons tempos aquêles!

Estendendo o braço, alcançou sôbre uma cadeira, um número da "Prensa" de Buenos Aires. Entre diversos títulos, leu:

— "Investigar-se de la conduta de Altos funcionários Municipales".

Murmurou:

—As mesmas bandalheiras lá como aqui: as mesmas patifarias...

Depois:

— "Fue comemorada la revolucion".

Êle, aí, jogou o jornal para longe. Era uma coisa que o irritava a palavra "revolução"; fazia-lhe mal aos nervos, embora êle houvesse tomado parte, com estusiasmo, na revolução constitucionalista de 32. Mas, é que, depois disso, tivera muitas desilusões. Convenceu-se de que a revolução de 32 não passara, inicialmente, de uma intentona, armada por um grupo, que ambicionava, já em 32, a situação que desfrutava agora. Nunca essa gente imaginou que havia de arrastar atrás de si tôda uma população indignada, capaz de escrever a epopéia que escreveu. E êle que era um idealista, um sonhador, se deixára também empolgar. Estivera, diversas vêzes, a pique de perder a vida numa trincheira, em Vila Queimada, debaixo de fogo. E tudo para que?!... Para que o pessoal da retaguarda se colocasse e se enchesse como estava se enchendo agora — os catões de outros tempos... Positivamente esta nossa terra é uma pândega!

Assim pensava, quando viu aparecer, à porta do bar, um homem já velhusco, de cachimbo nos dentes, com uma cara misto de toreador e pelotário, metido num sweater, com um beret vasconso, meio torto na cabeça. Acompanhava-o uma rapariga de olhos amendoados, maquilhada como se fôra uma boneca, esbelta, ondulante, salerosa.

Ambos, quando o lobrigaram, fixaram-no. Depois, entreolharam-se como a consultarem-se, e certos de que não se haviam enganado, caminharam direito para êle. Simplício, que também os havia reconhecido, ergueu-se para os receber .Os três haviam sido companheiros de viagem, anos atrás, de volta da Europa, a bordo do "Cap Arcona".

— Usted se acuerda de nosotros?

— Como não me hei de acuerdar de ustedes! — exclamou Simplício, não menos jubiloso, porém confessou que só não lhe ocorriam os nomes; haviam de desculpa-lo.

O homem achou natural. A êles, também, acontecialhes o mesmo, quanto ao nome de Simplício. E renovaram as apresentações.

— Pepe Renovales, pintor; Dolores mi senõra.

Simplício, por sua vez, declinou o seu nome:

— Simplício Mendes Torres, jornalista e corretor, ou, melhor, corretor e jornalista nas horas vagas.

Pepe e Dolores sentaram-se à mesa. Contaram-lhe que iam para a Europa, numa missão artística, à custa do govêrno; se não fosse assim, ser-lhes-ia materialmente impossível viajar com os despropósitos do câmbio negro. Simplício invejou-lhes a sorte, suspirou.

O barman, que já conhecia a preferência de ambos, serviu-lhes um "Dubonet" à l'eau, trouxe pratinhos com batatas fritas, azeitonas e amendoas salgadas.

Enquanto êles bebiam aos goles, mostravam-se interessados pela vida de Simplício; queriam saber pormenores acerca da revolução paulista, se êle havia sofrido muito, se fugira...

Simplício endireitou o corpo num movimento brusco, e, indicando-se a si próprio, com o índex espetado no peito, exclamou:

— Eu fugir?! Eu?!

E pôz-se a contar-lhes com detalhes tudo quanto fizera, o dia da sua partida como simples soldado num batalhão de voluntários, a primeira noite que dormiu num quartel, no chão, sem colchão, sem travesseiro, sem cobertas...

Dolores arripiou-se, apertou as fontes nas mãos. Cerrando os olhos dizia:

— Que barbaridad! Que barbaridad!

Simplício comoveu-se, achou-a encantadora, Prosseguiu:

— Para dar exemplo às tropas, como eu fosse um homem de destaque, de posição, o comandante obrigou-me a fazer a primeira fachina.

Dolores não sabia o que era fachina. Indagou do marido. Êle explicou-lhe:

— La limpieza del quartel, del alojamiento de la tropa.

Ela volveu rapidamente o busto para Simplício, de olhos pasmados:

— Usted?! va hacer la limpieza del quartel?!

Simplício sacudiu a cabeça:

— É verdade! E tive que varrer todo o dormitório, tirar o cisco em latas, ir deitá-lo fóra.

Ela tornou a levar as mãos às fontes. Exclamou novamente:

— Que barbaridad! Que barbaridad!

Simplício acrescentou, dessa vez, dirigindo-se a Pepe Renovales:

— Eu, palavra, aí, senti-me muito mais herói do que depois, nas trincheiras, quando recebia ordem de atirar, porque, em suma, eu me alistei para combater e não para fazer fachina.

Pepe concordou:

— Yo lo creo.

***

Pouco antes do jantar, o "Flórida" soltou dois guinchos estriculos, asmáticos. Depois balouçando, desatracou, foi deixando o porto...

O jantar decorreu tal como Simplício o havia imaginado. Um jantar estupendo.

Os três sentaram-se à mesa alegres, saturados de aperitivos; do mar vinha uma brisa fresca. Simplício, logo de início, correu uma gorgeta ao maitre d'hotel; fazia empenho em ser bem servido. Consultando a lista dos vinhos, pediu um Sauterne 1930. Consultou Pepe com a cabeça. Pepe piscou-lhe:

— Magnifica idéia! Preciosa!

Dolores ajuntou:

— El senõr Simplício lo hace todo bien!

Simplício recomendou que o vinho viesse bem gelado. E começaram por um potage "garbure", que êle tomou com faminteza, numa pressa gulosa.

— Não reparem — suplicava-lhes. — Ando saudoso da comida francesa, daqueles restaurantezinhos de Paris, onde se come tão bem!

E lamentando a situação mundial, que dificultava agora tudo na vida, impedindo as viagens de outrora, lamentou a situação a que o Brasil fôra arrastado com a revolução de 30.

— Ah! se não fôsse a revolução de 30 — disse — hoje, possivelmente, seríamos os nabados do mundo! Estaríamos com as nossas arcas abarrotadas de ouro. Todos os capitais estrangeiros teriam afluido para aqui, ao passo que, agora, os nossos estadistas, para desculparem os seus êrros, os seus desperdícios, são obrigados a macaquearem tôda sorte de crises, a inventarem problemas que não existem entre nós... É comum ouvir-se falar nos sem trabalhos, e, no entanto, a nossa lavoura vive a queixar-se da falta de braços; não há semana que não cheguem, aos nossos portos, levas e levas de imigrantes japoneses; ainda agora vamos receber vinte mil assírios... Imaginem ustedes!... Vinte mil assírios!... A mística revolucionária, entre nós, se vai transformando numa espécie de esporte, de futebol... Cada grupo tem os seus torcedores...

O criado mudou os pratos. O maitre d'hotel trouxe-lhes o menú.

Pepe, num francês espanholado, aconselhou Simplício a que pedisse "buffet froid".

— Vous allez voir, il est excellent".

E os três pediram "buffet froid".

Simplício, correndo o menú, observou:

— Tôdas as vêzes que vejo um prato "à la financière", lembro-me do que dizia Brillat Savarin. Êle classificava os gourmets em quatro categorias, segundo as suas profissões. Os financeiros, os médicos, os homens de letras e os preládos. Os financeiros, porque podem pagar. Daí a infinidade de pratos "à la financière" que se vêm na cozinha francêsa. Os médicos, porque, naquele tempo, as famílias dos doentes "les embecquaient comme des pigeons". Os homens de letras, porque são festejados em tôda a parte — "ile sont gavés de petits plats". E os pre-

lados, porque a gula — "la gourmandise" — é o único prazer que lhes resta na vida.

E Simplício atalhou fitando Dolores nos olhos:

— Voila pourquoi, madame, personne ne s'etonne qu'ils y sacrifient avec une telle passion.

Dolores, limpando os lábios com o guardanapo, concordou num francês espanholado à moda de Pepe:

— Et c'est bien vrai çá!... J'ai un oncle, un curé, le père Gaspar, si vous saviez comme il aime faire bonne chère, le cochon!

E ela inclinou a cabeça de lado, olhou para êle com um olhar oblíquo, sorriu-lhe mordendo o lábio inferior Aquilo perturbou Simplício. Mexeu-lhe com o sistema nervoso. Êle sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha e acendeu a pupila, alongou para ela um ôlho lúbrico, luzente.

Dolores, que já estava bastante bebida, achou-lhe graça. Riu ruidosamente. E Simplício, entusiasmado, ergueu seu corpo à saúde de don Pepe Renovales e de sua gentilíssima esposa.

Pepe inclinou-se agradecido. Porém pediu-lhe que retirasse o "don", que o tratasse simplesmente por Pepe — Pepe seu amigo.

E erguendo, por sua vez, o seu copo, pronunciou com ênfase:

— Amigo del famoso heroi, que es usted, a quien tiengo el honor de saludar!

Dolores, balouçando o corpo, soltou dois guinchos:

— Ip! Ip! Hurrah!

Os passageiros, nas outras mesas, voltaram-se para êles. Um velho, de sobrancelhas contraidas, rosnou sombriamente para uma velha:

— Ils font la noce ces gens-lá La petite est dejá bien émechée!

Em seguida aos frios, o maitre d'hotel serviu-lhes, a título de surprêsa, um "buisson d'éperlans". Depois, um "poulet roti" com salada "laitue tomate". E para terminar um "plum cake au rhum".

Simplício propoz uma champanhazinha. E o maitre d'hotel retirou-se à pressa, foi gelar uma garrafa.

***

No tombadilho, resolveram fazer o quilo. Dolores caminhava entre ambos; de vez em quando, a mão de Simplício roçava a dela; um momento como demorassem encostados à murada. fitando um farol, que acendia e apagava ao longe, êle atreveu-se à apertar-lhe um dedo. Ela riu-se. Deu-lhe uma palmadinha de lado.

Pepe, que se sentia afrontado, flautulento, não poude recalcar um arrôto; para disfarçar disse:

— Lo que más aprecio en su pátria es la naturaleza!

Simplício, que espreitava os olhos de Dolores, respondeu-lhe maquinalmente:

— É, com efeito, uma beleza a nossa naturaleza!

Mas, não tardou em que Pepe se queixasse de uma pontada nos rins, e de muita fâdiga; êle fatigara-se muito naquele dia. Além disso, não podia beber, e fizera excesso. Já estava a sentir a maldita da ciática. Êle e Dolores despediram-se de Simplício. Haviam de se ver no dia seguinte.

Simplício achou aquela separação assim tão brusca uma enormidade. Ficou sucumbido a olha-los pelas costas.

Depois, quando se viu a sós, pensou no tenor De Angelis. Deu umas voltas pelo tombadilho quasi deserto. Encontrou-se com um homem de peito estufado e bigodinho espetado para cima, que andava solitário, de um lado para outro, com as mãos apertadas nas costas. Meteu-se em cabeça que devia ser o tenor De Angelis. Hesitou, porém chegou-se a êle. Perguntou-lhe em italiano:

— Prego, singnore! Lei è il tenor De Angelis?

O homem não compreendeu. Respondeu em francês:

— Plait-il, monsieur?

Simplício perturbou-se:

— Je voulais savoir si vous êtes le tenor De Angelis?

— Moi, le tenor De Angelis? Mais, pas du tout, monsieur. Je suis médecin.

— Oh! alors, excusez- moi! Je vous demande mille pardons!

O homem respondeu-lhe:

— Y a pas de mal, monsieur. Y a pas de mal.

E continuou na sua marcha solitária, de um lado para outro, com as mãos apertadas nas costas.

***

No bar, Simplício dirigiu-se a um criado, que fechava as janelas, batendo as folhas com estrondo. Indagou:

— Dites-moi. Où sont les passagers? Je ne vois plus personne sur le pont.

— Tout le monde sûrement est dejá couché, monsieur.

— Comment, dejá?!

— Mais, certainement. Il est presque dix heures... — e êle explicou-lhe: — Vous comprenez, ce bateau ce n'est pas um palace; c'est plutôt une pension de famille. La vie que l'on mène ici, c'est la vraie vie da famille.

Simplício, como não quizesse passar por tolo, sorriu-lhe com malícia:

— Et les petites femmes?

— Oh! les petites femmes! Çá n'existe plus, depuis longtemps, monsieur. Toutes ces pauvres malheureuses n'ont plus de galette pour voyager...

Simplício, em vista disso, resolveu retirar-se para a sua cabina. Começou a ventar e êle ergueu a gola do paletó. Caminhando, inclinava o corpo para a frente, ia pensando em "toutes ces pauvres malheureuses" — segundo a expressão do criado — "qui n'ont plus de galette pour voyager". As mulheres da vida alegre — "les filles de joie" — como os franceses, por ironia, costumam chama-las.

René Thiollier

Do livro "A Louca do Juquery"

O Professor Jeremias

CAPÍTULO X

93

Ao jantar ocorreu-me indagar dos parentes a origem da ruidosa solenidade. Deram-me uma resposta que só muitos anos mais tarde pude compreender: havia terminado a revolta de Custódio, com a vitória da Legalidade.

Deve datar daí uma litografia de Floriano, que por muito tempo eu admirei, ao lado de um retrato de meu avô, que também não conheci, e que, mais o espelho oval, com moldura de ramagens, dourada e coberta por um veu, contra as moscas, eram os únicos ornamentos da nossa sala de visitas. Eu teria esquecido hoje Floriano, o avô e o espelho, e o sofá, e tôda a sala de visitas, talvez, se as bombas daqueles foguetes m'os não tivessem afundado na memória. Os foguetes são das coisas que se não esquecem, e, com êles, tudo quanto abraçam os écos dos seus estampidos. Assim, a memória humana não é talvez senão a cadeia dos estrondos de uma existência, e a História, memória da humanidade, o catalogo dos estampidos celebres. Quando os foguetes são mais fortes do que aqueles do Carlito, de ruído mais intenso e fumaça mais larga, os rebôos forçam os limites de uma única geração e se derramam na posteridade, como os de Napoleão, indo por fim morrer nos livros.

Napoleão, meu filho, foi um grande fogueteiro. Os seus rojões ribombaram durante um século, no mundo, e ainda hoje por aí se encontra gente, naquela minha pos-

tura da calçada, de nariz para o ar, a seguir os resquícios das baforadas do corso...

Mas é isso: as minhas mais velhas reminiscências são os foguetes inconsequentes do Carlito. Quando, anos mais tarde, se eliminou nos sertões do Norte a grei do Conselheiro, lá esteve, à porta de nossa casa, o menino da loja com os foguetes pontuais. E assim, enquanto viveu meu pai, foram sempre recebidos com os estrépito das bombas os acontecimentos culminantes da política. Era uma tradição da família. já nos tempos da Monarquia ela saudava pela mesma fórma a ascensão dos ministérios conservadores e o nascimento das princesas.

Até que um dia, uma destas, com uma penada que lhe surripiaram os liberais, espoliou a nossa casa de sessenta e poucas cabeças de escravos que nos ajudavam a viver na fazenda do Retiro, em Caravaí. Desse dia em diante os foguetes da nossa casa desviaram-se para os sucessos republicanos.

Foram os últimos destes os que eu conheci. Porque, deves saber, meu filho, nasci poucos anos antes do 15 de Novembro , e nos últimos do florescimento do municipio caravaíano . Com pouca idade fui levado com a família para a vizinha cidade de Pirassaguéra. Meu pai aproveitara a alta do café e a sua incompatibilidade com colonos, para passar a um amigo, por bom prêço, o Retiro.

— Trabalhe lá quem quizer, dizia êle; não estou para outra. Amanhã vem aí outro decreto e liberta-nos a tropa, a boiada os porcos, o diabo!... Negro não tinha consules!...

Foi pois em Pirassaguéra que a razão me veio encontrar, espiando no ar os flócos da fumarada daqueles bons foguetes do Carlito.

CAPÍTULO XI

FLORIANO

Aquele retrato do Marechal, que na sala de visitas recebia, conforme me dizia o dístico, por baixo, — **as ho-**

menagens do povo paulista — foi um símbolo,, na minha infância. Nele presentia eu e reverenciava o expoente de tôdas as vitórias da Ordem contra a Anarquia, da Democracia contra o Absolutismo, da Estabilidade sôbre a Desagregação. Meu pai, que não esquecêra os sessenta escravos encamoteados pela princesa, não esquecêra tão pouco os seus sentimentos conservadores. E meu pai era um entusiásta de Floriano, no que eu muito folgava, por vê-lo de pareceres tão condizentes com os meus. Porque eu também aborrecia a princesa e venerava, com o meu avô, presente na sua moldura, ao lado, o Consolidador. Apenas, como o retrato de meu avô era menor do que o outro, e não tinha dístico, não garanto que lhes repartisse como balança fiel o meu preito. Talvez, ao subir-me para os olhos, a minha homenagem viesse endereçada originalmente ao militar, cujos bordados na gola eram mais de atrair o meu respeito do que a gravatinha estreita e pendente, do comparsa. Mas lá desviava eu uma fração, lembrando o dito paterno muitas vêzes repetido, em se tratando do parente:

— Menino, êsse é o teu avô, homem dos antigos.

Sendo dos antigos, afigurava-se-me que devia ser considerável. Mas continuava a sentir calafrios dorsais, ante a imagem do vice-ditador, mórmente quando meu pai, presenciando a mirada, instruia-me:

— Menino, se não fôsse êsse homem, teu país estava perdido: teríamos de novo aí o Banana...

O Banana, bem o sabia eu, era D. Pedro II, cujo retrato da História do Barão de Macaubas, por perguntas e respostas, eu desfigurava, acrescentando-lhe orelhas como as de Midas e pendurando-lhe na boca cachimbos desmedidos, sem dar tento do anacronismo. Mas naquele tempo eu não cuidava da Mitologia e ignorava que já outro soberano da terra tivesse sofrido a primeira deformação. O que eu visava, com o cachimbo e com as orelhas, era dar uma consistência gráfica aos meus sentimentos políticos. Nem outro movel me levava a inundar o peito do

Deodoro com as medalhas e gran-cruzes de que o de Macaubas, a meu vêr, despojara o Genaralissimo.

Eu reformava por completo a ilustração da minha História de Abílio. Punha flamulas nos topes das caravelas e, à matança do primeiro bispo da Bahia, fazia coparecer dois anjos, de cruz alçada, às ordens do martir, para a condução da sua alma ao seio de Abraão. Punha rabichos e cabeçadas nos corcéis dos Guaycurús, calçava esporas às botas do Tomé de Souza, na sua chegada à Bahia... Eu tinha muito geito para o desenho, conforme, em casa, se informava às visitas, quando a prosa chegava à enumeração de talentos infantis. Era exageração, com certeza, nascida da que eu aplicava às orelhas do Imperador. Fizesse eu o mesmo a Floriano...

CAPÍTULO XII

NOBILIARQUIA E HERALDICA

Não penses, contudo, Joãosinho, que também meu pai abandonasse o culto ao meu avô pelo do Marechal de Ferro. Não; êle tinha, melhor do que eu, o senso da distribuição. Meu avô e mesmo outros antepassados mais remotos, tinham seus dias de rememoração.

Porque em nossa casa, Joãosinho, também se cultivavam grandes tradições. Passando de conservador a republicano, meu pai, no primeiro ímpeto, alijara de perto de si tôdas as velharias heraldicas que lhe fizessem lembrar o traiçoeiro regimen. Também, eram poucas: duas ou três cadeiras de couro, vindas do Reino, com os espaldares batidos no brazão dos Pereiras, e que foram deixadas no Retiro, como absoletos vestígios de uma idade barbara. Lá ficaram, com suas bandas de prata, suas estrelas de ouro, seus campos de góles, suas aspas, seus timbres, onde havia melros sem bico e sem pés, e mil outras figuras que eu, de imaginação reconstituia a meu modo, quando tio Bonifácio as recapitulava, às vêzes. Tio Bonifácio era de convições mais resistentes em política e amava a He-

raldica. Conservava-se monarquista apezar da abolição dos dois pagens que possuia em 88, no seu sobrado, em Ipú.

Ele deliciava-me, recontando os brios da casa. Inúmeros casos lhe ouvi eu, de muito estímulo para o meu carater incipiente. Lembra-me o da avoenga, velha rígida de princípios que enforcara uma das filhas, por não receber novas remocadas do irmão padre, a quem lhe parecêra lobrigar a sobrinha de rotulas escancaradas para a rua Era um tema êsse preferido de tio Bonfácio para referendar a severidade da moral antiga.

— Hoje, dizia, é que precisavamos de muitas dessas, para côbro da regateirice que por aí vai. Poucas se livrariam da fôrca...

Nêsses dias, minha mãe opunha a sua comiseração pela enforcada e declarava a avoenga justiceira um monstro e o padre um jesuita desalmado. Eu, sem o saber, aconchegava-me a ela, certo de que, em idênticas emergências, minha mãe me livraria da denúncia sacerdotal e do baraço consequente.

Mas meu pai, sem aprovar o uso da fôrca em família, objetava que o que era fato é que naqueles tempos havia outro respeito dos filhos pelos pais.

— Hoje que os tratamos como príncipes, quais são os filhos que não nos falam de mãos nos bolsos, baforando cigarrinhos na nossa cara?...

— Coisas da sua República, mano Pedro, aparteava tio Bonifácio, que não perdia vasa de cotejar os regimens.

Vinha depois o caso de que eu mais gostava, o do meu avô, o dos antigos. Delegado de polícia em Caravaí, fizera evacuar certa vez um circo de volantins, por lhe não ter o chefe dos funambulos preenchido em tempo as formalidades inherentes à delegacia.

Nêste ponto, tio Bonifácio contava:

— O homem chegou um dia a Caravaí, armou o circo, anunciou... No outro dia o palhaço saíu à rua, os foguetes subiram, à tarde, e, de noite, toca a entrar gente para o espetáculo. Nosso pai, quieto. Já na hora de começar, o escrivão, impaciente impressionado, não se conteve:

"— Seu Coronel, êles vão dar espetáculo sem a licença...

"— Que horas são?

"— Sete e meia.

"— Não tem nada: mande buscar o diretor.

Veio o diretor:

"— Ah! Coronel, não vê que o serviço... A praxe é pagar tudo por junto, na despedida...

"— A praxe aqui é antes. O sr. vem amanhã, paga, e então dá o seu espetáculo.

"— Mas, sr. Coronel, o povo já está entrando!...

"— Que saia.

O diretor voltou. Viu o povo. Era uma enchente como as de Caravaí. Pensou:

"— Qual! êste delegado não vai agora contrariar a tanta gente...

E fez-se de sonso. O escrivão voltou à carga:

"— Seu Coronel, êles vão dar espetáculo...

E nosso pai perguntou:

"— Quantas praças estão aí?

"— No quartel?... Oito.

"— Mande buscar seis, com as armas embaladas.

Daí a pouco, lá estavam as seis praças; e nosso pai disse:

"— Vamos p'ro circo.

Foi. Varou pela porta e entrou no picadeiro, seguido da fôrça. O povo, que reclamava música, biquiou, espantado. E o velho, parando no meio da pista, com o seu chapeu de Manilha, pardo, de abas caídas sôbre os olhos disse, alto e bom som:

— Hoje não há espetáculo!

Pois, menino, nunca se viu um circo ficar vasio tão depressa. Foram saindo uns atraz dos outros, quietinhos que nem carneiros.

O velho não era brinquedo...

— Era dos antigos — dizia meu pai.

— Dos da Monarquia aduzia tio Bonifácio sorrindo-me com intenção.

CAPÍTULO XIII

A VOZ DO SANGUE

Havia ainda outros casos exemplares do brio da nossa gente, pelas gerações acima. Pelas abaixo, havia, mais próxima, uma bofetada de meu pai a um juiz municipal arrogante.

Todos os pormenores desta via de fato me eram periòdicamente enumerados, desde a bofetada até o sino dado por meu pai à matriz de Taquariguaba. Lá o levara, a procurar justiça menos assanhada, a perseguição dos liberais que, em Caravaí, o condenara despropositadamente em dois jurís seguidos.

Meu pai era homem sentimental. Pela absolvição alcançada em Taquariguaba, deu aos habitantes, atestando o seu reconhecimento, um sino novo, de muitas arrobas. O outro, de há muito fendido, ofendia com a sua sonoridade fanhosa e compunção dos fiéis. Meu pai, com o sino, lhes restituiu a compunção, a troco da liberdade. Não gostava de dever favores a ninguém.

Das bravuras deste caso, participara também tio Bonifácio, embora, ao m'o relatar, não se incluisse no feito. Mas meu pai fazia-lhe justiça, recordando-lhe a tempo:

— Sim, mas então conte também o que Vossemecê fêz...

A esta deixa, eu perguntava:

— Que foi que fez o titio?...

Tio Bonifácio sorria, e meu pai narrava:

— Eu tinha dado o tapa no juiz. Era numa audiência. Os outros ficaram sarapantados, quando o Estanislau da Cunha, liberal e meu inimigo, me deu voz de prisão. Fiquei na sala livre, enquanto o meu amigo José Tobias providenciava pela fiança. Mas o mano Bonifácio, logo que soube do caso, no sítio, botou-se para a vila, a saber o que era. Não me encontrando em casa, saíu furioso para a ca-

deia. Entrou de chapéu na cabeça e, tomando-me pelo braço, ralhou:

"— O que está fazendo aqui, feito caicara?!

"— Caiçara, não; mas a lei...

— Que lei, adonde!?... A lei é Vossemecê ir para casa, como gente branca, e não estar aí a dar espetáculo a essa canalha! Venha daí, já!

E, puxando-me o braço, levou-me, corredor afóra, com espanto de soldados e do carcereiro, que não compreendiam. Á noite, José Tobias lá estava, com o alvará...

— Então Vossemecê queria ficar lá na cadeia que nem negro fugido?!... comentava tio Bonifácio, sentindo ainda restos da antiga indignação ante os pruridos de legalidade do irmão. E concluia:

— A lei é para os caiçaras!

A minha imparcialidade vacilava entre essas duas jurisprudências. A de meu pai, achava-a legítima, como tudo quanto vinha dêle. Mas achava a de tio Bonifácio muito mais bonita. E tu não o achas também, meu filho?...

Em suma: o brio da família foi a cantiga que mais docemente me embalou a infância. Com tais hinos se enchia minha alma e se tornava sequiosa de recontros em que eu provasse a rijeza do sangue herdado.

Êste sangue, dizia-me tio Bonifácio, leitor incansável que era de Pedro Taques, dimanava, em confluência de quatro quinas imaculadas, dos mais altivos e nobres fidalgos de Flandres, que se passaram para Portugal ao tempo de um dos reis Sanchos da primeira dinastia. Pelo caminho, desde os Paizes Baixos até Caravaí, tivera encontros honrosos com outros, caldeando-se com sangues oriundos das nascentes reais dos Capetos, de dois ou três Henriques de Inglaterra, de soberanos leonezes e castelhanos, havendo mesmo boa dose deles de fonte carolingia.

Por muito tempo andei à cata de ensejo onde ensaiasse a tempera da minha violenta raça. E a leitura das façanhas de Roldão, de Oliveiros, de Guí de Borgonha e de outros paladinos, muito prováveis parentes meus, dava-

me ainda maiores ganas de esconchar o gentio em arremetidas famosas.

CAPÍTULO XIV

UM SOCO

Afinal, chegou o ensejo.

Um pequeno, dos meus vizinhos, apoderara-se, certa tarde, da caixa de fosforos com que eu andava a atear fogueiras de todos os papeis que rolavam pelas sargetas no nosso bairro. Apoderara-se dos fosforos e, ante tôda a minha argumentação e impropérios reivindicativos, apenas encolhia os ombros, cínico. Era um caiçara, evidentemente.

Então, relembrando, numa síntese confusa e rápida, a avó aústera, o padre escrupuloso, o avô formalista, o pai bilioso, e subindo por tio Bonifácio até os reis de Castela, e destes passado aos Clóvis e Childericos, inflige ao irredutível garoto um sopapo aniquilador.

Mas não se aniquilou o biltre. Bambeando o corpo, furtara-se ao golpe, e, enquanto eu ainda pasmava ante a minha imperícia num transe tão familiar, o maroto ensanguentou-me as mandíbulas com um soco dextro. Quando acordei não vi mais visinho nem fosforos. O vilão sumira-se, deixando-me com a minha primeira experiência da democracia.

Desde aí desisti do genero cruento e procurei nos anais da estirpe face menos escabrosa por onde a ilustrasse. Não a encontrei. Minha família só possuia aquela face difícil.

CAPÍTULO XV

AS BOLINHAS

Pouco tempo depois do soco, perdi meu pai.

Eu era ainda uma criança despreocupada, que passava as horas de folga, e eram-nas quase tôdas as minhas, ho-

ras, de joelhos pelas sargetas, com outros pirralhos do tempo, jogando a fubéca em renhidos torneiros, com bolinhas de vidro. Não conhecíamos o futebol nem o escotismo, nem outros brinquedos nobres com que tu Joãosinho, mais os teus camaradas de idade, hoje vos preocupais. Porisso a fubéca se nos afigurava a única distração digna de uma criatura. Deves perdoar-nos essa nossa frivolidade, meu filho, porque, enfim, com ela, nós èramos sinceros. Davamo-nos às fubécas de corpo e alma. O mundo, para nós, era uma bolinha.

Quando meu pai morreu, não te direi que me desse uma comoção ou abalo moral o fato em si. As crianças, em geral, julgam sumariamente os fenômenos transcendentes. Lembro-me que contei as corôas do saimento. Eram quasi tantas quantas tivera a espôsa do prefeito, mêses antes. Mas meu pai não era siquer vereador. Achei justo.

Contudo a minha impressão mais forte dêsse tempo veio de umas bolinhas. Umas bolinhas de mármore, indiretamente originadas da catastrofe.

Eram um presente do marmorista incumbido do monumento que cobre o chão onde descansou meu pai. O artista simpatisou comigo e me ofereceu uma coleção deslumbradora de bolinhas de mármore, polidas, reluzentes, inegualáveis. Por muito tempo foram essas bolinhas o melhor do meu tesouro de infância.

A dadiva foi à véspera da minha volta à escola. E todo o resto do dia passei-o mirando e remirando as preciosas esferas, alvas, umas, sem mancha, outras cinzentas, sem côr, ou veiadas de azul como os braços da minha professora. A minha alegria era sem limites, apezar do luto com que minha mãe me vestira. No dia seguinte, no recreio, ou, à saída, na rua, é que seria lança-las, as minhas bolinhas inéditas. Que figurão fariam elas, entre as outras, dos meus colegas, humildes bolinhas de vidro plebeu, ou ainda de massa, ignóbeis, e escoria!...

De fato, foi um triunfo quando eu, afetando certa indiferença, lancei o meu primeiro "mármore" que rolou

ao sol, rebrilhando. Parou o jogo; juntou gente. Todo o mundo quiz examinar e apalpar a preciosidade. Então eu expuz à admiração e à apoteose do recreio, tôda a coleção das minhas bolinhas. Foi um sucesso. Renovei o meu prestígio. Velhas amizades robusteceram e sopitaram-se alguns ódios antigos. Tive mais amigos do que o Lupércio, o da merenda de marmelada.

Exigiram a genese das bolinhas.

— Onde é que você achou?...

— Onde é que estão vendendo?...

— Quanto custa?...

Informei por meúdo, com muitas palavras, desde a morte de meu pai, do número das corôas, do túmulo, do prefeito, do marmorista, da minha roupa de luto e, finalmente, do presente que me fizera o artifice.

Todos me admiravam. Todos me faziam perguntas partitulares, esclarecedoras. Apenas o Paulino, filho do prefeito, se conservava pensativo e mudo. Chegara-se a mim, pedira as bolinhas a ver. Examinara-as detidamente. Por fim tornou a perguntar:

— Foi o marmorista, que fez o túmulo, então?...

— Foi.

— Diabo! o de minha mãe veio já feito, de Napoles...

A minha felicidade atingiu o infinito.

CAPÍTULO XVI

NO COLEGIO

Com a morte de meu pai, aconselhou tio Bonifácio que me mandassem para um colegio. E, feito o enxoval, foi êle quem me levou à Capital e me conduziu ao colégio a que me haviam destinado.

Não te farei o reconto de tudo quanto no colégio vi, ouvi, ou imaginei. Seria um outro livro dentro dêste, com o defeito de já o ter escrito, com muito mais encanto e arte, Raul Pompéia. Se teimas em conhecer o meu colégio,

abre o **Ateneu** e o encontrarás ali, com pequenas variantes, e com algum tédio a mais, porque o colégio era em S. Paulo e teu pai não era nenhum embrião de Pompeia..

Tio Bonifácio achava que êsse colégio não passava de um instrumento de penetração **iankee**, por via religiosa e educativa. Mas, dizia, se se não pode impedir a infiltração, aproveitem-se os seus métodos, que são bons. Com imperialismo ou sem êle, as crianças ali aprendem bastante, Antes isso do que estragar o menino nos jesuitas.

Eu concordava com o tio Bonifácio. Não que entendesse das suas razões político-internacionais. Eram para mim frases sem nexo, como muitas outras que ouvia à gente grande. O que eu estimava era livrar-me dos jesuitas. Os jesuitas eram o meu terror. E devia haver uma razão para isso, porque sempre ouvira de minha mãe, como a mais terrível, a ameaça:

— Deixe estar, que eu ponho você no colégio de Ipú, com os jesuitas!...

Era quando eu recalcitrava, ante alguma determinação dela, teimoso. O abantesma negro trazia-me à obediência.

Assim fui eu para o colégio onde se não ensinava latim nem catecismo às crianças, o que, para tio Bonifácio, era o seu melhor reclamo.

Quanto ao latim, tinha razão tio Bonifácio, que m'o não ensinaram, embora sem maior proveito para mim. Mas a respeito de religião enganava-se. Todos os domingos passei-os eu, no colégio, em cultos e escolas evangélicas, onde pregadores massantes e obstinados como profetas, com uma Bíblia de couro preto e um caderninho de hinos, se incumbiram de apagar na minha alma o encanto de todo aquele maravilhoso gnosticismo deixado nela pela mamã Evinha.

Evinha dera-me a primeira nutrição ao corpo e ao espírito. Era uma santa preta, mamã Evinha. Contava-me os horrores do inferno e as delícias do paraiso, de mistura com as façanhas de João e Maria e do Pedro Ma-

lazartes. Dessa argamassa construira mais tarde a minha professora um sistema religioso sólido, único, massiço. Tôdas as coisas no seu lugar.

Pois essa religião deixei-a, aos pedaços, pelas escolas dominicicais, derruidas sob os discursos dos presbiteros. Quizeram dar-me outra, em substituição. Mas era visivelmente inferior. Prosaíca, hirta, sem incenso, sem orquestra, sem estatuas, sem alfaias, sem nada. Apenas, lá no alto, no fundo do inatingivel, um Deus, que abdicara há dois mil anos num filho problemático, que perdôa a todo o mundo!... Recusei. Mamã Evinha não teria em mim um apostata, embora já não tivesse um sectario.

CAPÍTULO XVII

PROBIDADE LITERARIA

A propósito de Evinha, dir-te-ei, meu filho, que foi ela quem me deu, até hoje, o mais belo exemplo de probidade literaria. Ela contava-me histórias do seu repertório. Eram as de João e Maria, do Malazartes, do Pequeno Polegar, e algumas outras mais, que Evinha, por sua vez, ouvira a seu tempo.

Mas em casa estivera outra mucama, a Eugenia, que de sua parte narrava também outras histórias, que Evinha escutava com encanto só comparavel ao meu. Entre estas, uma havia, de cujo entrecho já não me lembro, mas em que vinham, a voltas tantas, uns versos, postos pela Eugenia numa toada que me enchia a alma de melancolia. Era a Princesa que certa noite, despertava o marido:

Levantai D. Bugre,
Do maior Estado;
Selai seu cavalo,
Seu cavalo branco;
Vá chamar mi'a mãe,
Que eu estou doente,

Vá chamar mi'a mãe,
Que eu estou doente.

E o príncipe selava o seu cavalo branco e lá se punha a caminho, por mil perigos e ciladas, até que entrava no Reino Encantado, cuja soberana era a mãe de sua interessante companheira.

Mas a velha, lá por suas razões, não atendia ao chamado, e apenas lhe cantava, por seu turno:

Tomara que tenham,
Que tenha'e terão,
Tomara que tenham
Um filho varão,
D'espada na cinta,
Ginete na mão,
Rasgado da boca,
Té no coração!...

D. Bugre, pachorrento, voltava à esposa, com o recado, sendo despachado novamente para outras terras, em busca de parente mais sensivel, que a ajudasse na iminência maternal. E a cantiga repetia-se novamente:

Tomara que tenham,
Que tenha'e terão,
Tomara que tenham...

Pois Eugenia se foi embora um dia, ficando em casa, outra vez, só a Evinha. Mas esta nunca se atreveu a lhe recontar as histórias. Quando as proezas do Malazartes, de João e Maria, dos três cães, Rompe-Nuvens, Corta-Vento e Quebra-Ferro, haviam passado pelos meus ouvidos insones, eu lhe pedia:

— Evinha, conte aquela de D. Bugre...

E ela me respondia, invariavelmente:

— Não; essa é da comadre Eugenia.

E nunca as minhas lágrimas manhosas a tiraram dessa atitude obstinada.

Coisas de preta, Nas rodas literarias, Joãosinho, hás de ver que não há dêsses preconceitos. Todo o mundo conta as histórias que lhe parecem, e mesmo sem lágrimas ou os pedidos de ninguém.

E nem, do contrário, valeria a pena de pertencermos nós à raça latina.

CAPÍTULO XVIII

O ROMANTISMO

Vários anos andei pelo colégio de onde não trouxe outras recordações que maior me fizessem a bagagem.

Apenas adquirira ali uma tal ou qual predileção romântica por países esfumados, de languorosa poesia. Nascera-me isso, creio eu, nas aulas de francês, que por não haver professoras que as dessem; estavam a cargo de certo dr. Amâncio, tuberculoso, de voz arrastada e cavernosa, a quem nós abreviadamente chamavamos — o Careca.

O Careca lia em suas aulas, com enface abafada e soturna, techos do Atalá, do Além-Túmulo e do Cristianismo. Com isso fazia as delícias de si mesmo, pois era visivel que o dr. Amâncio admirava a própria dição — e o gaudio de nós outros que, nas últimas carteiras, jogavamos cigarros ao rape-tire-ponha.

Outros aspectos do colégio esvairam-se-me, com o tempo. Mas nunca pude desvencilhar-me dos écos da voz do Careca, no grande salão dos médios, trazendo-me, ao meio das discussões do joguinho, retalhos do Chateaubriand em tiradas eloquentes:

"...pour regagner la voie Appienne, je me dirigeai sur le tombeau de Cécilia Métella!..."

— Jogue, ceciliá metelá!...

— Passe o cigarro, então!...

— Que cigarro?!... Foi "rape"...

— Não foi: foi "ponha".

— Está bom; não vale; jogue outra vez.

— "... sur un tombeau paré de fleurs, Marcelin célébrait le mystère des chrétiens..."

— É você, marcelén; ponha o cigarro.

— S'tá aí. Dê cá o pião...

— Primeiro ponha o cigarro!

— Ladrão!

— Jogue!...

— "... je reconais les catatombes!..."

— "Rape", catacómbe, 'stá vendo?...

— Sim; agora sou eu...

Do romantismo, onde ao depois vim a saber que está metido o Chateaubriand, ficou-me daí o conceito, com que mais tarde fiz figura nas esquinas de controversia literaria, ao tempo em que todos os dezoito anos andavam embebidos em **L'Assommoir e no Primo Basílio**:

— Hein?... O Romantismo? Literatura de rape-tire-ponha!...

Hoje não sei bem o que quizesse dizer com isso. Nem talvez os meus confrades o soubessem. Mas por isso mesmo me admiravam êles, pela subtileza da minha crítica.

Enfim, do colégio pouca coisa trouxe eu que não a encontres no livro do poeta. Uma ou outra que me ocorra, em tempo t'a referirei, para tua ilustração e edificação. O caso é chegarem-me ao bico da pena. Lá terão os seus capítulos, mais adiante, onde os podes procurar, se tanta é por êles a curiosidade que te argúe.

Até logo!

CAPÍTULO XIX

MINHA VOCAÇÃO

De menino rico e amimado, que entrara para o colégio, dalí saí, anos depois, após sucessivos desastres econômicos da família, com a meia ração dos preparatórios

e nenhuma de meios para prosseguir na minha brilhante correira.

A minha carreira era a engenharia.

Com poucos anos ainda, meus parentes me haviam adjudicado uma decidida vocação pela engenharia. Fôra numa tarde em que eu atinara, com meu único esforço, estando tio Bonifácio fóra, com o número exato de horas e minutos que levaria, para encher-se, aquele tanque de aritmética, que por uma banda recebe o jacto de uma torneira e por outra deixa esvair-se parte da agua, por uma talisca irreparável.

Eu sempre fôra peco ao cálculo. Mas, daquela vez, não sei que combinação dispôs o acaso, que, ao voltar da escola, trazia o louvor da mestra atestado num cartãozinho roxo, onde vinha impresso:

MÉRITO
ARITMÉTICO

e que eu exibi a meus pais, com orgulho, e com vaidade a tio Bonifácio, que costumava ajudar-me nos mais complicados transes da ciência.

Meus pais exibiram-no, por seu turno, a mim e ao **Mérito,** às visitas, sendo todos de parecer que eu seria outro Newton.

Dessa minha inesperada superioridade sôbre as Danaides, ficou coligido que cumpria dar-se destino condigno ao gênio que se albergara em mim e que apenas pedia uma livre expansão. Embicaram-me, pois, irrecorrivelmente, para as pontes e calçadas.

Ao seu estudo fui desde êsse dia destinado, bem como ao uso de certo anel de pedra azul, reliquia avoenga que minha mãe retirava, as vêzes de um velho cofre, nos dias melancólicos de inspeção retrospectiva ao antigo esplendor da casa nos restos da ourivesária hereditária.

De comêço, assustava-me a idéia de estudar ainda

muitos anos a fio, em cursos intermináveis, aquela matemática monotona que, para mim, se aplicava exclusivamente aos casos de reservatórios avariados. Eu preferiria o comércio entre tôdas as carreiras, e, dos comércios, o das lojas de ferragens, onde havia mólhos e mólhos de foguetes. Mas, como a ciência das torneiras me daria a posse do anel de pedra azul, com os seus treze bilhantes, sacrifiquei as ferragens e fiz côro na convicção geral acêrca do meu matematicismo.

Quando saí do colégio, porém, já não tinha mais a mesada indispensavel para o curso, nem o anel para a investidura. Minha família vivia então pobremente, a administrar uma fazenda de Pirassaguéra, para onde fui matar o tempo, fazendo-me aluno da Escola Normal.

CAPÍTULO XX

NORMALISTA

Só então conheci a vida de estudante.

Porque ate aí, fechado no colégio, com aulas, horários, escolas dominicais, longos estudos, à noite, vigiados pelo "Morcego", regente dos médios, nada conhecia dessa tão gabada vida. Fôra apenas um colegial, com todo o ecêrvo das suas beatitudes clássicas.

Agora, não. Os praparatórios trazidos, que visavam a Politécnica, desviados para a Normal, garantiam-me vida fôrra e gloriosa em meio dos meus colegas, vindos das escolas primarias. Eu fazia a análise lógica, conhecia intimamente o Halbout e chamava o Camões à ordem direta com muito desembaraço, além de garatujar figuras a carvão e esfuminho, com alta perícia. Só não levava grande provisão das minhas antigas matemáticas e de música. Esta nunca quiz graças com os meus ouvidos e aquelas se escoaram do meu cérebro, como se sumia a água daqueles tanques reveladores, de outr'ora. Mas, balançadas tôdas as minhas sabenças com as que nos pretendiam incutir ali na Escola, ficava-me sempre

um saldo capaz de me assegurar folga e socêgo, além da renomeada que me cercou desde os primeiros dias.

Comecei então a viver deliciosamente a minha nova vidinha de estudante.

Fiz os exames, matriculei-me e puz-me à tuna, à espera do tempo. A benevolência dos veteranos, no "trote" aos "bichos", comprei-a para mim fazendo-lhes "burros" para as aulas de francês, que eram o terror da Escola. Do Caréca, apezar de tudo, ficara-me, com os anos, o suficiente para obsequiar aqueles pobres veteranos a quem a Seleta Roquete punha suores frios à testa, com os seus Lisimaques implacáveis. Em câmbio dos "burros", dispensavam-me êles do "trote". Excelentes rapazes.

Mas o importante da minha nova vida é que eu passara a ter colegas de vário sexo. Das do outro separava-me, contudo, um tabique, merecedor de capítulo à parte.

CAPÍTULO XXI

O TABIQUE

Porque este tabique, Joãozinho amigo, era uma instituição.

Quando entrei para a Escola, já êle lá existia, ou, antes, coexistia com o nosso diretor, o volumoso professor Conrado. Uma era o outro. O tabique era o reflexo de Conrado. Conrado era um tabique... Não sei se me explico.

Vamos a ver. O nosso diretor era um grande homem espadaúdo, de largas manoplas de trintanário, rosto vasto, onde escorria, ao meio, grande nariz, como a desabar-lhe para a boca labiosa; de sob o nariz, saiam duas escovinhas de cerdas hirtas, recurvas, intonsas e grisalhas, que iam acabar meio queixo abaixo. Os olhos nunca se lhe abriam definitivamente; as palpebras, a meio caminho, teimavam e Conrado submetia-se. Este hábito, cá entre nós, Joãozinho, sempre cuidei que lhe vinha de se dar Conrado à flauta. Deves reparar que a flauta habitua o "virtuose" a

essa atitude, cabeça ao lado e olhos baixos, sôbre a partitura. Conrado era, além do mais, flautista.

Era também solenista. Quando, sôbre o largo ventre, espalmava a mão, para acentuar, ante algum aluno recalcitrante, a própria competência privativa na interpretação dos versículos do Regulamento Interno das Escolas Normais, semelhava uma figura acadêmica de Cronos Adiposo, exercendo os atributos do inexoravel Destino. Tinha o vulto hierático dos Uugidos.

E amava a solenidade sôbre tôdas as coisas. Em seguida, amava a festividade. As vêzes, amava as duas coisas misturadas, tomando então a sua personalidade ares amaveis de divindade benevolente.

Muito boa pessoa, aliás. Cuidava, com solicitude enternecedora, da carreira futura de cada um dos seus dirigidos. Dava-lhes sábios conselhos. Se algum desenho saía do lapis de um aluno com maior segurança de traço e regular perspectiva, chamava-o Conrado, em particular, e ensinava-lhe:

— Olhe; está muito bom este seu trabalho. O sr. agora deve pôr-lhe uma dedicatória e uma moldura bonita, e envia-lo ao Secretário, ou ao Diretor Geral. O sr. terá, ao depois, muita facilidade nas suas nomeações.

Não penses, meu filho, que Conrado instigasse à bajulação. Éle bem sabia que os secretários e diretores gerais são incorruptíveis. Seus conselhos visavam apenas habituar os futuros professores ao altruismo, ao desapego, à submissão aos poderes constituidos, sentimentos que fazem a felicidade e glória do mestre-escola.

Nós é que o não compreendíamos e, nos corredores, chamavamô-lo — Papão.

Mas, para mim, o meu fôro íntimo, chama-lo-ia, antes — Tabique.

A ala direita do prédio da Escola abrigava as alunas, enquanto que nós outros ficavamos na esquerda. Isolamento completo. Mas, por uma tendência inexplicavel, os alunos das duas alas procuravam mirar-se reciprocamente.

Por tôda frincha, desvão, fenda, altos de muro, greta, rombo, talisca, fresca ou fechadura, por onde um ôlho pudesse esgueirar-se, à espreita, lá se encontravam os nossos olhares, sequiosos de contemplação mutua.

Ora isso era o que Conrado não havia por bem. Inspirado talvez nos escarmentosos sucessos do Eden- ou na proverbial sobedoria salomônica, Conrado corria a interceptar tôdas as miradas que porventura surpreendia, de um sexo para outro. Conrado aplicava o conceito do epicurista hebreu, respeito à mulher:

"Aquele que agrada a Deus, fugirá dela, o que porém fôr pecador, dela será apanhado". Ecc. VII; *27*.

Pelo menos quanto à nossa ala. Quanto à outra, não sei em que manuais de moralidade buscava êle inspiração para se interpôr incansavelmente aos nossos olhares relapsos.

E o meio de não nos deixar cair em tentação, eram os tabiques. Conrado inundou a Escola deles. Por tôda parte os erigiu, implacáveis, a vedar hipotéticos intercâmbios oculares. Pelos pateos, nos salões, no Escritório, ao longo dos corredores, por todos os cantos onde o acaso pudesse por uma normalista ao alcance d'olho de um colega erguia-se uma parede de táboas, a separar as duas metades humanas. E se porventura a malícia de uma coincidência fazia com que alguma condiscípula surgisse de improviso no seu gabinete, enquanto Conrado interpretava a Sibila do Regulamento para algum dos outros, não podendo, de pronto, acudir como o tabique salvador, êle, estrategicamente, colocava de permeio a sua própria e larga pessoa, fazendo um tabique de si mesmo.

Um excelente sujeito, o Conrado. Não lhe guardes por minha causa rancor nenhum, Joãozinho. Cada homem sae do seio materno com a mania que mais lhe convem. E se ainda tens à mão o moralista judeu, nota que há nele êste, entre outros preceitos salutares:

"Tôdas as coisas têm seu tempo, e sua oportunidade, e é muita a aflição do homem..."

CAPÍTULO XXI

DO AMOR

Como viste, Conrado era severo a respeito do comércio entre os dois generos.

Isso porém não tira que ao entrar para a vida de estudante, tratei imediatamente de provêr o meu coração de um amor. Estudante sem amor não era estudante.

Com alguns anos, Joãozinho, se não és uma aberração adolescente, tu também hás de experimentar essa necessidade de arranjar um amor, que te parece absurda agora. Demais, deves ter ouvido bastantes vêzes, à tua mãe, o reconto dos amores de Paulo e Virginia, cuja história era para ela a sumula da literatura universal.

Eu nunca li Paulo e Virginia. Mas ouvi falar a muita gente e, em Pirassaguéra, ao tempo da minha infância e no meio do jardim do Barão da Serra Preta, havia um casal deles. Eram de porcelana pintada e moravam num rochedo de cimento, ao centro de uma vasca. Viviam aconchegados sob um guarda-chuva de ferro, por amor da água que repuchava da ponteira do traste. Quando passavámos, de volta da escola, paravámos à grade, a espia-los. E Mário, neto do Barão, esplicava-me o segredo:

— Não é; Virginia e Paulo se queriam muito bem e por isso êle não queria que ela se molhasse...

Mas eu replicava:

— Porque diabos ficavam êles ali, então, naquela ilha de cimento, debaixo daquele guarda-chuva contraditorio?...

Os conhecimentos de Mário não desciam até lá. E' que, como tu agora, meu filho, nós então ignoravámos o que é o amor.

CAPÍTULO XXII

DO MEU AMOR

De principo, não atinava. Ideiava Heloisas esguias e contemplativas, cismarentas para a lua, em janelas de oitão,

fora de horas. Mas as Heloisas minhas contemporâneas iam procurar Abelardo nos campos de futebol, ou nos salões de baile, onde me não encontravam. A perspectiva da engenharia infundira-me desde cedo uma dóse de gravidade avêssa a reboliços coreograficos e esportivos.

Porisso a minha amabilidade, que era grande, permaneceu largo tempo, dentro de mim, latente e ignorada. Isso espantava-me, porque, a meu ver, eu era uma criatura considerável. Cheguei a quasi desesperar. Um estudante sem amor!... Que seria que me faltava para também ter um?

Faltava-me a notoriedade. Quando ela se me foi chegando, vi que trazia o amor á garupa.

Porque, Joãozinho, teu pai foi, na sua época, um estudante notável em Pirassaguéra.

As traduções de francês aos veteranos e uns artigos no "Correio de Pirassaguéra", com o tempo, deram-me renomeada e eu enverguei a pele de talento da geração. Os olhos do povo começaram em fim a enxergar-me.

E enxergaram-me também os de uma Heloisa em disponibilidade.

Estava eu arranjado. Logo que percebi a insistência dêsses olhos, pestanudos e verdes, o "Correio" estampou, a rigor, no coração da página, o soneto competente.

As pestanas sorriram. E do soneto e do sorriso se formou o primeiro dia do nosso amor. E eu vi que o amor era bom.

Tomei então cuiadosamente o meu amor, dei-lhe dois ou três toques de paixão, cultivei-o, acarinhei-o, com o alvoroço de pária aquinhoado de repente por um capricho de raja. Pelas páginas do "Correio" e nas sabatinas dos veteranos, abanei constantemente, na pira do nosso amor, a brasa da minha notabilidade.

Esta metáfora é o que me resta na memoria, de umas passionárias que os leitores do "Correio", naquela época, viram todos os dias no seu jornal, com um anagrama por baixo — **Mejerias.**

Hoje peço perdão aos leitores do "Correio" e a Coelho Neto, meu modêlo no gênero, por aqueles madrigais, com que pretendia cercar a plantinha do meu amor, à guisa de propício adubo.

Não te estranhe, meu filho, uma comparação como a que aí fica. Também é um éco perdido de uns versinhos vegetarianos, que publiquei na mesma fase, e que começavam assim:

Era modesta plantinha,
Quando nasceu, este amor...

Não me lembro do resto, mas tudo era o desenvolvimento de um roble, altaneiro, de cerne rijo, a desafiar tôdas as tempestades de Castro Alves.

O que prova que o adubo não era mau. Com efeito, o nosso amor cresceu, foi deitando raíses e prometia árvore de vulto. Começamos a ser tidos, eu e as pestanas amadas, como o casamento de amor que a história de Pirassaguéra havia de apontar, do alto do futuro.

E é mesmo possível, Joãozinho, que tivéssemos entrado na história embarcados nos casamentos daquela classe, se não fôra o café.

CAPÍTULO XXIV

O CAFÉ

Aqui, meu filho, abro capítulo à parte, afim de poder enfiar, à moda antiga, à entrada, um argumento, em itálico:

De como o café se intrometeu no cºmércio de dois puros corações, inflamados num casto amor, e lhes separou as achas, cada uma para sua banda, apagando o fogo, e de outras coisas dignas de menção.

Foi o café quem nos fechou as portas da história da Pirassaguéra. O café, por efeito de uma das suas súbitas valorizações.

Porque saberás, Joãozinho, que o pai de Heloisa era fazendeiro de café. Ao tempo do nosso incêndio mútuo, andava o produto paterno por menos de mel coado. Com isso, andava o cafelista lá pelas suas fazendas, a tramar acordo com os colonos e a achar mesmo que era uma pessoa simpática um professor de bons costumes, que lhe amparasse de futuro a filha.

Todos os ventos assim nos eram propícios e levar-nos-iam favoralvelmente ao matrimonio, se os credores, mais confiantes no futuro do café, se tivessem lembrado de tolher ao pai das minhas pestanas as suas fazendas. Mas os credores foram imprevidentes, e eis que um dia dá o café para subir cotação acima, desabotinadamente, indo operar milagres de reabilitações a 15 por arroba, arrancando a ópa a muita gente em vésperas de procissão.

Vai daí o pai de Heloisa foi ser fazendeiro num palacete de S. Paulo; e ali, bailes, joias, vestidos, automóveis e um bacharel m'a roubaram.

E aí está, Joãozinho amigo, de como não és tu rebento de um primeiro amor.

CAPÍTULO XXV

OS VERSOS

Mas, como terás ouvido bastas vêzes da boca dos experimentados, tudo tem sua compensação na vida.

Assim eu, vendo que me era roubada a minha pastora, comecei a deixar de fazer versos, ao contrário do Jacob a quem lhe deu, em circunstâncias semelhantes para os refazer da capo al fine. Deixei a poesia, ficando-me da versejadura apenas o suficiente pendor para achar defeitos nos versos alheios. A crítica todo o mundo o sabe, sempre foi e será fruto despeitado de semente chôcha. E eu fui por muito tempo, em Pirassaguéra, um crítico acabado, com o topete bastante para declamar, nas rodas de controversia, que a poesia de tal grande poeta, o príncipe,

"não passava de uma linda coleção de ourivesaria contante". Chocalhos, dizia eu, chocalhos de ouro, filigranados, mas meros chocalhos... E muito barbeiro houve, Joãozinho que admirou o meu topete.

Mas, cá conosco, meu filho, devo declarar-te que êsse aniquilamento da minha musa, não o devo exclusivamente ao meu desastre lírico. Em boa parte devo-o ao meu colega e amigo Sadi.

Não conheces o Sadi?!...

Ora essa!... Sadi era um rapaz do meu tempo, que em Pirassaguéra me emprestava as rumas de Strauss, de Renan, de Reinach, de Binet, durante o período agudo da nossa paixão exegetica. Era Sadi quem me emprestava livros, naquele tempo. E, além dos livros, emprestava-me também um grande conceito acêrca da minha inteligência, a qual, asseverava, prometia alguma coisa. Era muito emprestádio, o meu amigo.

E essa promessa que se me imputava tão amigavelmente, cuidava eu que a cumpriria com inundar o mundo de uma Legenda dos Séculos de nova mão. Porque, eu Joãozinho, sentia-me poeta. Sentia-me mesmo um grande poeta. Apenas, esta sensação grata era-me sempre vexada por uma paralela consciência da minha incapacidade para a metrificação. Nunca manuseando, com afinco o Tratado de Bilac e Passos, logrei penetrar-me completamente dos segredos do hemístiquio. Isso porém em nada alterava o meu critério quanto à minha predestinação. Antes me dava a previsão lisongeira de que seria eu o reformador da poética nacional, que lhe sacuderia os canones das obsoletas peias castilhanas. Os Boileaus do futuro haviam de dizer, nas suas artinhas, quando chegassem à minha página:

Enfim, Pereira veio...

Mas Sadi não era do mesmo parecer. Profetizava outro campo para a frutificação das minhas promessas:

— Deixa a poesia em paz, dizia-me, deixa a poesia, onde já revelaste fartamente a tua consumada mediocridade. Contenta-te com a prosa, em que, quando menos, terás a acompanhar-te um menor ridículo...

CAPÍTULO XXVI

SADI

Era muito franco o meu amigo Sadi.

Dessa franqueza e de ter pais italianos, qualidades geralmente julgadas incompativeis, grangeara êle uma aura de antipatia nas rodas estudantinas de Pirassaguéra. Poucos eram os meus amigos, que raros arrostavam a sua franqueza e a sua raça. O José Braga, de grandes bigodes, que ao depois raspou, por amor do João do Rio, o Antonio Teixeria, excelente rapaz, fadado ao matrimonio, e eu...

Não sei bem porque, sempre fiquei amigo daquele Sadi tão hostilisado pelos meus amigos, de nariz recurvo e ponteagudo, de olhos inaturáveis e boca apertada em cinco ou seis sinuosidades frias; daquele italianinho, enfim, pedante, que usava pencenez enfumados numa terra onde já o nariz a nú dificilmente se lhe perdoava.

Eu sempre fui um maria-vae-com-as-outras. O ir com Sadi, ao arrepio dos mais, é uma excepção aberrante, que ainda me não explico. O certo é que eu estimava grandemente Sadi, e sentia um prazer especial quando respondia aos que me exprobavam a predileção:

— E' antipatico, realmente; é mesmo extrarodinariàmente pedante; vocês têm tôda razão mas tem um grande talento!...

Ao que os obtemperantes concordavam:

— Bem; só se é isso...

Havia de ser isso, também.

CAPÍTULO XXVII

AS OPINIÕES DE SADI

Pois meu caro Joãozinho, foram bem as ponderações de Sadi que me resolveram a desatar definitivamente, Parnaso abaixo. Mesmo porque, o incidente do café seria antes de feição a enraigar-me o vezo poético, em vez de extirpa-lo. Há exemplos notáveis e bastantes, de Abelardos desenganados que só em tirar em verso a desforra dos seus desenganos. E' quasi que a regra geral; e essa circunstância algo me envaidecia, emparelhando-me na mesma fila augusta da versejação universal. E eu arremetia já para as minhas Poesias completas, quando recebi de Sadi uma carta que me desencabeçou.

Ora, aqui tens a carta, Joãozinho, para que também te abeberes dos salutares ensinamentos que te livraram a ti de proceder de um mau poeta. Deves andar pelos treze ou quatorze anos. E' a idade em que o cristão começa a fazer-se poeta, e não seria eu bom pai que te não propinasse a mesma tisana que a mim me curou. Aqui tens a carta:

"Meu caro Jeremias

Sei pelo nosso amigo Teixeira que foste desenamorado pela tua fazendeira e isso é o que me leva a escrever-te.

Não que eu veja nêsse feito uma desgraça notável e venha agora com as consolações da praxe. Não. Antes dar-te-ia parabens, se melhor do que isso não tivesse para dar. Porque, como muitas vêzes te disse, sempre lamentei comigo que caminhasses para o achatamento do matrimonio burguês, vindo a desmentir a pregação que, entre Corintios e Efesios... (restos do exegeta...) sempre andei fazendo por conta do teu talento.

Uma saida feliz como a que ora te chega, só pode

ser enviada pelos deuses amigos. Podes felicitar-te de ter mais sorte do que o vulgar dos homens...

Mas, acrescenta o Teixeira, caiste numa crise aguda de poetisação e, ao que parece, andas aí a reunir os sonetos com que pretendes edificar o mausoléo da tua paixão. Consta-me que estás preparando o teu — livro de versos!

Ora, meu Jeremias, esta é justamente a catastrofe que eu temo. Porque tu não és poeta. (Não estranhes, Joãozinho: Sadi era a mesma franqueza encarnada). Tu não és poeta. Eu não compreendo que mau genio te pode ter inbuido de semelhante convicção. Tu nunca foste poeta, nem há possibilidades de que o venhas a ser algum dia. Tu és fundamentalmente prosaico. Não possues aquele fundo de otimismo ingênuo que faz os poetas de lei, aquela simplicidade confiante que os torna dignos de piedosa admiração, nem tens um transe moral, estraordinário ou heróico, que te sopre o estro de uma poesia que valha a pena.

Um poeta de verdade deve possuir a convicção primaria de que a própria estesia é a que mais convem a todo o mundo. Para se ser poeta é preciso, como para ser músico, pintor ou esculpor, possuir aquela serena superioridade que afasta dos deuses o ridículo inerente à humanidade comum. E' necessário que se tenha uma singular confiança na excelencia dos próprios sentidos, para imaginar empresta-los ao próximo , no intuito de o aparelhar melhor para a contemplação das coisas. Vê que os poetas que maior nota alcançam são os que nos emprestam uma emotividade mais forte atravez da qual tudo nos encanta.

Os poetas têm êsse privilégio de irradiar a própria emoção. Mas, para isso, hão de sobrepôr-se ao ridículo humano, como te disse acima, porque em tôda emoção há um fundo cômico de ingenuidade surpreendida.

Ora, tu, Jeremias, por mais que te dôa isto à vaidade, nunca possuiste o dom celeste daquela superposição indispensável. Como eu, também, nunca o possui. A poucos fazem os deuses essa davida. Daí o desenxabimento das linhas que enfileiras nos teus sonetos, às marteladas, cuidando que são versos. Elas nunca transmitirão a ninguém, as coitadinhas, uma emoção de que és o primeiro a conhecer a inexistência. De cegueiras como a tua é que brota essa legião de bardos de meia tempera, que têm, todos, como tu, uma namorada inconsequente e um volume de **Poesias Inéditas** ainda mais inconsequentes.

Deixa em paz a poesia. E, se te não apetece a prosa, recolhe o teu talento dentro de ti mesmo como aquela personagem do Eça, antes que venhas a desmoralizar o meu prestígio de profeta com a publicação dos teus atentados líricos.

E' o que, com tôda sinceridade, acha que deve dizer-te o

amigo muito amigo
Sadi".

CAPÍTULO XXVIII

A CRISE

Devo confessar-te, meu filho, que não terminei a leitura da carta sem um certo rancor pelo Sadi.

Que diabo! também era ser franco demais! Eu nunca lhe falara nada daqueles seus contos futuristas que ninguém entendia... O bacharel levava-me Heloisa e agora Sadi queria vir arrebatar-me até a lira! Arre!...

E por algum tempo propendi em aceitar a opinião corrente. Sadi. com seu pencenez, não passava de um italianinho pedante, intoleravel, como diziam os meus ami-

gos e como comecei a concordar, meio a medo, com medo dos coerentes.

Mas isso foi passageiro. A minha amizade pelo Sadi não era como aquela da cantiga:

O anel que tu me deste
Era vidro: se quebrou;
A amizade que nós tínhamos
Era pouca: se acabou...

A amizade que nós tínhamos era menos quabradiça. Reli a carta, dias depois, tresli, e fui alfim encontrando um certo tom de cabimento em alguns tópicos. Também não me soavam indiferentemente as alusões ao meu talento, que deviam participar da mesma sinceridade do resto.

Enfim, com a quinta ou sexta leitura, as páginas virgens das minhas **Poesias Inéditas** retorciam-se nas labaredas do fogão.

A sinceridade dos outros é uma terrível coisa, Joãozinho...

CAPÍTULO XXIX

OS HOMENS DE AMANHÃ

Por êsse tempo andava eu pelo fim do curso, e, de par com mais algumas dezenas de homens de hoje, em vesperas de ser investido com a missão de elaborar os homens de amanhã.

Hás de saber, Joãozinho, que a Pedagogia, ciência de muita voga por aquele tempo, tinha, entre outras verdades apuradas, que a criança de hoje, afinal de contas e em que pese aos espíritos de contradição, não é outra coisa senão a larva do homem da amanhã.

A Pedagogia é uma coisa consideravel, meu filho. Outros te dirão, talvez, que consideráveis são os pedagogos-

Mas em verdade te digo que não pode haver uma coisa sem a outra. E a considerabilidade destes é apenas o reflexo daquela.

A Pedagogia, teoricamente, é transcendente, e tu não deves esforçar-te por atingi-la. Seria esforço vão e de nenhuma recompensa. Mas, na prática é uma sólida e bela coisa. Basta dizer-te, Joãozinho, que a Pedagogia é uma pirâmide. No ápice, um Diretor Geral, agudo e fino, ameaça de furar o firmamento; na base inumeraveis mestres-escolas. De permeio, **quantum satis** de inspetores escolares, contínuos, amanuenses, bedeis. Tôdas esses pedras se cimentam com a história do homem da amanhã. E para que o homem de amanhã seja um bom homem, cumpre que as pedras da base não se mexam dos seus lugares, afim, de que as pedras intermédias e a do vértice não tremam nos seus postos. E da pedra do tope jorra para as demais a linfa da verdade em ondas periódicas, sob a forma de circulares, avisos, regulamentos, ofícios, admoestações, suspensões, exonerações. E essa linfa lava tôda a pirâmide de qualquer mácula de ignorância e infunde às pedras de baixo a ciência do que hão de fazer afim de dar com o hojje infantil no amanhã adulto.

Um primor de edificação êsse chafariz monumental da Pedagogia.

Ora, por aquele tempo estava eu acabando de esquadrejar-me para poder ser encartado na base do monumento. Era pelo fim do último ano.

Léo Vaz

(*continua*)

A Poesia de Ezequiel Freire (*)

CONFERÊNCIA DO SR. FRANCISCO PATI

Rezende, "poética cidade suspensa como um ninho aos flancos graníticos da montanha", segundo o belo traço descritivo de Narcisa Amália, acha-se em verdade, ìntimamente ligada à história da poesia brasileira.

Além de Ezequiel Freire e Narcisa Amália, lá nasceram ou viveram Luís Pistarini, Aristêo Seixas, Luís Murat, Raimundo Corrêa. Isso justifica mais um conceito da ilustre poetisa, quando diz que no interior da provincia fluminense se encontra "uma pequenina cidade em cujo regaço a Musa parece repousar com as mesmas delícias com que repousa a ave na concha tépida do ninho materno". São, por outro lado, muito estreitas as suas relações com São Paulo. Deu-nos Rezende, com efeito, o patrono da cadeira número 20, da Academia Paulista de Letras, e o titular da de número 24. O fato de ter sido Ezequiel Freire escolhido pelo professor Reinaldo Porchat para patrono da cadeira hoje ocupada pelo professor Soares de Melo é uma prova do conceito em que os intelectuais paulistas sempre tiveram o autor das "Flores do Campo". E o fato de ser Aristêo Seixas titular de outra poltrona prova também a gratidão que devemos à ilustre cidade.

Narcisa Amália não esconde o seu amor à "formosa noiva dos estivos lumes". Chama-lhe "estrêla da alvorada, perdida nas celagens do horizonte", "Filha de Tupã", "garça gentil":

(*) Palestra comemorativa do primeiro centenário de nascimento de Ezequiel Freire, em sessão solene da Faculdade de Direito e da Academia Paulista de Letras, no dia 15 de Junho de 1950, realizada na "Sala João Mendes".

"Ó filha de Tupã, que um véu de brumas
Estendes sôbre o mísero precito;
Ó ave linda, que as mimosas plumas
Aqueces nos ardores do infinito;
Garça gentil, que surges das espumas
Como da mente do poeta o mito,
Enquanto a lua ondula pelo espaço
Abre a meu sono eterno o teu regaço!"

Na poesia de Ezequiel Freire sentimos a presença da cidade-natal através de algumas anotações topográficas. A "montanha granítica" de que nos fala a poetisa das "Nebulosas", em cujos flancos se dependura a cidade como um ninho, é o Itatiaia. Deus não concede a tôdas as cidades o privilégio de terem por moldura o Itatiaia, — "êsse livro opulento de páginas eternas", ainda no dizer de Narcisa Amália. De maneira que quando isso acontece na vida de uma cidade, muito profundas são as suas repercussões na vida do homem. Nosso espírito é mais sensível às altitudes do que às profundidades. Olhando para baixo, temos mêdo. Olhando para o alto, temos ambições e esperanças. Dizendo que o ideal "é um gesto para cima", fêz o filósofo argentino o elogio das montanhas, porque o sonho é, realmente, uma sugestão dos píncaros. Êles nos obrigam a olhar para o alto, à procura, talvez, de melhores mundos.

O cenário admirável dentro do qual decorreu a sua infância havia de ficar indelevelmente marcado na alma de Ezequiel Freire. Foi por isso que êle se fêz panteísta. O panteísmo foi-lhe pretexto para perpetuar na poesia a paisagem natal. A felicidade de ter nascido ao pé da mais alta montanha do Brasil desenvolveu nêle o culto da natureza. Sob o ponto de vista da poesia a natureza é maior estímulo que a alma humana. Nós somos tristemente monótonos, mesmo nas horas de felicidade. A natureza renova-se, ao contrário, a cada instante, ora sob os efeitos da luz, ora sob o pêso das trevas. O nevoeiro que envolve os grandes cumes, ora se adensa, ora se esgarça, umas vêzes sobe, outras desce, não é nunca o mesmo. Sob a incidência da luz solar, as árvores mudam constantemente de vestido, numa

perene festa de noivado. À noite, sob o luar, a sombra tem matizes que a palheta do pintor jamais reproduziria:

"Há tamanho doer no tom dos ventos,
tão explêndida luz nestas clareiras,...
que minhas cismas vão voando à tôa
como um bando de pombas forasteiras".

Ezequel Freire nasceu no ano em que na Inglaterra falecia Wordsworth, principal figura do grupo conhecido na história da literatura inglêsa como o dos "poetas lakistas". Wordsworth refugiava-se à margem dos lagos de Cumberland e do Westmoreland, para estar em contacto mais íntimo com a natureza. Na sua opinião, a natureza vale por si mesma e pelos estados de alma que sugere. É um conceito que coincide com o de Ezequel Freire, quando, a propósito de José Bonifácio, escreve o seguinte: "que mais é a inspiração do que essa misteriosa afinidade por meio da qual se opera a integração da alma do Poeta na da Natureza, a *alma mater* que se revela nos rumores da floresta, no murmúrio longínquo da cachoeira, na trepidação da vida subterrânea, no trêmulo da vida sideral".

Ezequiel Freire nasceu em 1850 e morreu em 1891. As "Flores do campo" são de 1874. O ano de 1874 guarda ainda as ressonâncias das "Espumas flutuantes", de Castro Alves, publicadas em 1871. É aqui em São Paulo o ano das "Rosas Loucas", de Carlos Ferreira. É o ano de apogeu de Alencar, cuja obra, "prodigiosa de reptos de eloquência e de fulgurações de estilo", segundo Silvio Romero, foi produzida de 1852 a 1877. O mesmo Silvio Romero fixa o ano de 1870 como o da "morte inevitável do romantismo". No prólogo aos "Cantos do Fim do Século", que são de 1870, o crítico sergipano afirmava não ter a poesia privilégios de inviolabilidade: "A poesia é um resultado da organização humana; nada tem de absoluto nem de sobrenatural; nada, por outro lado, de desprezível ou repugnante".

Nas "Flores do Campo" a indecisão dos temas está a indicar a indecisão das influências. É verdade, não obstante, que

predominam os acentos panteísticos. Mas é mais tarde, como prosador, que êle desenvolverá o seu tema predileto. Publicadas aos 24 anos de idade, aquelas "Flores",

"... filhas das alvoradas,
— flores do meu coração;
umas — quase des'brochadas,
outras — ainda em botão",

supõe-se que foram escritas a partir da adolescência, sob o influxo das primeiras leituras e dos primeiros amores. Ressentem-se, por isso, daquele subjetivismo excessivo que caracterizou a poesia dos grandes romanticos. A única diferença, em favor de Ezequiel, é que êle mistura a natureza às suas decepções e aos seus sonhos. Encontra sempre um meio de encaixar a paisagem na sua dor, como na poesia "Nevoeiro".

Dos morros grandes a ouriçada crista
veste um chinó alvíssimo de brumas;
dir-se-ia um rio congelado o vale
no alvor de neve do sendal de espumas.
D'entre a folhagem das molhadas árvores
sobem novelos de súbtil fumaça
e vão seguindo as travessuras doudas
da viração que nos sarçais perpassa".

Alguém já deve ter afirmado que nos poetas romanticos a natureza é escolhida como cúmplice dos seus amores. O poeta vê, por exemplo, no meio do bosque, um recanto amável. Árvores de ramos fartos formam um ninho acolhedor e macio. A relva é um tapête. Há flores perfumando o ambiente. O poeta vê tudo isso e imagina que seria bom estar ali ao lado da mulher amada. Não é a beleza da paisagem e sim a sua cumplicidade que o seduz:

Os efluvios do geranio
acendem langues desejos;

na matas virgens às dryades
os sylphos roubam mil beijos;
o sangue — corre precípite,
a alma — em sonhos se abisma,
e a mente — embala-se languida
na rêde frouxa da cisma...

Os jasmins atiram pétalas
ao chão relvoso e macio;
triste rumoreja o córrego
e a brisa morna do estio
traz o perfume dos álamos
onde se enrosca a liana;
Mas tu vagueias, Narcilia,
longe da erma cabana."

Só mais tarde, repito, Ezequiel Freire considerará a natureza "uma Castalia" que "murmureja em cada córrego das nossas varzeas ridentes". Registando em 1886 o aparecimento dos "Sonetos e Rimas", de Luís Guimarães Junior, falará em " reversão de espírito nacional para as fontes populares da poesia para o estudo da natureza pátria" e sentenciará que "só a natureza nos pode fornecer as tintas precisas para darmos aos nossos escritos os melhores efeitos do pitoresco literário". Por enquanto, não. Por enquanto, a natureza é apenas moldura, poderia dizer que ela é ainda a grande alcoviteira do poeta.

Ezequiel construiu o seu rancho à beira da estrada, entre moitas de pita e bananeiras, com bambús e goiabeiras ensombrando o páteo, ao lado da porta grande. O rancho é pobre, de sapé, mas os galhos do cafeeiro, insinuando-se pela janela aberta, surpreendem-no na casa. O tico-tico pula no farelo, como haveria de pular mais tarde na música de Zéquinha de Abreu. Na gruxiama salta o gurundí. Muge o gado ao longe, no curral. Moleques brincam no outro lado da estrada. Vem da distância a voz do tropeiro no carreador, voz maguada, que ora se eleva ao céu como uma cantiga, ora fica na terra como uma queixa. O

vento não sópra: dói nas carnes do poeta em retiro. E êle acha, então, que isso não está certo:

"Ó gentes que morais aí na côrte,
sabei que vivo aqui como um lagarto.
Ó ventos que passais, contai à moça
que há duas camas no meu pobre quarto..."

Em 1887 Luís Murat manda-lhe um exemplar do poema dramático intitulado "A última noite de Tiradentes". Ezequiel Freire aproveita a oportunidade para mais uma vez voltar ao assunto da natureza repudiada pelos nossos poetas, falando, em linguagem um tanto difícil, em "fenomenalidade emocional do poeta": "Em verdade, — pergunta, — onde outro céu, outras florestas, outras campinas, rios caudalosos e trépidos regatos, flores tão belas, féras mais bravas; tôda a dramática existência do aborígene vivida no recesso dos sertões misteriosos; e esta exuberância universal de fôrça; esta maravilhosa Natureza, que é só comtemplarmo-la para em nós vibrarem tôdas as cordas da gama sensitiva, desde a ternura melancólica até às poderosas comoções do sublime?!"

Isso foi em 1887. Estamos, porém, ainda, em 1870 e poucos:

"Nos altaneiros píncaros,
nas regiões algentes
das serras imponentes
volteiam frias brumas
e além, além se esfrolam
nas praias oceânicas
os flocos alvadios
de trépidas espumas
rasgando o seio níveo
de encontro à penedia;
— Porém, Lelia é mais fria
que a neve das alturas!"

Raimundo Corrêa publica em 1887 "Versos e Versões". Ezequiel Freire presta homenagem ao grande artista do verso. Lamenta, porém, não tenha o autor do "Mal secreto" reservado no seu livro espaço maior à natureza. Cita a magnifica tradução de "A pantera negra", original de Lecomte, e escreve: "Uma restinga de mato, à beira da lagôa, e, circunfazendo, a perder de vista, campinas verdejantes de macega tenra. Ao longe passam gauchos, à desfilada. Vem vindo o gado sedento ao bebedouro. Do arvoredo umbroso, cauto espreitando, um tigre faminto surge. Subitamente, de um salto, ei-lo que prêa uma média novilha mosqueada; foge disperso o gado temeroso, e, a fera rugindo crava as garras na tremente petrina da rez presa. Pelos ares, grasnando, vão-se as aves palustres fugitivas; e ao silvestre esconderijo, lentamente, o tigre saciado volta. Entretanto, pouco a pouco, o sertão imenso se despovôa e silencia..."

Já nas "Flores do Campo" se revela o poder descritivo de Ezequiel Freire e é pena que o poeta, sabendo dar conselhos a Raimundo, não tivesse querido, depois dos versos da adolescência, servir de exemplo a si mesmo, como na representação do sací. Nesse poema encontramos todas as suas qualidades de evocador e pintor. O verso é rítmico e fortemente descritivo:

Das noites sem luar nas horas mortas,
e é tudo escuridão pelas senzalas,
quando a lareira não tem mais gravetos
e só se ouve o resonar dos pretos;

surge d'alem das bandas da tapera,
cavalgando um corcel de taquarí,
o pavoroso espectro das madórnas,
o herói das sextas-feiras — o sací.

Traja quimão de baetilha escura,
carapuça em funil — hirta e vermelha;
guarda na dextra as rédeas de tabúa
e a ponta do cigarro atraz da orelha.

Entra de manso pelo vão das portas
e se aninha no bojo de um pilão;
espia o rosto dos cansados negros;
se ninguem vela, salta logo ao chão,

vai ao cinzeiro do borralho extinto;
sôa um leve rumor daí a pouco;
— é a cinza a cair como garôa
nos olhos do moleque dorminhoco...

No outro dia bem cedo o toque d'alva
chama a gente do eito p'r'o terreiro;
mas ninguem surge dos quietos fechos,
nenhum moleque quer sair primeiro,

e do feitor ao retumbante berro
faz coro a exclamação de medo: ih, ih!
Opina um grupo: foi zumbí que veio;
responde um outro grupo: foi sací.

Observa Wenceslau de Queiroz que, embora não tendo pertencido, na Faculdade de São Paulo, ao grupo dos parnasianos, de todos foi amigo intimo o autor das "Flores do Campo". Ezequiel não tomou parte, é verdade, no movimento de renovação literária, cujo principal objetivo era o culto da língua e o domínio das paixões. Seu livro de estréia, único que nos deixou, é contemporâneo das "Espumas Flutuantes". Ao tempo em que foi escrito, achava-se o A. sob a influência dos autores enumerados na poesia "Criado e Bibliotéca", incluida na última parte do volume;

Na minha estante se enfileiram livros;
leio-os á noite e leio-os de manhã:
— o Azevedo, o Abreu, o Castro Alves,
o Machado de Assis e o Pelletan.

A George Sand, Varela, Nebulosas
(com retrato da autora) e o Alencar;
o meu xará, o Serra, e muitos outros,
que fora fástidioso enumerar.

Não tendo, entretanto, pertencido ao grupo dos parnasianos, em grande parte se afasta do grupo dos românticos. A linguagem é invariàvelmente bem cuidada, o verso bem feito, as imagens são sempre felizes. Nota-se nele, principalmente, um começo de reação contra o subjetivismo excessivo dos românticos, sem, todavia, nenhum sintoma da simulada impassibilidade dos parnasianos. Nota-se nele, principalmente, o amor á natureza e aos temas nacionais, muito embora não tivesse conseguido, talvez pelo verdor dos anos, fazer-se pioneiro de uma bifurcação do movimento renovador. Poderia, em verdade, ter sido, dentro da cruzada parnasiana, uma cunha em favor do culto á terra brasileira. Com a arte do verso, que possuiu desde muito jovem, e com as suas idéias sobre o amor á natureza, que expendeu depois dos trinta anos, em assídua colaboração na imprensa de São Paulo, fácil lhe fora servir de epígono a uma corrente nacionalizadora dos motivos poeticos.

Sente-se, em verdade, na poesia de Ezequiel Freire, na indecisão e na variedade dos seus temas, no comentário ora nostalgico, ora jocoso, ás proprias emoções, uma insatisfação denunciadora da procura de novos rumos. Obra de estréia, reunindo composições da adolescência e da primeira mocidade, "Flores do Campo" não pode, evidentemente, aspirar ás honras de livro definitivo. E', na minha opinião, ao contrário, livro provisório, esboço tacteante e rudimentar de uma obra que a vida não permitiu ao poeta executar na idade madura. Falecendo aos quarenta e um anos de idade, seu autor deixou-nos, com ele, uma imagem incompleta do seu talento. Deixou-nos, efetivamente, apenas um tema para estudos. Relendo-o hoje verificamos que os seus versos, resistindo embora ao confronto com os de muitos de seus contemporâneos, contêm apenas o itinerário de uma grande alma de poeta.

Ezequiel Freire foi contemporâneo de Castro Alves. Mui-

to embora nos diga em "Criado e Bibliotéca', que Castro Alves figurava entre os seus autores de todas as horas, tenho a impressão de que não lhe mediu as azas de genio. Assim, na poesia "O Parnaso", parodia da poesia "O Itatiaia", de Narcisa Amalia, lê-se:

Bem alto ostenta-se o Alvares
sobre muito poctastro,
de perto o emparelha o Castro
— vulto de alguma estatura; —

pretenso colosso-ródio,
rastejam-lhe aos calcanhares
reputações singulares
da nossa literatura..."

Sem embargo, porém, do conceito em que o tinha o autor das "Flores do Campo", direi que ter sido contemporâneo de Castro Alves, e ter sobrevivido, é fato que precisa ser alegado em favor de Ezequiel. Castro Alves não foi apenas o maior poeta épico do Brasil. Foi, no seu tempo, o maior da América. Tão grande o seu brilho que ofuscou o de seus contemporâneos e continuou a se projetar em nossa literatura, através de idades, escolas e temperamentos.

Ezequiel Freire conseguiu, no entanto, manter o seu lugar ao sol. É um grande título.

Patrono de uma cadeira da Academia Paulista de Letras, não o consideramos, por ter nascido em Rezende, uma glória de empréstimo. Consideramo-lo, muito pelo contrário, uma glória paulista, porque, nascido em Rezende, no Estado de Rio, morreu em Caçapava, no Estado de São Paulo. Do túmulo onde repousam as suas cinzas, continúa a velar por nós, através de uma gota de água que, como uma lágrima, se perpetua sobre a sua lápile funerária, e que, a um poeta desconhecido mas sincero, inspirou a homenagem destes quatorze versos:

"Dizem que sobre o túmulo do Poeta,
na cidade que tanto lhe queria,
qual se fosse uma lágrima discreta,
brilha uma gota de água, noite e dia.

A humanidade sofredora e inquieta
vem de longe enxugá-la, em romaria,
mas sob a luz que do alto se projeta
ela renasce cristalina e fria.

E' a alma do Poeta, benfazeja e pura,
que, descendo dos páramos dispersos,
a brilhar sobre a própria sepultura,

dá prestígio de lenda ao Campo-Santo...
— Já que não pode desfazer-se em versos,
a alma do Poeta se desfaz em pranto.

Bio-Bibliografia

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Fundada a 5 de Setembro de 1909 e reconhecida de utilidade pública a 19 de Outubro de 1934 (Dec. 6.784)

Presidente — Altino Arantes
Secretário Perpétuo — René Thiollier
1.º Secretário — Cândido Mota Filho
2.º Secretário — Oliveira Ribeiro Neto
Tesoureiro — Gofredo T. da Silva Teles

PATRONOS	FUNDADORES	SUCESSORES
1 — José Joaquim Machado de Oliveira	Brasílio Machado	Alcântara Machado José Carlos de Macedo Soares (T)
2 — Fernandes Pinheiro (Visc. de S. Leopoldo)	Dino Bueno	Cândido Mota Filho (T)
3 — Matias Aires	L. Pereira Barreto	Alfredo Pujol Franco da Rocha Mário de Andrade Washington Luis (T)
4 — José de Anchieta	J. J. de Carvalho	Afonso de Freitas Ciro Costa Gofredo T. da Silva Teles (T)
5 — Eduardo Prado	Ulisses Paranhos (T)	
6 — General Couto de Magalhães	João Vampré (H)	Plínio Salgado (T)
7 — José Bonifácio (o moço)	Freitas Guimarães	Nuto Sant'Ana (T)
8 — Bárbara Heliodora	D. Prisciliana Duarte	Aureliano Leite (T)
9 — Álvares de Azevedo	Wenceslau de Queiroz	Rubens do Amaral (T)
10 — Cesário Mota Júnior	Eduardo Guimarães	Paulo Setubal Gustavo Teixeira Afonso Schmidt (T)
11 — Bartolomeu de Gusmão	Monsenhor F. de Paula Rodrigues	Monsenhor Benedito de Souza (H) Cassiano Ricardo (T)
12 — Paulo Egídio	Alberto Seabra	René Thiollier (T)
13 — Alexandre Gusmão	Erasmo Braga	P.e J. de Castro Nery (T)
14 — Cel. Martim Francisco	Martim Francisco Filho	Léo Vaz (T)
15 — Luiz Gama	Alberto Faria	Sud Mennucci Américo de Moura (T)
16 — Américo de Campos	Carlos de Campos	Artur Mota Francisco Pati (T)
17 — Júlio Ribeiro	Sílvio de Almeida	Otoniel Mota (T)
18 — A. de Toledo Piza	Benedito Otávio	Alfredo Ellis Júnior (T)
19 — Barão de Piratininga	Cláudio de Sousa (T)	

PATRONOS	FUNDADORES	SUCESSORES
20 — Ezequiel Freire	Reinaldo Porchat (H)	Soares de Melo (T)
21 — Antônio Carlos Ribeiro de Andrada	Almeida Nogueira	Álvaro Guerra
		Roberto Simonsen
		José de Freitas Valle (T)
22 — João Pereira Monteiro	Estêvão de Almeida	Guilherme de Almeida (T)
23 — Manuel Vicente	Mons. Manfredo Leite (T)	
24 — Quirino dos Santos	Carlos Ferreira	Aristêo Seixas (T)
25 — F. A. Varnhagem (Visconde de Pôrto Seguro)	Antônio de Oliveira (H)	Sérgio Milliet (T)
26 — Martins Fontes	P. Gomes Cardim	Oliveira Ribeiro Neto (T)
27 — Barão de Ramalho	L. B. da Gama Cerqueira	Manuel Carlos (T)
28 — Caetano de Campos	Rubião Meira	Júlio de Mesquita Filho (T)
29 — Paulo Eiró	Valdomiro Silveira	Luciano Gualberto (T)
30 — Diogo Feijó	Eugênio Egas (H)	Roberto Moreira (T)
31 — Rangel Pestana	Hipólito da Silva	Spencer Vampré (T)
32 — Ezequiel Ramos	Ezequiel Ramos Júnior	Lourenço Filho (T)
33 — Teófilo Dias	Amadeu Amaral	Altino Arantes (T)
34 — Pedro Taques	Basílio Magalhães (T)	
35 — Antônio de Godói	José Vicente Sobrinho	Veiga Miranda
36 — Euclides da Cunha	Raul Soares	Plínio Airosa (T)
37 — João Mendes (o velho)	Rafael Correia	Afonso d'E. Taunay (T)
		Vicente de Carvalho
38 — Clemente Falcão Filho	Adolfo Pinto	Cleômenes Campos (T)
		Edmundo Navarro de Andrade
		Raul Briquet (T)
39 — Gabriel Rodrigues dos Santos	Pedro de Toledo	Monteiro Lobato
		José Geraldo Vieira (T)
40 — José Bonifácio (o velho)	José Feliciano (H)	Menotti Del Picchia (T)

(H) — Membros Honorários
(T) — Titulares

GALERIA DOS FUNDADORES

Suplemento

FUNDADOR

EDUARDO GUIMARAES

Houve tempo em que no Brasil, o ensino prático era coisa quase desconhecida; os professores limitavam-se a expor as idéias colhidas no convívio diário dos livros, considerando a experimentação como fato impossível de ter execução, senão quando orientada por um Claude Bernard, Magendie ou Bell.

De vez em quando, um médico mais arrojado, sentindo ainda no espírito os ecos de entusiasmo, percebidos sob as arcadas do Colégio de França, tentava romper a indiferença e o desânimo do meio; mas o justo tentamen morria diante da eloquência fofa dos retóricos, do desdém e da incredulidade dos pessimistas e dos ignorantes.

Foi nessa época que veio contratado para o Brasil, com o fim de reger a cadeira de biologia industrial da Escola Politécnica, um moço extraordinário — Louis Couty —, que, como André Chénier, sentia em si alguma coisa de grande, e a coragem suficiente para fazer bater em retirada todos os óbices, que lhe dificultassem a missão de implantar em nossa terra os alicerces da escola positiva, para cuja defesa êle havia recebido credenciais de seu Mestre Vulpian.

No Rio de Janeiro, o Dr. Couty, que viera de Paris com as honras de um brilhante concurso, em que competira com Richet, animado pelo imperador Pedro II, conhecedor de seu elevado mérito, fundou o Laboratório de Fisiologia Experimental do Museu Nacional, onde teve por dedicado, inteligente e prestimoso auxiliar, o então quarto-anista de medicina Eduardo Guimarães, que com êle trabalhou cinco anos, isto é, ainda dois anos depois de formado.

Em 1881, cursando apenas o quinto ano da Escola, deu êle à estampa, o excelente trabalho, de larga feição experimental, sôbre a ação fisiológica da Asclépias Curassaviva, que lhe valeu do eminente Professor João Paulo de Carvalho a frase seguinte: "Sr. Guimarães, dou-lhe parabens; seu trabalho é excelente, e pode dizer que sua tese de doutoramento está feita: êsse trabalho é uma tese perfeita".

A tese de doutoramento, sôbre o "Uso e o abuso do café", defendida em 1882, quando o autor tinha apenas vinte e dois anos, é o fruto de dois anos de experimentação; e as suas conclusões, produto de conscienciosos e demorados experimentos, têm sido referidas elogiosamente por Germain See, Dujardin-Beaumetz, H. Soulier, Rouget, C. Dopter e Manquat.

O Dr. Louis Couty, em ofício ao Ministro Buarque de Macedo, declarou ser êsse o trabalho de mais merecimento, levado a cabo no Laboratório do Museu.

Três meses depois da sua investidura doutoral, entrou para a Faculdade de Medicina do Rio, como Professor de Terapêutica Experimental, ao cabo de um concurso notável, que lhe valeu, além da unanimidade de votos de aprovação, uma manifestação especial da parte dos lentes, que, antes da leitura da prova escrita, lhe deram quiçá o acolhimento único de que há memória nos anais da Faculdade.



Seja-nos lícito referir frases, que nos ficaram de memória, a nós que, amigo íntimo e muito venerador de seu pai, nosso colega Dr. Antenor A .Ribeiro Guimarães, nosso companheiro de campanha, nosso amigo dedicado em todos os terrenos, e companheiro de magistério do próprio Eduardo, a isso tudo com interêsse acompanhávamos.

Assim foi que, ao descer da tribuna o Dr. Eduardo Guimarães, o primeiro que o tomou em braços foi o finado Dr. Caetano de Almeida, que lhe disse:

"Menino, você é dos diabos; você nos conquistou."

O Dr. José Pereira Guimarães ainda vivo, e Almirante chefe do serviço médico da Armada Nacional, disse-lhe: "Dê-me êsse abraço, e diga-me onde foi você buscar essa língua de ouro."

O finado eminente professor Benício de Abreu, com aquela nobre franqueza, que o caracterizava, exclamou: "Senhores, máscaras abaixo!... Estamos aqui a julgar êste moço, que nos ensina o que nós não sabemos, porque nunca o aprendemos."

E, de fato: até então, não havia, na Escola de Medicina do Rio, o chamado — estudo de terapêutica experimental.

Foi, terminado o concurso, que o Dr. Barata Ribeiro lhe disse: "Dr. Eduardo, a Congregação, lastimando nada ter acima de uma unanimidade de votos, por meu órgão lhe oferece um abraço, sintético de seus aplausos e de sua admiração."

De 1883 a 87, professou na Faculdade numerosos cursos, sempre muito frequentados, sendo dêsse tempo os seus trabalhos sôbre a ação fisiológica e fármaco-dinâmica do leptolobium elegans, da pereirina, do curare, publicados em monografias e jornais médicos.

Nessa ocasião desempenhou, com Francisco de Castro, o cargo de redator da "Revista dos Cursos Práticos e Teóricos da Faculdade de Medicina"; e colaborou assìduamente em várias revistas científicas.

De 1888 a 1906, regressando de uma viagem de estudos a Europa, por motivos de enfermidade em pessoa da família, resignou a cadeira de Professor de Terapêutica Experimental, e fixou residência em Campinas.

Daí começa a pública carreira política de Eduardo Guimarães, que, ao mesmo tempo, dedicou a sua atividade à agricultura.

Foi Presidente do Conselho Municipal de Instrução Pública, Vice-Presidente do Clube da Lavoura de Campinas, e Diretor-Secretário do Centro Paulista de Lavradores.

Escreveu diversos panfletos e artigos de propaganda republicana, colaborando, sôbre assuntos políticos, na imprensa da Capital e do Interior.

Eleito deputado ao Congresso Constituinte do Estado de S. Paulo, em 1891, nêle tomou parte, salientando-se, desde a segunda sessão, pela sua atitude de oposicionista singular ao Govêrno de S. Paulo, posição em que se manteve, sem companheiros, até ao golpe de Estado e subsequente proclamação da ditadura por Deodoro da Fonseca.

E' um dos signatários da primeira Constituição Política republicana de S. Paulo; e, com sete outros deputados, foi um dos membros da Câmara, então eleita, que, depois de um seu veemente discurso de protesto contra o golpe de Estado, resignaram o mandato.

Triunfante a revolução, que depôs Américo Brasiliense, e na qual tomou parte saliente, retirou-se da política militante, recusando a sua eleição já assentada.

Em 1906, transferiu sua residência para esta Capital, onde exerce com brilhantismo a especialidade de doenças nervosas.

Há pouco tempo, ainda o admirámos na defesa de D. Albertina Barbosa, a autora da lutuosa cena da "Galeria de Cristal", em que o Dr. Eduardo Guimarães se mostrou um polemista de mérito, um psicólogo profundo, e um jornalista distinto, encantando pela justeza do conceito, pelo método da argumentação e pela pureza do estilo, todos aquêles que tiveram o prazer de o ler e de o apreciar.

Notas Diversas

A Academia reunir-se-á, provisòriamente, uma vez por mês no 15.º andar de sua séde. As reuniões serão comunicadas por cartas, aos srs. acadêmicos e anunciadas pela imprensa.

MILAGRES PAULISTAS

Reunimo-nos, há dias, para eleger a diretoria da Academia Paulista de Letras destinada a reger-lhe os destinos em 1951. Reconfirmamos em seus postos, com alegria, o grupo heróico, que está à sua frente e que, com capacidade invulgar e dedicação comovente, trouxe o supremo cenáculo paulista ao excepcional esplendor que hoje atingiu. A "Revista da Academia Paulista de Letras" publicou seu quinquagésimo número. O gigantesco prédio erigido para ser a casa dos quarenta imortais bandeirantes está em vias de conclusão sob a direção sábia do arquiteto Pilon. Ao que me consta, nenhuma Academia do mundo tem prédio próprio tão suntuoso e grandioso como o dos acadêmicos paulistas. A própria Academia Brasileira de Letras, a que também tenho a honra de pertencer, apesar do imenso patrimônio que lhe foi legado e da fortuna que posteriormente ainda adjudicou com a inteligente administração dos seus bens e com as dádivas que recebeu, não dispõe de sede assim grandiosa. O "Petit Trianon", cópia fiel da famosa casinha de recreio de Maria Antonieta, presente do govêrno francês ao cenáculo brasileiro, talvez caiba inteiro num dos andares do arranha-céu paulista. São Paulo realizou mais um dos seus milagres. Não fôsse êle o taumaturgo que em tão poucos anos ergueu na América uma das mais belas e dinâmicas metrópoles do mundo!

Lá estavam, no décimo segundo andar do prédio, ainda no esquema rígido das suas paredes nuas, Altino Arantes, presidente da Academia; Gofredo da Silva Teles, tesoureiro, e René Thiollier, secretário perpétuo e verdadeira viga mestra daquela instituição. René Thiollier, como geralmente o são os secretários em tôdas as organizações coletivas, é o providencial "fac-totum" da Academia. A êle se deve a vida da "Revista", bela publicação que vem sendo posta em circulação com cronométrica regularidade. O que lhe vem custando de trabalho e carinho manter tão importante órgão disse-o com justificado azedume, em nota que publicou no no. 50 dessa revista: "O público não nos coadjuva como deveria coadjuvar, nem tampouco a imprensa. Os jornais raramente bordam um comentário a seu respeito". A queixa do abnegado animador de tal iniciativa cultural é legítima uma vez que a "Revista" arrasta uma vida difícil pelas ruas das letras, sendo raro o paulista, que se propõe gastar

mensalmente 40 cruzeiros com uma assinatura, quantia que êle dá displicentemente como gorgeta ao comprar, no câmbio negro, uma entrada para assistir algum jôgo de futebol...

André Maurois, quando de passagem por São Paulo, foi visitar o prédio da Academia, ainda em construção. O mestre de "Disraeli" ficou deslumbrado! Era isso que São Paulo fazia pela cultura? As letras bandeirantes iriam ter tal templo para nêle serem celebradas? E o homem de França invejou São Paulo.

De fato: a iniciativa dos quarenta imortais é glorioso orgulho para nossa terra. A casa de Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, terá uma das sedes mais suntuosas do mundo. Não apresentaremos ao forasteiro que nos visite apenas o estádio do Pacaembu; mostrar-lhe-emos o hemiciclo majestático do salão de conferências da Academia Paulista, o espaço luminoso e vasto da sua sala de recepções com o surto do gigantismo bandeirante rompendo do horizonte através cristais das suas imensas janelas rasgadas para o titânico panorama da cidade e os dez ou doze andares de que se compõe o edifício.

São Paulo tem fama de ser friamente materialista e argentário. Plutão, aqui, parece dominar Apolo. Se isso é verdade para a esfervilhante chusma dos seus mercadores que tramam seus negócios nas ruas e nas praças, não é verdade para o Estado que possui a mais famosa Universidade desta parte do continente, os Museus de Arte e a Academia Paulista de Letras. São ainda os escritores e os poetas de São Paulo dos mais amados do Brasil. São ainda as suas editôras as que fazem as maiores tiragens. Seu campo artístico retoma o primado no continente.

Como se vê, quando o bando dos ladrões parece ter levado tudo de vencida em Piratininga — ladrões até de votos! — o espírito eterno da terra de Anchieta torna a lampejar como uma luz de esperança. Que os paulistas volvam seus olhos para suas instituições culturais. Nelas está sua salvação neste sujinho instante em que parecem ter submergido na lama os eternos valores humanos...

Menotti del Picchia

(Da "Gazeta" de São Paulo)

A CASA DA ACADEMIA

Realizou-se na "Casa da Academia Paulista de Letras", sob a presidência de Altino Arantes, a reunião de eleição da nova diretoria. Nova diretoria que é a mesma, porque a nenhum de nós ocorreu jamais a idéia de dar substitutos a um grupo de homens decididos e prestigiosos como os que fixaram as nossas raízes na terra.

E' inegàvelmente, o nosso "arranha-céu", um dos mais belos de São Paulo.

Não está pronto ainda, bem entendido. Subiu tudo quanto tinha de subir. Todo mundo sabe, porém, que, numa construção, subir não custa, o que custa é descer. São dezesseis andares, o último dos quais, já em fase de acabamento, dará a São Paulo o que São Paulo não tem: uma sala para exposições de arte. A reunião foi no décimo quinto. Viajando de elevador e vendo desfilar tantos pavimentos mais ou menos acabados, vendo, principalmente, lá de cima, a cidade inteira à volta do edifício, a gente tem a impressão de que a literatura assumiu uma responsabilidade enor-

me. O próprio elevador que nos conduz é uma prova palpável do prestígio que as letras conseguiram em nossa terra.

Lembro-me da manhã que fomos aos Campos Elíseos receber o terreno oferecido à Academia pelo saudoso dr. Fernando Costa.

Salão Vermelho. Sôbre a mesa o livro de escrituras. A Academia "au grand complet". Em nome do govêrno, entregando o terreno, fala Marrey Junior, então secretário da Justiça. Interpreta o pensamento do chefe do govêrno: o Estado — diz — não faz favor às letras, amparando-as. O favor era feito ao govêrno, que assim deixava o seu nome ligado a um notável empreendimento. Era uma pena ver a Academia Paulista de Letras andar de um lado para outro, a reunir-se em escritórios particulares, em salões de empréstimos, ou, normalmente, em casa do presidente. Tendo casa própria teria a instituição horizontes mais largos para exercício de suas atividades. São Paulo tinha o direito de esperar frutos opimos da iniciativa do sr. Interventor Federal.

O terreno onde se ergue hoje o magnífico edifício vinha sendo há muito namorado pelo saudoso Alcântara Machado. Já contei isso. Uma noite, após uma das reuniões ordinárias da Academia em sua casa, na rua Frederico Steidel, pegou-me Alcântara Machado pelo braço e disse-me, caminhando em direção ao largo do Arouche:

— Quero mostrar-lhe o terreno ideal para a nossa casa.

Naquele tempo, no local em apreço funcionava uma repartição pública subordinada ao Departamento de Saúde do Estado. Antes disso, porém, mas muito antes, era uma escola-modêlo. Prestes Maia tinha já iniciado as obras de remodelação daquele trecho da cidade. Sabia-se que a avenida Vieira de Carvalho desembocaria quase em frente ao terreno. As obras do Perímetro de Irradiação estavam deslocando a cidade para o lado de lá. O largo do Arouche, a rua Sebastião Pereira, a rua das Palmeiras, tudo isso era já "cidade", isto é, ponto central. A avenida de São João ficava à direita.

Alcântara Machado sonhava em voz alta:

— Construiremos a nossa casa neste ponto. Ela será, dentro de alguns anos, a própria Casa de São Paulo. Além das sessões solenes realizaremos reuniões ordinárias regularmente, sessões de conferências, cursos. Patrocinaremos tudo quanto fôr iniciativa de arte.

Durante todo o tempo em que as reuniões se realizaram na rua Frederico Steidel, era quase obrigatório o passeio ao terreno do largo do Arouche.

Na última reunião Altino Arantes e seus companheiros foram mantidos, por unanimidade, na direção da Academia. O terreno foi namorado pelo saudoso autor de "Vida e Morte do Bandeirante" e obtido pelo autor do "Elogio de Amadeu Amaral". Altino Arantes colocou à disposição do instituto o seu prestígio pessoal. Sem a sua tenacidade, sem a sua sincera devoção à Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira de Teófilo Dias, sem a sua confiança no espírito de compreensão de Fernando Costa, não teria sido possível o milagre. O milagre tem hoje a consistência do cimento armado.

O escritor Menotti Del Picchia estava deslumbrado com o panorama que nos cercava:

— E' a civilização do cimento armado. E' São Paulo na sua expressão mais real e mais palpável. Cidade como esta a gente não vê em parte nenhuma do mundo. Isto é a América!

A Academia Paulista de Letras, que até ontem nada tinha, tem hoje casa própria e dívidas. Ten-

do dívidas tem importância, porque sempre ouvi dizer, entre homens de dinheiro, que ter dívida é o melhor meio, o meio mais seguro de ter crédito.

Francisco Pati

O POETA DAS VIOLETAS
Ao ilustre escritor e amigo René Thiollier.

Era um grande Poeta. Alto e franzino,
sua alma era uma vela no oceano,
de talhe fino, na sua rota:
— com tons eóleos de um violino,
— o peito aberto de um franciscano,
— e gestos gráceis de uma gaivota.

Amava o espiritual, o vago, o longe,
como libélula gentil, serena,
ao deus-dará,
tendo o gôsto bucólico de um monge,
que admira as toadilhas de uma avena,
ou as pelúcias e rendilhas
de tom lilá.

Amou. Amou, um dia, uma **Violeta,**
amor-perfeito, amor etéreo, doce, caro,
e que é tão raro
neste planeta.

Teceu-lhe um ninho. No frouxel do leito,
sôbre cambraias e bordados e vidrilhos,
esparziu, muita vez, com muito jeito,
o perfumado tom magoado
de veludilhos e setinetas
de doces, lindas,
infindas
violetas...

E dêsse fofo arroxeado, onde ondulava,
tôda em pétalas rútilas de lava;
uma **Violeta** augusta,
a alma do Poeta bandeirante
partia, céu acima, avante, ao léu,
e punha o imenso céu, inteiro, à justa,
nesse seu ninho,
tão feiticeiro,
tão pequenino...

*

Ciro morreu. Porém, de quando em quando,
anda a asa violeta da saudade,
fina, flaflante, arroxeando
o olhar de um seu amigo
(o seu René);
e o afeto **renascido,** antigo, ardente,
logo se expande
num lilá tão sentido, claro e grande,
que tôda a gente o sente,
que tôda a gente o vê.

Marques da Cruz

ACADÊMICO JOSÉ DE FREITAS VALLE

No dia 16 de dezembro de 1950 recebeu o Museu de Arte o "Monge Capuchinho" de Almeida Junior — doação do acadêmico sr. José de Freitas Valle. Há que se considerar neste gesto, escreveu o Diário de S. Paulo, duas esplêndidas afirmações: o valor da tela e o significado do oferecimento. Não se trata aqui simplesmente de uma atitude generosa, de um gesto de Mecenas. O que houve foi sobretudo um despojamento. Porque o sr. José de Freitas Valle desde há longos anos convivia com o "Monge Capuchinho" e o amava. E' o doador de ontem — sabem todos — um esteta. Entretanto, êle renuncia ao egoísmo mais que justo de querer para si uma obra de arte, e a entrega ao patrimônio de S.

Paulo. Traduz assim o seu gesto uma grande beleza de espírito e uma extraordinária compreensão de que a mensagem da arte responde à fome de sensibilidade.

O eminente brasileiro recebeu ontem, no ato da entrega do "Monge Capuchinho", mais uma demonstração de carinho de seus amigos. A solenidade não se realizou formalmente. E nem poderia ser assim, pois estava presente essa chama que é o sr. José de Freitas Valle.

Composta a mesa pela sra. Mário Audrá e srs. Assis Chateaubriand e prof. P. M. Bardi, fizeram uso da palavra o diretor dos "Diários Associados" e srs. Lasar Segal, René Thiollier, Altino Arantes, Roberto Moreira, Francisco Pati e Menotti Del Picchia.

Agradeceu, então, a homenagem o sr. José de Freitas Valle. A sua oração, feita de improviso, e sendo impossível reconstitui-la, diremos apenas que foi brilhante e aplaudidíssima.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. ALTINO ARANTES

"Penso não andar errado nem ser indiscreto, afirmando que a simpática festa, a que estamos assistindo, é o complemento lógico e natural de uma outra, de que muitos de nós participamos na Vila Kyrial, no dia 10 do corrente, quando, em ambiente entusiástico, povoado de parentes, de amigos, e de admiradores, celebrou Freitas Valle os seus verdes, sorridentes e viçosos 80 anos de idade.

Ali êle brindou os seus convivas com aquêles vinhos famosos e com aquelas iguarias finíssimas, que foram sempre um dos maiores encantos e dos maiores atrativos do hospitaleiro solar de Vila Mariana.

Aqui, porém, sob êstes tetos esplêndidos, que Assis Chateaubriand está construindo para uso e gôzo de todos nós, Freitas Valle já não é o anfitrião, mas ainda é o doador : doador que evoca e revive êsses outros doadores da Renascença, que Messoling e os mestres flamengos costumavam retratar no primeiro plano de seus painéis, para recompensar-lhes a munificência e recomendá-los à admiração e ao reconhecimento perenes da posteridade.

Freitas Valle doa, com efeito, ao Museu de Arte e, portanto, à nossa terra, uma tela do exímio e consagrado pintor paulista Almeida Júnior: tela de inestimável valia, não só pelo nome que a assina como também pela técnica e pelo primor de sua feitura.

*

Não se trata, entretanto, de um dêsses motivos prediletos do artista ituano, que tanto se comprazia em reproduzir nos seus quadros cenas tìpicamente nacionais como o "Caipira picando fumo", o "Caipira negaceando" ou o "Caipira amolando o machado". Nada disso. O que temos diante de nós e estamos admirando é um velho monge franciscano de olhar fulgurante, de longas e espêssas barbas brancas, tão vivo e tão senhoril no seu aspecto sadio e decidido que até parece querer falar a quantos o contemplem.

E dir-se-ia que êle está falando de verdade; mas que, discípulo e imitador do compassivo e maravilhoso "Poverello" de Assis, êle prega e ensina, na eloquência imanente de sua expressão e de sua atitude, aquela "alegria perfeita" que o poeta do "Cantico del Sole" preconizou durante tôda a sua vida e afinal conseguiu realizar pela renúncia às ambições insofridas, aos ódios e às lutas estéreis e pelo desprendimento completo das riquezas mundanas — as quais (como êsses preciosos panos que o Fundador subtraira às prateleiras de seu próprio pai) hão de ser invertidas na aquisição ou no acréscimo dos

bens e dos valores espirituais — religião, ciência, letras e arte — que formam o patrimônio inalienável e inconsumptível da pessoa humana e da própria civilização universal.

Ora, foi isso precisamente que o doador largimano de hoje praticou e — estou eu conjeturando agora — quis insinuar delicadamente aos paulistas seus contemporâneos.

*

Com o seu gesto, êle aconselha e encarece aos homens de bom gôsto de nosso Estado (e êles se contam às centenas) que lhe aprendam a lição e lhe sigam o exemplo sugestivo: não hesitem em empobrecer as suas galerias de algum quadro de real estimação para enriquecer com êle o tesouro artístico, que Assis Chateaubriand — nas suas estonteantes revoadas pelo mundo afora, com a pertinácia e a "timidez paraibana" que lhe são características e todos nós aplaudimos — anda amealhando, dia a dia, para São Paulo e para o Brasil...

Dar a êste Museu de Arte é, com efeito, uma das formas mais altas e mais esclarecidas de generosidade cívica. E praticar benefício público que dilata a cultura, suscita vocações, desperta a admiração dos estrangeiros, levanta as almas às regiões serenas e luminosa do Belo e, com tudo isso, engrandece e nobilita a Pátria, redobrando-lhe o prestígio e a glória.

Bem haja, pois, Freitas Valle, o magnífico, a quem, neste lance ainda, devemos os nossos aplausos e a nossa aclamação: "Tu duca, tu signore e tu maestro".

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. ROBERTO MOREIRA

Foi o seguinte o discurso pronunciado pelo acadêmico sr. Roberto Moreira:

"Só louvores merece o Museu de Arte, que dia a dia se recomenda à nossa admiração e ao nosso apreço, por haver promovido esta homenagem a Freitas Valle. O Museu não pretende ser apenas um gélido mostruário de obras-primas, confinado, estàticamente, nas salas e galerias que o compõem. Desde o início, tomou o caráter dinâmico de um centro de cultura, de uma escola prática do gôsto, de um ativo núcleo de irradiação espiritual, com a realização periódica de cursos e conferências ou de agradáveis reuniões como esta, onde se apreciam os méritos sociais, intelectuais ou artísticos de quem quer que se tenha imposto à estima e à consideração dos contemporâneos.

Está perfeitamente neste caso aquêle a quem hoje se dirigem as nossas homenagens. Com efeito, Freitas Valle, e por mais de um título, é delas grandemente merecedor. Poeta de fina sensibilidade, que êle sabe traduzir e perpetuar em versos de apurada cinzeladura, quase sempre vazados no idioma de Racine, êle tem sido em tudo um esteta de penetrante acuidade, ao qual não escapam as mais leves e imperceptíveis manifestações do belo.

Essa tendência inata do seu robusto temperamento, tendência a que êle deu pelo trabalho a mais completa expansão, o levou a fazer de sua vida, como queria Goethe, uma verdadeira obra de arte. Assim o vemos, desde a mocidade, sujeito a uma rígida disciplina, que se diria quase monacal, se ela não fôsse eminentemente profana nas preocupações práticas e espirituais de quem a concebeu.

*

Mede-se a originalidade e a fôrça de uma vocação incipiente pela sua maior ou menor submissão aos preconceitos da época. Os fracos, os tímidos, os amorfos, dobram-se a êles, apagadamente, como as ove-

lhas de Panúrgio. Não assim os que trazem do berço a energia impetuosa da seiva criadora. Êsses não se inclinam. E, fiéis às secretas instigações do seu gênio borbulhante, tanto mais produtivas quanto menos coarctadas, plasmam por si mesmos o ambiente em que se vão expandir, no anseio de edificar a sua própria existência.

Assim procedeu Freitas Valle. Encarou a vida, com desassombro e audácia. Nem se retraiu, nem se deformou. Tomou o pulso às condições do meio para melhor acomodá-las aos seus próprios desígnios, e, revelando prodigioso conhecimento das realidades concretas, que cumpria dominar, deu início aos impulsos, de uma carreira triunfal que até hoje não findou.

Não cabe na estreiteza de uma alocução, como esta, a narrativa episódica dessa laboriosa e fecunda existência, que já se espraia, venturosamente, pelo vasto período de oito decadas. Direi apenas que, professor, parlamentar e político, homem de sociedade e cultor fidelíssimo do verso, para onde quer que se tenha volvido Freitas Valle aí se fixaram os traços do seu perfil inconfundível.

Na cátedra, que ilustrou pelo espaço de seis lustros, deu provas de invulgares qualidades didáticas. Foi, em verdade, um mestre e não um mero professor, como sucede habitualmente, pois muitos são os que lecionam, mas poucos os que ensinam. Assíduo no trabalho, provecto no saber, atento e diligente na observância dos deveres, fêz do ensino, o que êle deve ser, — um rigoroso processo de aperfeiçoamento moral, — induzindo ao estudo e às lucubrações dignificantes as índoles mais revessas ao esfôrço intelectual.

*

Não é grande a distância que vai do magistério à política, tanto que em França já se falou, não há muito, na "República dos Professores". A Academia sempre se interessou pela Ágora e a sobriedade da beca nunca desdenhou as pregas roçagantes da toga senatorial. Não tardou que Freitas Valle passasse do Ginásio à Câmara e da Câmara ao Senado, porque a isso o predispunham as inclinações do seu espírito. A política, aliás, era, naquela época, algo de tentador para quem quisesse nobremente consagrar-se ao serviço da pátria. Não se transformara, como parece que se transformara, em sórdido sistema de enriquecimento privado; não se convertera em privilégio de apedeutas, em cretinizado refúgio de argentários ignaros, nem se tornara prêsa de impudentes galopins eleitorais, que manipulam o sufrágio como reles objeto de transações mercantis.

Não. Ao tempo em que Freitas Valle teve assento no congresso estadual, onde se destacou, como sempre, por acurada operosidade e inteligente compreensão dos problemas sociais, havia em São Paulo, no meneio das coisas públicas, circunspecção e decência, probidade e patriotismo, desinterêsse e saber. Irradiava-se pelo país inteiro o prestígio do Estado e não raro se vinham procurar entre nós exemplos e lições de boas normas administrativas.

Nesse ambiente de paz, de ordem e de disciplina, mantido sem desrespeito à dignidade dos cidadãos, prosperava a lavoura, opulentava-se a indústria, desenvolvia-se o comércio e floresciam as ciências, as letras e as artes. A vida de sociedade tinha o requinte elegante dos centros civilizados. Não se abastardara pela prática sistemática e embrutecedora do jôgo, nem se deslustrara à invasão tumultuária, da horda dos arrivistas. Era comedida e brilhante, na polidez das maneiras que nunca se apartavam das regras da cortesia, e buscava entretenimento nas excelsas manifestações do teatro, de música, da poesia ou da palavra inspirada.

*

Homem de letras e homem de sociedade, criou Freitas Valle também o seu salão. Durante mais de trinta anos, foi a Vila Kyrial um centro espiritual e mundano de extraordinário esplendor. Ali se encontrava, frequentemente, o que em São Paulo havia de mais característico na elegância, na política, nas letras, na arte e no jornalismo. Sucediam-se as tertúlias, as conferências, os concêrtos, as alegres reuniões de espirituosa e alada conversação, sob a fidalga e cavalheiresca regência do dono da casa, que recebia com a liberalidade e a graça de um grão-senhor florentino. Dir-se-ia que o espírito dos Médicis esvoaçava pela Vila Kyrial, tanto era dominante ali o culto e o gôsto das obras de arte.

Felizmente para S. Paulo, não se apagou, definitivamente, no horizonte espiritual da sua vida, êsse foco luminoso de mundanidade e cultura. Bem que grandemente cerceada nas suas atividades primevas, por fôrça das contingências contemporâneas que tanto modificaram os costumes paulistas, a Vila Kyrial ainda lá se apruma sobranceira, nas risonhas eminências da Vila Mariana, como uma catedral da amizade, como um templo da arte e da poesia, sob as vistas e o carinho do seu guardião octogenário, que nada perdeu, para ventura nossa, do viço e do garbo otimista de outrora. Êle aqui veio para recolher os louros que com tanta justiça lhe estende o Museu de Arte. PLAUDITE, CIVES!..."

DISCURSO DO SR. RENÉ THIOLLIER

Minhas Senhoras, meus Senhores!

Aproveitando o ensejo que nos oferece o gesto altamente dignificante do sr. José de Freitas Valle, doando, ao Museu de Arte de S. Paulo, um dos quadros da sua pinacoteca particular — o "Monje Capuchinho" da autoria de Almeida Júnior, considerado uma obra prima da pintura nacional, vamos reverenciar, aqui, a sua ilustre pessoa, cuja vida tem sido um ininterrupto estuar de belezas pelo culto que êle sempre dedicou às concepções transcendentais da arte.

A sua figura jamais poderá ser situada numa época determinada. Graças ao perene verdor da sua longevidade privilegiada, o sr. José de Freitas Valle pertence a tôdas as épocas. De nenhuma delas se distanciou. Para êle, não houve, entre elas, solução de continuidade. Em tôdas, foi tido como um Mestre, foi sempre considerado e respeitado como tal.

A "Vila Kyrial", onde êle pontifica, em outros tempos foi uma Arcádia. Quantas personalidades ilustres ali não sentiram os seus primeiros passos amparados?

Guilherme de Almeida conta que começou a frequentá-la nas vésperas da publicação do seu primeiro livro, em 1917, e que lhe ficou a dever o mais importante incentivo da sua carreira poética que foi perder a vergonha que tinha de ler os seus trabalhos em público e ouvir os seus poemas recitados por grandes intérpretes.

As portas da "Vila Kyrial" abriam-se, aos domingos para as recepções diurnas, e, às quartas-feiras, à noite, para os "eleitos".

As recepções aos "eleitos" obedeciam a um ritual de espírito e inteligência. E foi devido a êsse ritual que o sr. José de Freitas Valle conseguiu criar uma mística, que lhe permitiu orientar o movimento intelectual da nossa Capital, naquele tempo, e incrementar as atividades do Patronato Artístico, que beneficiou, na sua carreira, a muitos músicos, cantores, pintores, escultores, entre os quais citaremos os nomes de Anita Malfatti, Victor Brecheret, Souza Lima e Villa-Lobos.

Foi na "Vila Kyrial" que tive a ventura de ouvir, lidas pelo próprio autor, algumas produções poéticas de Jacques d'Avray. Jacques d'Avray é o pseudônimo com que assina o sr. José de Freitas Valle os seus trabalhos escritos em francês, porque como disse o ilustre presidente da Academia Paulista de Letras sr. Altino Arantes: — o sr. José de Freitas Valle é escritor, orador e poeta, os seus escritos, os seus discursos, as suas poesias primam pela correção e pela elegância da linguagem como encantam pela altitude e pelo sentimento do verso — que êle maneja com igual estro no idioma de Camões e no de Racine.

A sua peça "l'Etincelle", escrita em francês, foi representada com grande sucesso, no Rio de Janeiro, interpretada por Germaine Dermoz, Ninon Gile, Angèle Nadir, Davesnes e Charles Vanel.

Coelho Neto, dias antes, predisse num tópico que escreveu, o êxito brilhante dessa noite memorável, assim se expressando: — "De tal grei é o artista superior de "Ophis", do "Miracle de la semence", de "L'Élu", dessa obra prima "L'Etincelle", que é como um evangelho de dor e de glória, da verdadeira Dor, que é sempre precursora da Vida, um clarão de gênio projetado sôbre o Futuro dos tempos, que resplandecerá, no palco do Municipal, na próxima semana, aureolando triunfalmente um dos maiores poetas contemporâneos".

E é êsse notável poeta e escritor, hoje, aqui, reverenciado por nós, que Aristêo Seixas e eu, amigos de longa data e admiradores sinceros que somos dêle, fizemos empenho em levantar a sua candidatura para o preenchimento da vaga, na Academia Paulista de Letras, da cadeira n. 21, que tem por patrono Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, por fundador Almeida Nogueira, e teve, por sucessores, Álvaro Guerra e Roberto Simonsen. E a sua eleição, por unanimidade de votos, foi a mais lídima consagração que um intelectual possa alcançar na sua terra."

Ao terminar, o sr. René Thiollier declamou — "Rataplan", um dos "tragi-poèmes" de Jacques d'Avray:

RATAPLAN

DÉPART

C'était le jour... Rires et pleurs...:
Le jour était blond de soleil,
Le jour était noir de douleur.

Des lèvres aux baisers vermeils,
Des âmes aux lointains regards,
On sent partout flotter l'éveil!...

Telle une foudre aux reflets noirs,
— Rataplan, rataplan, rataplan! —
Sonne aux coeurs la voix du départ.

Le choix du sort marche en avant...
Le bataillon, comme le jour,
Le bataillon s'en va pleurant.

Rataplan — ronfle le tambour...
Rataplan — pleurent tous les yeux...
Ivre d'espoir, ivres d'amour.

Le drapeau flotte dans les cieux!...

RETOUR

Les jours s'en vont... S'en vont les ans...
Il vient joyeux, le bon Vincent.

Tous ses combats, tout son amour,
Il les traduit sur le tambour.

Il vient joyeux le bon Vincent...
— Rataplan, plan! rataplan! plan!...

Il frappe... À la demeure on rit...

Il frappe... On ouvre... Il est surpris...

Il entre... On rit de ses cheveux...
Il pense: on rit, on est heureux!...

— "Viens-tu de la guerre, paysan?...
— "J'y rencontrai votre Vincent...

— "L'as-tu connu dans les combats?...,
— "La mitraille le prit au bras...

"Mais il est fort et bienportant:
Embrassez-le, votre Vincent!...

— "Gare, paysan! C'est railler fort!
Vincent est mort! Vincent... est mort!

"Heureuse soit son âme aux cieux
Comme ici nous sommes heureux!...

— "Bonsoir les gens!... Bonsoir... bonsoir!
Vincent est mort!... Il se fait tard...

"On te croit mort!... Va-t'en maudit!
Cherche la mort, cherche la nuit!

"Va-t'en Vicent! On te croit mort...
Ta femme est femme de Victor!...

Et — rataplan, plan, plan, plan, plan... —
Il court la nuit, il court les vents...

EZEQUIEL FREIRE E SUA PERSONALIDADE ÍNTIMA

(Palestra proferida pelo dr. Hilário Freire, a 20-4-1950, no Auditório do Departamento Municipal de Cultura de S. Paulo, em sessão comemorativa do centenário natalício do poeta e escritor Ezequiel Freire, fundador da Cadeira no. 33 da Academia Paulista de Letras e de outra da Academia Fluminense de Letras).

O SENTIDO DAS COMEMORAÇÕES

Estas comemorações do centenário do nascimento do escritor rezendense Ezequiel Freire apresentam um sentido de profundidade cívica, com o objetivo de reconstrução de um alto passado, para servir o presente e o futuro de nossas letras. Bem digno de reconhecimento, pois, êsse precioso apoio que lhes está dando o Departamento Municipal de Cultura, através o inestimável e relevante concurso de seu Diretor, José de Barros Martins e do Diretor de seu Arquivo Histórico, Nuto Sant'Ana. Barros Martins é uma esplêndida figura de animador de nosso movimento intelectual, com as magníficas realizações de sua emprêsa editora. E Nuto Sant'Ana, da Academia Paulista de Letras, outro professor de entusiasmo de nossa literatura, tão enriquecida pelo primor de sua obra de escritor e de poeta, e pelo seu devotamento ao nosso acervo histórico, mercê de que lhe devemos, a mais, agora, a reedição das "Flores do Campo", na "Revista do Arquivo Municipal" e em sua separata.

Esta segunda tiragem do belo livro de versos nacionalistas, com que o frescor da mocidade de Ezequiel Freire fêz, com brilho, há setenta e seis anos, sua estréia literária, e mais os notáveis estudos de outros conferencistas, que ilustram outras festividades da data escolar, consubstanciam realmente um trabalho prático e objetivo, de restauração e de recomposição de uma de nossas individualidades literárias de maior cintilação na segunda metade do

século dezenove, e com isso, põem ao alcance de nossas bibliotecas e de nossos contemporâneos as peças de um tesouro, agora reunido, do pensamento brasileiro.

Há, pelo oceano do tempo, o perpétuo perigo de sossobro, nas águas do esquecimento, que sóem tragar, no seio de sua voragem, a memória dos varões assinalados, que tanto sublimaram a pátria, com a fôrça criadora de seu espírito e com a energia fecunda de seus feitos.

Sempre entendi, e o repito sempre, que honrar os homens, que dignificaram a Pátria, é uma forma de engrendecê-la. Não pode haver Pátria grande com homens pequenos. Cada vez que um cidadão procede com grandeza e nobreza a Pátria também se enobrece e se engrandece. Reconhecer e proclamar o valor, a eficiência, a magnitude de ação de nossos compatriotas, no campo material, ou espiritual, é construir o prestígio do país e exercer a mais nobre função educativa do patriotismo civil, na cadeia das gerações. Façamos os nossos homens para fazer a nossa Pátria.

Tôda a existência de Ezequiel caracterizou-se pela dignidade, pela autonomia e pela beleza, na inteligência, no sentimento e no caráter. Quando a morte lhe abriu o jazigo, dela ficou, entretanto, como traço definitivo, apenas o livro de suas primícias poéticas, "Flores do Campo". Mais tarde sobreveio a coletânea, valiosa, mas incompleta, do "Livro Posthumo". Ambos esgotados. Tôdas as demais produções da sua maduréza, quando na plenitude de si mesma, dispersaram-se na efemeridade do jornalismo, fragmentadas e desfolhadas na crônica, no conto e na crítica.

Com efeito, a fatalidade comum, de que adoece o destino dos lidadores da imprensa, está na submersão dos mais excelsos esforços, das mais árduas conquistas, das criações de maior valia, no anonimato fugaz, do dia frívolo que passa. Onde vivem, acaso, as obras definitivas dos máximos pontífices do jornalismo brasileiro? Que deixaram, porventura, na perenidade do livro, Quintino Bocaiuva, Ferreira de Araujo, Alcindo Guanabara, Eduardo Salamonde, Rangel Pestana, Adolfo Araujo, Júlio de Mesquita, Casper Líbero e outros tantos príncipes de nosso periodismo? Suas páginas avulsas, vibrantes embora, perderam-se, ainda que suas personalidades ficaram nos frutos de suas obras, que opulentam o celeiro argentário de nossa intelectualidade, de nossa civilização e de nosso civismo. E' que a imprensa, na faina infatigável, regando e adubando os ideais, em cada manhã, ou em cada tarde, representa, em nossa evolução, o papel subterrâneo daquele protozoário, o **micoderma aceti**, que trabalha incessantemente no subsolo, azotando a terra, para a produção das messes copiosas. Eis então porque todos quantos estão compartilhando das comemorações centenárias da obra ezequeliana, o que tomaram sôbre os ombros não é só uma tarefa de arquiteturação histórica, aglutinando o material dissociado pelo tempo, para recomeçar a unidade de um monumento literário, como ainda uma missão de magistratura da posteridade, consagrando, em proclamas de justiça, um alevantado obreiro de nossas letras no passado.

EZEQUIEL NA VIDA ÍNTIMA

A mim me coube, nesse esfôrço de conjunto e apenas por circunstâncias especiais de parentesco e de amizade, o encargo, sem dúvida muito grato, nesta palestra despretensiosa, para a qual impetro a generosa tolerância dos que me ouvem, de dizer

sôbre a personalidade de Ezequiel nos seus aspectos íntimos e particulares, de homem e de cidadão, na sociedade e na família. Nem sempre existe harmonia de predicados entre o mundo interior e o mundo exterior com grandes homens. Mas em Ezequiel tudo foi acôrdo, nas irradiações de sua poderosa e distinta individualidade, como o arco-íris que faz aliança entre o céu e a terra.

Como nasceu, assim viveu e assim morreu, sempre com o cristal de um caráter inteiriço, que jamais se partiu entre os atritos cotidianos, ou se embaciou entre os fumos e as brumas da fragilidade humana.

Por certo, porém, as grandes almas como a sua não surgem de improviso. Nascem de raízes antigas, alimentadas pela seiva hereditária no subsolo da família e da raça. A origem dessa grandeza decorre dos atributos primitivos e vigorosos de sua ancestralidade. Na sucessão dos tempos, há um substratum comum, que se transmite de geração em geração, ainda que a forma de suas manifestações varie de indivíduo para indivíduo.

Ezequiel descendeu de uma ilustre família de nossa aristocracia rural, como neto do Comendador José Manoel Freire, e de D. Maria da Silva Soares Freire e filho do Tenente Antônio Diogo Barbosa Lima e de D. Maria Crispiniana Freire. O ramo Barbosa pertence colateralmente ao mesmo tronco.

A árvore genealógica dos Freires, reconstituiu-a rigorosamente e esclupulosamente o dr. Alfredo Freire, ilustre filho de Ezequiel, e genealogista de prol. Suas raízes mergulham, de um lado, na progênie de Pedro Álvares Cabral e, de outro, na estirpe do chefe Pequerobi, maioral de Ubarai, irmão de Tibiriçá, vultos salientes da fundação de Piratininga. Quatro séculos e meio depois Ezequiel revive, nas manifestações de sua hereditariedade, pelo poder de seu espírito, todo o telurismo e tôda a integração com a natureza do primitivo chefe íncola, e tôda a fascinação dos horizontes novos do navegante lusitano, com implantar o padrão de brasileirismo nas terras novas de nossa literatura.

O MEIO REZENDENSE

O fator sangue e raça encontrou um meio propício à sua expansão no ambiente social e econômico de Rezende. As fôrças históricas componentes de Rezende são o patriciado territorial, os grandes domínios, a fertilidade da terra cafeeira e o rio Paraíba.

Com efeito, Rezente, no comêço do século dezenove, povoou-se de grandes famílias senhoriais, no apogeu econômico daquela aristocracia rural, cuja nobre estrutura Oliveira Viana assinala na sua obra magistral sôbre "As Populações Meridionais do Brasil", mostrando-nos, que nessa idade, "a família fazendeira é realmente a mais bela escola de educação moral de nosso povo". O grande sociólogo põe em relêvo que, então, "quatro qualidades possuí o nosso homem rural, cuja influência em nossa história é imensa; quatro qualidades, que constituem o mais genuíno florão da nossa nobreza territorial. Uma é a fidelidade à palavra dada. Outra, a probidade. Outra, a respeitabilidade. Outra, a independência moral. Durante os dois impérios, acrescenta, no govêrno dos municípios, na administração das províncias, nas lutas do parlamento, no paço real, na organização dos partidos, por tôda parte, e em tudo, sentimos o influxo prestigioso dêsses atributos primorosos".

Por igual forma, o Visconde de Taunay, nas encantadoras pági-

nas de seu romance "Ouro sôbre Azul", que se desenrola nessa época de nosso esplendor agrário, traça-nos, com magistralidade, em pinceladas naturais e vivazes, um quadro insuperável das primitivas sedes dos grandes domínios dos fazendeiros fluminenses, quando a vida elevada do país, se concentrava no patriciado territorial, com sua riqueza, sua arte, sua cultura, seu luxo, seu fastígio, sua contextura nobre e poderosa.

Não nos admira, assim, encontrar-nos na áurea Rezende, contemporâneamente a Ezequiel adolescente, um centro de seleta e notável cultura, nutrida pelo convívio de suas famílias de linhagem patrícia, como os Pereira Barreto, os Maia, os Miranda, os Pompéia, os Jardim, os Whately, os Ferreira, os Carvalho, os Azevedo, os Fonseca, os Seixas, e tantas outras, que, subsecutivamente, com o declínio ulterior do fastígio cafeeiro, migraram para S. Paulo e aqui ascenderam às mais culminantes posições na lavoura, na administração, no parlamento, nas ciências, nas artes, nas profissões liberais.

No seio da sociedade dêsse tipo áustero, dessa estrutura superior e dessa era cristalina, tôdas as preocupações educativas e todos os sonhos da adolescência, vertem para o vale de uma finalidade objetiva e fecunda: o máximo esplendor nas virtudes da família. Daí a rigidez moral e social dêsse ambiente, onde as aspirações profundas e as lutas se enterreiram nos horizontes puros das grandes afeições tranqüilas. E' a família, — feliz, fortunosa, bem formada, culta e opulenta de virtudes, — êsse pólo norte que atrai a agulha magnética da vida privada. Casa-se, nessas esferas, a paisagem rural, que ostenta o vigor de suas tintas admiráveis, com a paisagem psicológica dos robustos personagens, que habitam aquelas vivendas senhoris, onde ainda ouvimos borbulhar os veios de nosso passado tão próximo, e, por isso mesmo, tão refletido em nós mesmos, pelas lembranças dos primeiros dias da geração hoje amadurecida e grisalha.

Ezequiel, oriundo dêsse patriciado rezendense, embebe-se, desde o seu amanhecer, nessa primitiva intensidade do núcleo familiar, com seus imensos casarões para abrigo de imensas famílias e com seus sólidos caracteres, embutidos em diamante e em bronze. O desenvolvimento de sua intelectualidade privilegiada, de seu caráter massiço e de sua profunda sensibilidade artística recebe o influxo, não só do meio doméstico, como do meio social. Neste desabrocha então a florescência primaveril de ilustres poetas e escritores seus contemporâneos: Narcisa Amália, Luís Pistarini, Raul Pompéia, Luís Murat, e outros vultos notáveis, que se embalaram nesse mesmo berço natal.

O MEIO FÍSICO

Recebe também, com a plasticidade de seu espírito e com a sensibilidade congênita de seu temperamento artístico, a influência do meio cósmico. A Fazenda Boa Vista, de seu pai e a Fazenda S. José, de seu avô, ambas convizinhas e ribeirinhas do Paraíba, envolvendo a povoação de Sant'Ana dos Tocos, sede do distrito, ainda exibiam tôda exuberância de seus cafezais, mau grado tão logo desaparecida no roldão das erosões pluviais, que esterilizaram as lavouras fluminenses e na desorganização do trabalho, pela abolição do braço escravo.

Havia ainda em tôrno a riqueza de cenário das matas virgens, em sua primitiva opulência florestal, povoadas pelas mais apreciadas espécies de caça, de porte,

ou miúda, com a moldura remota das serranias, na imponência da Mantiqueira, em cujas cristas pompeia a majestade do Itatiaia, com o orgulho e o esplendor de suas famosas Agulhas Negras, tentando uma escalada do azul.

Nesse ambiente terreno, cheio de seduções para uma alma de artista, ainda em formação, — corria o lendário rio Paraíba, entre arabescos de ilhas, ora com o rumor de seus encachoeirados, ora com a quietude e a calma dos remansos piscosos. Em tempos, tive ocasião de fazer um pequeno estudo sôbre a função social dos rios do Brasil na história de seu povoamento. Se, conforme a máxima antiga, — **acquae condunt urbs** — as águas fundam cidades, os nossos rios, sobretudo o Tieté e o Paraíba, são os primeiros grandes fundadores de nossas cidades, como roteiros naturais da penetração do homem e da produção e circulação da riqueza, pela função econômica do transporte. Vêde, ao longo do Paraíba, no Estado do Rio e de S. Paulo, o brazão dessas cidades, como Rezende, abotoadas às suas margens, onde tudo exprimiu grandeza, cultura e civilização. O maior de seus florões, entretanto, foi o de ser o berço celeste, onde surgiu, na rêde de humildes pescadores, a Padroeira do Brasil, N. Sra. da Aparecida, de maneira que as cidades, por disposição da natureza, lhe são as filhas terrenas, e N. Senhora da Aparecida, por disposição da Providência, a filha divina.

NA FAZENDA BOA VISTA

Como vemos, portanto, nas cabeceiras da formação da individualidade de Ezequiel, as fontes de observação e inspiração exteriores foram a fazenda, a vida roceira, a cidade de Rezende, a Serra da Mantiqueira e o Rio Paraíba.

A sua vida familiar, até moço, decorreu na Fazenda Boa Vista e dêsse período possuímos informações preciosas, anotadas por seu irmão, dr. Antônio Crispiniano Barbosa Freire, que se casou com D. Minervina D'Elboux Freire e faleceu como juiz de direito de Pirassununga. Antônio tinha vários apelidos entre as pessoas de casa: Tonico, Toniquinho, Crispim, e, por vêzes, Ezequiel, gracejando, o chama de Prischim. Toniquinho nutria por Ezequiel afeição e admiração profundas. Glosando as "Flores do Campo", êle, que conviveu inseparàvelmente com o irmão poeta, quando foram escritas, nos revela o motivo e a intenção peculiar de cada poesia e, muitas vêzes, de cada verso. Essa dedicação era correspondida pela proteção, auxílio e assistência, que Ezequiel sempre lhe dispensou, encaminhando-o na vida.

Em uma carta de Araras, de 1884, quando ali exerceu o cargo de juiz municipal, escrita à sua espôsa, D. Maria Adelaide Freire, — o seu grande anjo tutelar, — que respondia ao nome íntimo de Sinhá, Ezequiel manifestava todo seu sentimento fraterno e apreensivo: "Estou aborrecido com a idéia de que amanhã, às nove horas, tendo de ir à estação, para despedir para o mundo o nosso Crispim, que durante oito anos morou conosco". Nunca conheci na vida coração mais sensível, generoso e bem formado, nem caráter mais límpido que o coração e o caráter do primo Toniquinho. Irei servir-me freqüentemente de suas notas, nesta biografia viva de seu irmão, companheiro e amigo, de infância, de mocidade e de madureza.

Ezequiel vivia na fazenda em uma casa isolada, num extremo do terreiro, de dois lances, coberta de sapé, do lado oposto da casa grande, — mansão de isolamento e de tranqüilidade, "a en-

cantadora estância, a que se refere o poeta, que o mundo não conhece, onde o rumor não desce senão amortecido".

De sua infância, êle nos deixou mais tarde, com o próprio de seu chiste natural, em uma interessante crônica, a reminiscência de um episódio pitoresco, ocorrido quando tinha dez anos, com o seu avô, o Comendador José Manoel Freire, o senhor do grande solar da Fazenda S. José, onde nasci, vizinha da Boa Vista, ambas ribeirinhas do Paraíba, que emoldurava a povoação de Sant'Ana dos Tocos, sede do distrito e domínio dos Freires.

"Meu avô, que Deus haja, ti-"nha o posto de **capitão-tenente,** "apesar de nunca haver navega-"do, a não ser em canoa. Eu ex-"plico: Primeiro foi tenente das "milícias, no tempo do outro im-"perador. Um belo dia, cria-se a "Guarda Nacional. Meu avô foi no-"meado capitão. Grande perplexi-"dade entre os piraquaras de San-"t'Ana dos Tocos. Já estavam tão "habituados a chamá-lo **seu te-"nente**... Afinal o Joaquim Leo-"nel, que foi à frente do povo "cumprimentar meu avô pela sua "nomeação, entendeu conciliar as "coisas, reunindo os dois trata-"mentos; e quando chegou à "frente do sobrado, onde a famí-"lia tôda, a pagearia do vovô, as "mucamas da vovó, a molecada "miúda e êste seu criado, está-"vamos aguardando à janela a "manifestação; o Joaquim Leo-"nel, lembro-me bem disso, bota "a bôca no mundo e brada:

"— Viva seu capitão-tenente "José Manoel!

"— Viva!

"E eis como meu avô, que Deus "haja, foi capitão-tenente, sem "jamais haver navegado outras "águas, que as do Paraíba..."

A êsse episódio do tempo de Pedro II, vou referir outro, igualmente pictórico, atestado por meu pai, João Batista Freire, filho do Comendador. Êste foi, não só tenente de milícias, como ainda oficial da Guarda de Honra do Imperador Pedro I. Dotado de vivíssima inteligência, infatigável atividade e espírito jovial, era obrigado a viajar constantemente para a Côrte, em época de forte agitação. Tendo adquirido um extraordinário cavalo negro, de linhas árabes, e de brio inexcedível, deu-lhe o nome de "Escurinho da Guarda" e com paciência o ensinou a arrombar portas com as patas dianteiras, em ajuda do dono, nas lutas violentas daquele tempo, a comer alimentos com sal, da cozinha comum, menos carnes, e a beber aguardente, a princípio diluída, e, depois, **in natura,** nas hospedarias escalonadas à orilha dos caminhos. Adaptou-se o "Escurinho", com tal agrado, a êsse tratamento, que, ao entredivisar, em suas jornadas, à distância, uma dessas estalagens, lá de longe rinchava com alegria — e assustava os passarinhos das cercanias, não afeitos a tão ruidosas manifestações de contentamento da ilustre cavalgadura...

ENTRE OS ESCRAVOS

No seu convívio com a escravatura da Boa Vista, Ezequiel apresenta uma das facetas de sua afetividade, assentada na generosidade de seus sentimentos humanos. Era com interêsse e bondade que tratava os negros, dêles se aproximando e os estimando. E nesse contacto hauriu observações, impressões e inspirações e delas resultaram, entre outras, as páginas do "Sacy", dos "Escravos no Eito" e do formidável conto "Padre Gobá". Êle próprio nos conta, em **Pro Domo Meu** que "adolescendo entre os pretos e os camaradas os acompanhava ao eito, ouvindo-lhes os serões nas senzalas e as maravilhosas histórias de zumbis e assombrações".

Quanto ao saci, há muitas variantes da sua lenda. A que foi poetisada por Ezequiel é das mais características e colhida quarenta anos antes do inquérito que, a respeito ,o grande Monteiro Lobato promoveu e reuniu em atraente livro. Dentre em pouco, neste auditório, Altair Freire Minervino, talentosa neta de Ezequiel, no-la vai dizer, com a graça e arte de interpretação que possui, capaz de bem exprimir a brejeirice e as travessuras do herói das sextas-feiras, o gaiato e trêfego duende dos cativos.

Também a determinante das apóstrofes condoreiras dos "Escravos no Eito" foi a forte emoção sofrida pela sensibilidade do poeta, quando contemplava um dia, da casa senhorial da fazenda, o rude quadro da negrada, trabalhando sob um sol mordente, no eito de um morro fronteiro.

Ressalve-se que o Tenente Diogo, senhor da Fazenda, era bondoso para os escravos. Não obstante, uma ocasião certo feitor, que apenas há quinze dias entrara em serviço, com tanta malvadez exerceu as suas funções, que foi morto por um dêles, revoltado pela sua perversidade, com um golpe de enxada desferido no alto da cabeça, quando se sentara de costas, olhando para a freguezia de Sant'Ana dos Tocos.

Em 1887 Ezequiel escreveu "Pedro Gobá", dedicando-o a Ramalho Ortigão, por ocasião de sua visita ao Brasil. Nesse conto palpitam tôdas as lembranças da escravidão, tôdas as cenas da azáfama rural na época da colheita, a que deveria ter assistido muitas vêzes, o âmago e a psicologia da paisagem, dos costumes, das instituições e da estrutura do trabalho servil. Parece inacreditável que pudesse concentrar tanta vida, tanta côr, tanto movimento, tanta realidade, tanta natureza, tanta humanidade e tanto brasileirismo, em tão poucas páginas. Claro é que, sem a antiga bagagem de conhecimentos da vida rural de Rezende, não lhe seria possível produzir tão primorosa jóia literária. Bem razão teve o notável escritor e crítico lusitano, um dos sumos sacerdotes literários de sua geração, ao agradecer-lhe a dedicatória, de classificar "Pedro Gobá" como uma obra prima, pela intensidade do colorido e pela vibração do sentimento local, acrescentando:

"Além disso, para o encanto de "meu ouvido v. tem o vocábulo o "mais preciso, o mais nítido e o "mais forte. A sua bela prosa, "neste precioso conto, soa como "um punhado de moedas de ouro, "saídas da cunhagem, ásperas das "serrilhas, frescas, reluzentes e "sonoras de têmpera e liga".

Ao lado do "Sacy", dos "Escravos no Eito", de "Pedro Gobá", com a mesma origem de compassividade pela escravatura, deu-nos o poeta o "Tu e Eu", dedicado ao seu colaço Tibúrcio. Colaços eram os pretinhos, filhos das amas dos senhorezinhos brancos, criados com êstes. Tibúrcio, pela excelência de sua índole e Ezequiel pelos pendores de sua bondade, serena e meiga, ficaram meigos. Quanta delicadeza anima êstes versos tão simples:

Tu que tens cabelos ásperos
E polido o coração,
A alma, como jaspe, nívea,
E o rosto côr de carvão

Que me guardavas nos lábios
Consolações e carinhos,
No peito, culto sincero,
De quando em vez passarinhos;

Que enchias minhas vigílias
De confidências tão boas;
Meu coração de ternuras,
Minha gaveta — de brôas;

Tu és, Tibúrcio, a lembrança
De meu viver de menino:

Eu era um caturra — lembras-te —?
Tu eras tão pequenino!

Vejo-te agora inda o mesmo
Nobre e leal coração,
Integérrimo Tibúrcio,
Carapinhado Catão!

Mas a narrativa do entranhado e generoso afeto do poeta e senhor-moço por seu colaço negro, não se circundou às paragens poéticas e verbais. Foi a um belo epílogo, a um só tempo romântico, na sua origem e concreta, no seu efeito e com êle converteu um nobre idealismo em comovedora realidade. Devemos a preciosas reminiscências do dr. Alfredo Sodré, benemérito "cidadão de Rezende", minudente conhecedor de sua história, de sua literatura e de seus varões ilustres, e consagrado jornalista, a revelação daquele tocante desfêcho.

Foi assim. Ezequiel, com o bacharelar-se em direito, satisfez grande e viva aspiração do tenente Diogo, seu progenitor. Deliberou então êste, por tal causa, comemorar tão grande acontecimento, com festivais de gala na Fazenda Boa Vista. No decurso dêles, ao entregar ao filho diplomado seu anel profissional, com a balança e o rubi, acrescentou:

— Meu filho: dar-te-ei mais o que quiseres, em regozijo de tua formatura.

Ao que Ezequiel, sem um instante de hesitação, responde simplesmente:

— Peço-lhe, meu pai, a liberdade do Tibúrcio, para que seja um homem!

E foi com esta alta singeleza que Ezequiel ganhou sua primeira causa com a carta de bacharel, conquistando para seu colaço Tibúrcio a carta de liberdade... e retribuindo-lhe as antigas brôas de fubá, que êste lhe guardava, na gaveta de menino, com a brôa da dignidade humana, na gaveta da vida...

Afóra do colaço Tibúrcio, o escritor, na sua evocativa crônica, "De volta à Fazenda", escrita em 1887, depois de quinze anos de ausência de mansão paterna, fixa, com extremo carinho, a figura humilde de outro negro, o Maimbe:

"Quando cheguei à Fazenda era "já noite velha. Profundo silêncio "enchia a escuridão em derredor. "A porteira, guinchando, estron-"deou pesadamente de encontro ao "moirão. Nêsse instante, alerta ao "rumor, veio o Maimbe, agitando "um tição, em zigzag. Um gran-"de fila, pêlo eriçado, seguia-o, "rosnando.

— "Abençam, Sinhô-moço.

— "Adeus, Maímbe.

E a voz amiga do velho feitor escravo, soou-me aos ouvidos com a mesma doçura, submissa e carinhosa, de quando eu era criança".

O CAVALEIRO

Como era natural na roça de outróra, Ezequiel se fez um cavaleiro, mas perfeito e elegante, como nem todos. Mais ainda: tomou-se de um apêgo e pendor pelos cavalos, durante tôda a vida. Procurava sempre os mais belos animais, e os melhores para seu uso. Essa preocupação, conservou-a até seus derradeiros dias.

O tratador oficial de suas montadas era o Malaquias, outro antigo escravo, que o acompanhou, com constância e amizade, até a morte. Mas o Malaquias cuidava muitas vêzes igualmente do dono, quando das viagens deste em tratamento de suas crises de saúde. Foram assim os dois parar uma ocasião no Araxá. De lá Ezequiel mandava à D. Sinhá notícias próprias e de seu inseparável servidor: —

"O Malaquias têm-me servido "perfeitamente, e todos se admi-"ram "dêle. De dois em dois dias "vai ao Barreiro buscar dois gar-

"rafões de água para beber e para "o banho. O pobre Malaquias já ar "ranjou aqui dois casamentos. Já "os desmanchou, porque as noivas "não querem ir para S. Paulo"...

Volvendo, porém, à equitação:

"Na Boa Vista, narra Ezequiel que, apagados os fogos e silenciando as senzalas, bastas vêzes se escapava da Fazenda, ao clarear da lua, rédeas bambas sôbre as crinas do Ácaro, o seu belo tordilho negro, brioso e rápido.

Mas, tempora mutantur! Quinze anos passados, na sua visita para matar saudades, à antiga mansão paterna, montou, mas estranhou o Ácaro.

"O animal era o mesmo; cra- "vei-lhe forte a espora; mas a "ilharga, dantes fugitiva à pres- "são da roseta, tinha agora a in- "sensibilidade da pele encarqui- "lhada de um velho matungo "lerdo..."

Em S. Paulo, no quintal da rua Araujo 19, não dispensava Ezequiel seu animal predileto. Um dêles foi o Beija-Flôr, presente de seu compadre Alfredo Elis, republicano histórico, depois assinalado varão e senador da Repúbiica, que deu nome a seu afilhado, o hoje ilustre Dr. Alfredo Freire.

Era um corcel branco e esbelto, carinhosamente tratado, e cuja crina o guapo equitador perfumava, com fina brilhantina, quando saía a passeio, de botinhas e chicotinho de prata, todo envaidecido da nobre montaria. Dizia então que, quando morresse, iria para o céu no cavalo branco e que S. Pedro com certeza deixá-lo-ia entrar, porque o "Beija-Flor" não tinha pecados...

Narrava a viúva de Ezequiel um episódio dessa sua amizade humanizada pelos seus ginetes. Um dia, no interior, quando doente, teve tanta saudade do bucefalo, que mandou buscá-lo na cocheira e fê-lo entrar no seu quarto de enfêrmo, para matar saudades, afagando-lhe a cabeça...

O exemplar, porém, que mais o satisfez e encantou e que mais realizou seu ideal de cavaleiro, foi-lhe dado na última etapa de sua vida, quando em Caçapava, por meu pai, seu tio. Era de estampa côr de ouro canário, elegante no pisar, no compor-se, na larga peitaria, na braçada, nos esgalgados jarretes.

Quando saía montado, às ruas de Caçapava, os moleques perguntavam-lhe:

— Moço! Êsse cavalo é de companhia?

— E', redarguia-lhes Ezequiel, com a infantil alegria que lhe causava a admiração dos meninos caçapavenses, ao comparar sua soberba cavalgadura com os modelos ideais dos circos de cavalinhos...

Nos seus derradeiros tempos, aguardava o poeta naquela cidade, de mudança, a família tôda e tomava providências para bem alojá-la com tudo que pudesse dar satisfação aos filhos. Pensou, portanto, também na Zulmira, a filhinha mais velha, tão estremecida, a quem ofertou páginas inesquecíveis de afeição e de carinho paternal. E anunciava em carta para S. Paulo à D. Sinhá:

"Diga à Zulmira que já arran- "jei um cavalo muito magro, pan- "çudo, peludo e feio para ela pas- "sear comigo; mas como ela é "bonita, o povo olhará só para a "cavaleira; e ao Juga (Alfredo) "que aqui há de viver à sôlta, co- "mo um cabritinho"...

O RIO E A MATA

Em sua integração com o viver roceiro haveria o jovem rezendense que se enfronhar nos atrativos da pesca e da caça. Com a pesca conheceu todos os segredos do Paraíba e com a caça todos os mistérios e encantos da mata virgem. Toniquinho, em suas notas, assinala o local pre-

dileto de suas pescarias, em baixo de um famoso ingazeiro, em descrição aproveitada por Wenceslau de Queiroz no prefácio do "Livro Posthumo". Dir-se-ia um guarda-sol verde, com o cabo enterrado à margem do rio, cobrindo o remanso, evitando a luz crua do dia, fechando o espaço, onde ninguém podia ser visto de fora. Foi ali que se tornou doutor em piabanhas, bagres, alambaris, cascudos, tijusburés e outras criaturas fluviais. E como não basta pescar e caçar, mas também fazer preparar a caça e a pesca, Ezequiel pergaminhou-se igualmente em coisas de cozinha e de cardápios; como nos mostra no "Beijo da Visão":

Tinha jantado bem; uma feijoada,
piabanha cozida e apimentada,
alambaris fritados em gordura
e, além de tudo, uma linguiça inteira;
gostoso ficadinho de forçura
um môlho de tomates, bem vermelho,
e um fricandó de vísceras de coelho.

"Beijo da Visão", com seus aspectos culinários, revela também a faceta brejeira de sua musa. Brejeiros são "Tu e Eu", o "Sacy", o "José de Arimathéa", e tantos mais, por via de regra os versos íntimos, rimados ao sabor de fatos do convívio social e familiar, com a alada leveza de sua graça pessoal.

Assim mais tarde, misturando outra vez iguarias com o chiste, organizará o seguinte **"menu do jantar oferecido por um poeta e um par de vizinhos sem par"**: (Eram o dr. Artur Araujo seu cunhado, irmão de D. Sinhá, e D. Antônia Elis da Silva Araujo, familiarmente D. Antonica).

I

Sopa — de boa vontade.
Entrées — de pura afeição
Quitutinho — de amizade
Fricassé — do coração.

II

Petit-pois — de simpatia,
Croquetes — de benquerer,
Peça do meio — a alegria
Minha e de minha mulher!

III

Por sobremesa — sorrisos,
Baba de moça e cangica
Viva! Viva! Vivam! Vivam!
O Artur e D. Antonica!

Na Boa Vista, fronteiro à janela do quarto de Ezequiel, trepava um morro muito alto, coberto de frondosa mata virgem, atravessada por um carreador, por onde os carros de bois faziam o tráfego de madeiras. Nessa mataria adestrou-se na caça de urus, de macucos, de cotias, de caitetus, etc., com tôdas as subtilezas e astúcias da armadilha e da espera e a segura ciência dos hábitos de cada espécie; mas, sobretudo, ficou conhecendo o coração e a alma da floresta. E foi assim, com êsse cabedal antigo, que êle pôde, no fim da existência, compor a obra prima de sua crítica, sôbre Almeida Júnior, cujo centenário igualmente se vai recordar em maio próximo. Apreciou, como um mestre, os "Caipiras Negaceando". "Não é uma tela pintada", acentuava Ezequiel, "mas um verdadeiro canto da mata virgem" onde se trava a batalha terrível da tragédia florestal por êle conhecida desde moço na densa mataria da Boa Vista e que retraça nesta passagem, digna de uma antologia:

"Aquelas árvores lutaram para
"viver desde os primeiros movi-
"mentos do germem, até a pujan-
"ça colossal, que agora ostentam.
"Prêsas ao solo, premidas umas
"contra as outras, elas tiveram
"de combater pela água do chão,
"pelos sais da terra, pelo oxigê-
"nio do ar, pela luz do sol. To-
"dos patenteiam os vestígios da

"tremenda luta nos múltiplos des-
"vios da linha ascensional, nas
"corcovas do tronco, nas depres-
"sões do lenho, nas contorsões dos
"galhos, nas profundas cicatrizes
"deixadas pela estrangulação dos
"cipós.

"Os que venceram, venceram, e
"lá bracejam para o céu as ra-
"marias frondentes, onde a mara-
"canã virá cantar, quando os mi-
"lharais amadurarem; os que
"morreram, morreram, e lá jazem
"no chão, atravancando a penum-
"bra, revertidos ao humus don-
"de sairam, cobertos de musgos,
"guarida de larvas".

E eu vos digo que Ezequiel não conseguiria uma página como essa, se não guardasse dentro de sua própria alma, a alma das matas virgens. Êle não foi um simples paisagista, com a côr nos olhos, para surpreender o panorama de sua terra, como nas fitas do cinema colorido. O que êle sentia era a essência de nossas gentes, de nossas tradições, da realidade de nossa vida, o seu próprio conceito de que a inspiração, na arte, é a integração da alma do poeta com a natureza. Nesse conceito está o fundamento de seu brasileirismo.

O ESTUDANTE

Aos vinte e um anos, em 1871, Ezequiel se partia da fazenda para fazer na Côrte o seu curso superior. Ingressou, a princípio na Escola Militar, de onde se passou para a Escola Politécnica. O trote que recebeu na Escola Militar foi-lhe desastroso. Mergulhado no mar, onde bebeu muita água, saiu da triste brincadeira com uma violenta pneumonia, moléstia, na época, de suma gravidade ,sem os modernos métodos de tratamento. Sua saúde ressentiu-se do abalo, enfraquecendo-lhe o organismo e predispondo-o para novas crises futuras. Houve que retornar à fazenda para robustecer-se e recomeçar a pista de seus estudos no Rio. Ali trabalhou na imprensa e entrou em contacto com a geração literária de Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Coelho Neto, José do Patrocínio, Paula Ney, Guimarães Passos, Alberto Rangel, Machado de Assis, Dermeval da Fonseca e outros. Além do ganha-pão cotidiano, colaborou em revistas e jornais, esparsamente. Travou relações de sólidas amizades com Manoel Carneiro, que dirigia a "Gazeta de Notícias", e, com o fino faro das altas inteligências, era um animador dos novos talentos na carreira literária e jornalística. Foi Manoel Carneiro que introduziu, no Brasil, a venda avulsa dos jornais, na rua, com a "Gazeta" a quarenta réis o exemplar. Dantes só havia assinaturas. Sua amizade por Ezequiel tornou-se cada vez mais sólida, mais íntima, mais indissolúvel, em tantos marcos plantados no roteiro de sua duração. Temos um delicioso testemunho dela, nestas quadrinhas festivas, que em janeiro de 1891, o derradeiro ano de sua vida, escreveu Ezequiel na data natalícia de seu amigo; em um artístico cartão, côr de sangue vivo, rebordado em preto, com tinta branca:

AGNUS MEUS DILECTUS

(Scilicet — O Manoel Carneiro)

Viva o nosso carneirinho,
Melhor que o de S. João!
Que fêz de redil meu peito,
De aprisco meu coração.

Como nós queremos bem
O nosso Manoel Carneiro
Eu, Zulmira, Mário, Alice,
O Juca... um povo inteiro!

Papel vermelho e prateado,
Tinta branca de jasmim,
Contai-lhe que eu quero a êle
Muito mais do que êle a mim.

Êste Maneco Carneiro!
Oh! que carneirinho "bão"!
Meu velho amigo do peito,
Dono de meu coração!

S. Paulo, janeiro, 1891 — ZECA

Estas circunstâncias íntimas fazem-nos imaginar o júbilo premeditado e bem sentido com que, em 1884, depois que Ezequiel se casou, e se formou, Manoel Carneiro lhe oferecia um lugar brilhante na "Gazeta", como trampolim para mais altos postos de uma carreira pública e literária. De sua não aceitação, originou-se o episódio, que mais adiante narraremos, ocorrido com meu pai, que veio a ser igualmente íntimo e compadre de Manoel Carneiro. Meu pai não era homem de letras, mas um simples fazendeiro, dotado, porém, de larga cultura humanística e conhecimento assim do francês, como do inglês, por ter estudado na Inglaterra.

Além disso, possuía uma esplêndida e vivaz inteligência, cuja originalidade se casava com a de Ezequiel, ambos joviais, espirituosos, travando sempre que se encontravam, torneios de ditos, ou comentários, inocentes, ou motejadores, a propósito de tudo, ou de todos. Quando, certa ocasião, Ezequiel apresentou meu pai aos seus companheiros do Rio, nas mais apuradas rodas de espiritualidade boêmia, disseram-lhe:

— "Ezequiel, o teu tio saiu-nos melhor que a encomenda.

Ora, aconteceu que, em certa oportunidade, indo de Rezende à Côrte, postou-se meu pai à porta da célebre confeitaria Pascoal, da rua do Ouvidor, quando dêle se aproximou Guimarães Passos, autor do soneto "O Lenço", boêmio incorrigível e companheiro de Bilac:

— Oh! Freire você veio mesmo enviado pela Providência a meu encontro. Estou muito mal de saúde e obrigado a um tratamento dispendioso. Agora mesmo saio do médico, que me receitou um remédio para tomar às refeições.

Solícitamente meu pai indagou:

— Quer dizer que você está precisando de dinheiro para o remédio?

— Não, replicou o literato, dinheiro para o remédio já arranjei. O que me falta é o dinheiro para as refeições...

Em 1874 Ezequiel, muito embora já afeito às rodas literárias, se transferiu para S. Paulo, a fim de fazer o curso de direito, deixando a cargo de Manoel Carneiro a revisão das "Flores do Campo", que estavam sendo impressas no Rio.

Tem agora a palavra Lúcio de Mendonça, no seu livro de memórias, Horas do Bom Tempo: "Já de meados para fins de 1874 — há, pois, treze anos, ó tempo voador — chegava a S. Paulo Ezequiel Freire. Era ali bem pouco conhecido; eu mesmo, que sempre acompanhei a produção dos rapazes do meu tempo, apenas lera daquele umas duas, ou três composições avulsas no "Mosquito"; mas havia a favor de Ezequiel uma trombeta infatigável em apregoar-lhe o raro mérito original, o cunho de brasileirismo de seus versos... Era o Luz, o grande e inolvidável rapaz, que não era sòmente um rematado pândego, mas também um coração sensível à boa e verdadeira poesia. Seria por isso, ou por esta outra razão menos larga, — o Luz, como o Ezequiel, era de Rezende. Veio-me Ezequiel Freire apresentado por Manoel Carneiro, com quem eu fizera a melhor camaradagem da sala da redação da "República" para a do "Mosquito". Três dias foram — éramos companheiros de casa na república da Glória; e dali, para prova da rápida, mas completa

intimidade, respondíamos os dois à carta de Manoel Carneiro com outra em que cada um de nós alternadamente escrevia".

Dentre outros fastos dessa **república** refere Lúcio de Mendonça que Ezequiel, que ainda dava conta dos últimos preparatórios, era um namorador insaciável e emérito.

"Sempre me hei de lembrar, "com íntimos sorrisos dos esfor- "ços que êle aplicava para me "converter ao dandismo, a mim, "que fui tôda vida, desde meni- "no, um rapaz revêsso às elegân- "cias do vestuário. Que sábios "conselhos andaste a perder co- "migo, meu sábio Mentor!"

Passando algum tempo descobriram que ambos estavam namorando a mesma jovem dama e de comum acôrdo escreveram alternadamente os afamados versos do "Duo de Amor", transcritos por Machado de Assis na "Semana Ilustrada".

E prosseguem as "Horas do Bom Tempo": "Com a fragilidade de tôdas as construções daquela cidade, a república dispersou-se; eu fui com outro morar para o Largo de Santa Efigênia; Ezequiel tomou outro rumo. Entraram as férias e durante elas surpreendeu-me uma carta do amigo participando-me o casamento. Casou ainda estudante, e casado fêz todo o curso da Faculdade de Direito. Outras boas lembranças dêsse tempo são para mim as visitas à casa de Ezequiel, na Consolação; ali, eu, isolado de todos os meus, ia passar serões e domingos, e voltava para o meu quarto solitário com uma grande inveja do meu amigo, que já encontrara, como lá diz o Herculano do eterno Eurico, a estrêla polar de sua existência... Quando brilharia a minha?..."

Depois disso, lamenta Lúcio que o seu espirituoso e original amigo se afeiçoasse demasiado à botânica, "quando antes dela, cultivava o esporte e ia às vêzes, no seu bonito alazão, que êle montava tão bem, palestrar um quarto de hora no eremitério de Santa Efigênia".

"Fomo-nos, assim perdendo de vista, e, afinal, no dia da colação de meu grau acadêmico, o meu querido camarada faltou indignamente à minha **opa,** corrompido pelos encantos de uma orquídea singular, que lhe florescera nessa manhã, e que êle se ficara embevecido a contemplar, esquecido do último abraço que devia ao companheiro que se ia embora...".

Como se vê, essas memórias de Lúcio de Mendonça dão-nos o testemunho de que, mesmo na comunhão dos estudantes, a nota de distinção pessoal, de espírito, de originalidade e de elegância, nunca abandonou a personalidade inconfundível de Ezequiel Freire.

O CASAMENTO

Como Lúcio de Mendonça assinala em suas reminiscências, Ezequiel casou-se, ainda estudante de preparatórios. Seu matrimônio revestiu-se de circunstâncias excepcionais que atestam, em tôda rutilação, sua nobreza moral. Estudava com aperturas financeiras. Ainda sem posição e sem fortuna, não poderia apresentar à sua eleita senão os forais de sua ascendência e de sua formação pessoal.

Rendeu-se, porém, aos atrativos de D. Maria Adelaide de Araujo, filha do dr. Luís Ferreira de Araujo e D. Joaquina Angélica da Silva Araujo e neta do Barão de Tietê, resolvendo solicitar-lhe a mão de espôsa e, para isso, seu prévio consentimento.

Fê-lo em uma linda cartinha, que é um modêlo de fidalga distinção, de delicadeza de sentimentos e de nobre confiança na própria personalidade:

"D. Sinhá

"Sinto a ardente aspiração da felicidade na família; quero criar umas afeições sinceras e firmes, que me deêm a coragem de realizar as esperanças de minha vida.

"Se a Senhora me julga digno de merecer os bons afetos de seu coração; se tem confiança nas promessas de felicidade que lhe faço, consinta que eu vá pedi-la à sua boa Mamãe para minha esposa.

"Como garantia do meu caráter ofereço a minha mocidade sem uma única mancha.

"Reflicta muito, procure conhecer-me bem, e se corresponde ao afeto que lhe tenho, faça-me feliz, sim?

Ezequiel Freire".

Essa garantia de mocidade sem uma única mancha foi aceita por D. Sinhá e bem aceita, porque até à morte, em tôda a existência de Ezequiel, continuou a não haver uma única mancha.

Alberto Rangel foi um dos antigos e íntimos companheiros da roda beletrista de Ezequiel. Estando em 1942 no Rio de Janeiro teve oportunidade de encontrar-se, com o dr. Mário Freire, filho do poeta e engenheiro civil, que aqui está presente neste recinto, não só em pessoa, como na bela obra profissional, que é êste edifício da Biblioteca Municipal, construído sob sua alta direção e capacidade arquitetônica. Ezequiel outrora, encetara seus estudos superiores na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, interrompidos por fôrça maior. Dir-se-ia, contudo, que transmitira, por hereditariedade, essa vocação profissional, alçada a grandes eminências, pelo seu ilustre descendente.

Foi a êste que, então, Alberto Rangel revelou, em carta, ter escrito, suas memórias e haver, nelas, reservado dilatado capítulo sôbre Ezequiel:

"... Registei sôbre seu pai "chamada literária para consa- "gração definitiva do inefável "poeta que foi o Ezequiel, ins- "pirado até às unhas na graça "e beleza do interior de nossa "terra; quando soprava na flau- "ta maviosa todo o encanto da "roça e todo o perfume das flo- "res que afagava, colhidas no "sorriso das crianças e na pri- "mavera dos jardins".

Mário, informado nessa altura, de que Ezequiel não conhecia a histórica e primorosíssima cartinha do pedido de casamento, enviou-lhe uma cópia. Rangel respondeu-lhe:

"A carta de seu pai é o de- "licioso documento de uma al- "ma, que não sei como pôde vir "a êsse mundo, perfumando-o "de tão impregnante e sensível "olor. Se tudo o que relato nas "minhas pobres memórias em "relação ao querido Ezequiel "Freire pudesse ser pôsto em "dúvida, bastaria essa meia dú- "zia de linhas para significar- "lhe as alturas de sensibilida- "de, o que a sua alma continha "de refinado e do raro".

Resta-nos agora formular os votos para que os herdeiros do grande Alberto Rangel, grande no talento, grande nas letras, grande no infortúnio, não retardem a publicação de suas anunciadas memórias, para acrescentamento do precioso escrínio de nossa literatura, e do renome paterno, azando-nos mais de perto conhecer o seu desenvolvido testemunho sôbre os méritos de Ezequiel.

Foi, pois, com aquela encantadora missivinha, fiel fotografia da elevação de sua alma e de seu caráter, que Ezequiel começou a constituir um lar, abençoado por Deus.

Seu noivado provocou, entretanto, no seio de sua família certa oposição, não ao casamento em si, mas à sua oportunidade. Ha-

via receio de que viesse a interromper o curso de seus estudos e da sua formatura. Ezequiel partiu, então, para o Rio e para Rezende, a fim de clarear o ambiente perturbado, por via de franco entendimento, que afastasse as nuvens de qualquer desinteligência.

Há dessa viagem duas cartas, dois marcos de retidão e de caráter, ambas escritas à já então sua estremecida noiva, Sinhá e que tocam muito aos meus sentimentos de filho, pelas honrosas referências que contêm sôbre meu pai, o João Freire nelas mencionado.

Vejamos a primeira:

"RIO, 9 de março. Sinhá. — Cheguei à Côrte com boa viagem; tivemos excelente mar, o que me permitiu pensar muito em você. Aqui encontrei o João Freire em viagem para S. Paulo, onde ia ver-me e falar com tua família sôbre o nosso casamento. O João é sempre a mesma grande alma, da qual tanto conversei contigo. Êle, assim como meu pai, pensa com muito amor no teu futuro e no meu. Podes confiar absolutamente sôbre minha afeição por você. Qualquer que tenha de ser o nosso futuro, aceito-o.

Não tenho mêdo da pobreza e quero que te acostumes desde já a essa idéia, para que não te desilusiones mais tarde. Fala-me de tuas saudades, receios e esperanças... Teu Zeca."

"Não tenho mêdo da pobreza e quero que te acostumes desde já a essa idéia, para que não te desilusiones mais tarde". Não sei qual dos dois foi maior em nobreza de atitudes; se o noivo, que, no retilíneo de seu caráter, não escondia à sua fidalga noiva a perspectiva da pobreza; ou se a noiva, confiando sem vacilações nessa retilineidade moral, que, para ela, valia muito mais do que a perspectiva da pobreza.

Leiamos agora a segunda carta, escrita da fazenda:

"Boa Vista, 12 de março.

Sinhá.

Isto de querer bem uma criatura é um suplício quando a gente está longe. Como te disse, encontrei na Côrte o João Freire, que ia me ver a S. Paulo; demorei-me lá três dias. Cheguei ontem a esta velha casa de meus pais; foi uma festinha de família, uma alegria sincera pela minha volta. Encontrei sempre os mesmos os três amigos que eu tinha: Papai, o Jocundino, e o João. O silêncio dêles era o grande mêdo de nosso futuro; nós, crianças, inexperientes, como havíamos de sofrer se ficássemos desamparados! E' o mêdo que êles tinham. Eu sei que tua afeição basta à alegria de minha vida, e que, com um pouco de resignação e de trabalho, a tristeza não nos entraria em casa; êles, porém, que mais têm sofrido e que já passaram por muitos dissabores da vida, olham o mundo com desconfiança e creem que não basta a bondade do coração e o amor das crianças para a felicidade. Depois que lhes disse qual seria a nossa vida e as boas intenções que tenho de trabalhar sèriamente, sossegaram todos. São muito teus amigos e cada vez me estimam mais".

Assim, com harmonia e anuência de todos, casaram-se Ezequiel e Sinhá.

CRISPINIANO

O casamento de Ezequiel foi um divisor de águas, que partiu, de um modo geral, a sua existência em dois ciclos: o ciclo da Boa Vista, no período de solteiro, ou de formação, e o ciclo da Consolação, no período de casado, ou de organização definitiva. De seu lar fêz um modêlo perfeito para

tôda essa florescência de lares felizes de sua venturosa progênie. De sua vida intensamente afetiva participa, com lugar de especial relêvo, seu irmão mais moço, Crispiniano, aquêle de quem foi guia e amparo e a quem acompanhou à estação ferroviária de Araras, na histórica manhã em que, apreensivamente, lhe entregou o bilhete de partida para o próprio destino...

Na correspondência entre ambos, — como em geral em todo epistolário íntimo de Ezequiel, — reponta sempre, com a frescura de águas nascentes, o veio do chiste e da graça, com o mesmo espontâneo humorismo de suas produções literárias. Há muitos incidentes, acentuadamente íntimos, que vamos desvendar com o só propósito de atestá-lo em todos os fatos de sua vida pública e particular. A veia jovial de Ezequiel, dar-no-lo-ia, só ela, matéria e tema para encantar, de interêsse e de atração, uma conferência inteira.

Crispiniano, saindo a correr mundo, dera de frente com a estrada do casamento e contratara seu enlace em Jaú, quando ali juiz municipal, com a donairosa e gentil D. Minervina. Entretanto, só depois de dado êsse passo é que consultou o irmão mais velho. Com o espírito de seu gênio brincalhão, respondeu-lhe Ezequiel: "Meu Caro Crispiniano. Isto de casamento é como no Direito Romano, se é jus constituto, nesse caso, já não está aqui quem falou. E' o nosso caso. Sabes perfeitamente que nada tenho com tua vida, senão para desejar-te felicidades; ora, como adoentaste de amor e nêle fazes constituir a tua dita, muitas venturas peço a Cupido que te ponha em casa e também muitos filhos, (no que foi profeta) para que a nossa boa raça não se acabe tão cêdo.

"Quanto às alterações do nosso modo de viver, dar-se-á apenas esta: que envez de pôr no quarto de hóspedes da casa nova (refere-se à da rua Araujo 19) uma cama de solteiro, porei uma de casado; de modo que, quando a futura e naturalmente gentil mana quiser vir ver S. Paulo, tenha uma instalação cômoda. Não me esquecerei do jasmineiro engrinaldando a janela. O jardim novo já está feito e ela poderá todos os dias dar o bom dia às rosas.

Vejo pelo tom das tuas cartas que estás com o moral surmonté pelo passarinho verde que voou dos olhos da tua escolhida; é uma quadra da vida, em que nada nos abala, nem siquer a rabujice dos que pretendem ajuizados. Façavos Deus felizes — Do Zeca. Sinhá subscreve a última frase: "Faça-vos Deus felizes".

Casou-se o Crispiniano, tendo por padrinho Ezequiel, representado por procurador. Algum tempo depois entendeu de encaminhar um molecote de Jaú, de nome Laurentiniano, comilão e preguiçoso, para S. Paulo, por intermédio do padrinho.

Êste incidente provocou uma das mais zombeteiras cartas, do arquivo ezequeliano, escrita em tinta vermelha:

"Meu caro Prischim. — Tive eu "carradas de razão, quando disse "que não andavas "em estado de "deliberar", e agora acrescento "que contagiaste dêsse mal o ju-"dicioso espírito da Mana. Pois "foi por parecer dela que reme-"teste o Laurentiniano (que den-"tro desta te devolvo) com a "agravante de lhe dares 20$000, "os quais agravantìssimamente "lembraste de dizer que lhos des-"te por minha conta: Passa fora, "insensato! Pois quem te disse "que era de gente de juízo — um, "remeter, e outro, aceitar — dois "comedores por um só trabalha-"dor? Pois não sabes como a gen-"te aqui vive, e que a alimenta-"ção do moleque custa pelo me-

"nos 15$000? E que idéia é essa "de imaginar que isto aqui é uma "fazenda? Porque não disseste ao "Laurentiniano que aqui eu pa- "gava 15$000 pelo Malaquias, que "tanto pago agora pelo excelente "Lúcio, que o substituiu? Que to- "lice essa de entender que o Lau- "rentiniano pode se alojar por "dois, e comer por dois, traba- "lhando por um (-)? Aqui te de- "volvo o molenguíssimo jauano "adotivo, com o prazer de lhe ha- "ver dado 20$ para a volta. De- "balde quis empregá-lo aqui. Não "há outro insensato e ninguém "quer um empregado inconha... "P'ra sempre — Zeca". (Inconha "é uma fruta xifópaga revestida "de um só envólucro. Assim, a "banana inconha. A referência, "naturalmente, é ao apetite inco- "nha do Laurentiniano...)

Crispiniano, conservador, continuava em Jaú e cuidava de sua promoção, quando estourou a República. Naturalmente escreveu a Ezequiel, que se filiara ao Partido Republicano antes de 15 de novembro, manifestando seus receios. Com a ironia e o chiste habituais, na crítica dos acontecimentos, responde-lhe Ezequiel em 26 de novembro:

"Meu caro Crispim. Já deves "estar descansado dos sustos re- "volucionários. O que eu te diria "é — adere — e nesse sentido "oficia ao Govêrno Provisório, "louvando o tato administrativo, "e te congratulando com o Esta- "do por ver o seu govêrno confia- "do a cidadãos tão idôneos, etc., "etc. e tal pontinhos. Vou passar "com o Alfredo (Elis) algum "tempo. Foi o diabo lhe haveres "recusado o voto para o Pruden- "te (de Morais). Não se bulirá "contigo e terás oportuna promo- "ção — se El-Rei D. Sebastião "não ressuscitar — Amen."

Contou-me, ainda recentemente a distintíssima D. Minervina, — que se impressionou profundamente, desde a primeira vez, após casada, que visitara os estimadíssimos cunhados com o gôsto artístico dos arranjos da casa tôda. A sala de visitas sempre enfeitada de flores. Zulmira era a floreira, que tinha também o encargo de, na hora do almôço e do jantar, trazer um ramalhete de violetas, ou amor-perfeito, para colocar à lapela de Ezequiel. Era êste muito severo no exigir boas maneiras dos filhos na mesa. Logo ao primeiro almôço, como Crispiniano, com um pé inflamado, aparecesse calçado com um chinelo "cara de gato" — Ezequiel não consentiu e ordenou:

— Volte, seu Crispim, tire o chinelo, calce sapato, ou botina, e venha em ordem para a mesa... Se quiser, torne a calçar o chinelo.

O PERENE IDÍLIO

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Quantos conheceram o lar de Ezequiel tantos são os que se maravilharam da linda harmonia de seu conjunto: um constante e admirável ninho exterior de bom gôsto, de distinção, de originalidade, e ninho interior de carinhosas afeições, de amor conjugal, de amor filial e de amizade. Sem dúvida, a construção e a longa sobrevivência dêsse ninho seriam irrealizáveis se não fôra a tríplice afinidade de coração, de alma e de caráter entre Ezequiel e Sinhá. Nessa identificação completa, nesse perfeito e mútuo entendimento entre aquelas duas criaturas privilegiadas, está o segrêdo da organização sem par, do modêlo imperecível e da perene ventura daquela família. Sinhá era uma mulher superior e forte. Sua fortaleza compunha-se de doçura e de bondade, de dedicação e de zêlo, de solicitude, de renúncia, de abnegação e de sacrifício, que tantos anos testemunhei no doce reinado de suas virtudes sem limites e sem confins.

Ela compreendeu integralmente, até o âmago da alma, tôdas as delicadezas do afeto, todos os valores do espírito, tôda a fidalguia dos ideais do cavalheiro medieval a que ligara o seu destino.

Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Tancredo do Amaral, Wenceslau de Queiroz, Reinaldo Porchat, — para citar só alguns — já definiram e caracterizaram o prisma de distinção da individualidade e da polidez de Ezequiel. O apreço em que o tinham os mais apurados círculos da sociedade encontrou uma grande expressão exponencial no elevado grau de interêsse, de respeito e de afetuosa estima, que lhe tributava D. Veridiana Prado, então, a mais eminente realeza de nossos salões.

A isso tudo, que já o sabeis, acrescento agora o que talvez não saibais ainda: a vida conjugal de Ezequiel. no transcurso de sua duração, do noivado à separação pela morte, foi um perene idílio, simples, meigo e quase aldeão. Centenares de cartas escreveu à D. Sinhá em suas ausências forçadas de convalescença, ou de repouso. Eram sempre diárias e, freqüentemente, duas, ou mais por dia. Na mor parte delas não há indicação nem do lugar, nem do ano, que a destinatária conhecia. Cada uma, todavia, contém a renovação perpétua da mesma declaração de um inesgotável afeto, com a mesma doçura de uma lua de mel, que os anos não extinguiram, mas, antes, edulcoraram mais.

O aderêço primoroso do pedido, que foi o alfa de seu casamento, já o conhecemos. Passemos, então, a ler agora alguns trechos de cartas suas à dileta espôsa, escritas em Caçapava, no ano de 1891, o omega de sua vida.

Caçapava (sem data).

"Tenho sentido Zulmira não me "escrever, e se ela não está doente, não a desculpo. Já comprei "um carneiro gordo para o jan- "tar do dia de teus anos; há de "ser a primeira festa em nossa "casa. Hei de ficar muito con- "tente de te abraçar. Eu te que- "ro muito bem; e você!" Zeca.

(Sem data) "Adeus. Tenho-te "escrito e aos filhos todos os dias "e não quero que passem dias sem "escrever-me".

(Sem data) "Estás agora com "a preocupação de N. Senhora da "Aparecida, como se N. Senhora "se ocupasse em punir os mari- "dos dos anjos como tu és".

Carta Bilhete —Caçapava, 23 de junho. Sinhá, Zulmira, Mário, Alice, Juca, Mamãe, Taiota, Migué, Inácia, Canário, Flores, Quadros, Casa e Rua. Saudades do Ausente".

(Sem data) — ... Mil beijos para ti, dos quais tira quatro para os filhinhos, ficam-te 996, não chegam? Teu do coração, Zeca".

Colhamos a seguir, no vasto epistolário íntimo, de épocas diversas, outros tópicos esparsos:

— "Araras é muito alegre, mas a tua presença será o sol dêste céu, (para mim) e as crianças serão a passarinhada que povoará de gorgeios êstes ares. Dizme quando vens e escreve-me todos os dias".

— Sant'Ana dos Tocos — 19 de abril — "Querida Sinhá — Escrevo-te às pressas para aproveitar o canoeiro que está a partir... Continuo a passar ótimamente... Adeus: já colhi o nosso vetíver. Beijo-te no cantinho da orelha esquerda. Abraço aos Filhinhos. Até logo — Zeca.

— "Sant'Ana dos Tocos. Querida Sinhá — Estou aqui numa insipidez que doi como a fealdade de D... fulana... Tonico foi à caça com papai; Artur deitou-se com dor de dentes e dormiu; Jocundino foi à roça, D. Mariquinha está comendo brôa portuguesa com chá preto e eu aqui, só, triste e aborrecido... E a pri-

morosa pessoa de V. Excia. como passa? Seu sensitivo coração como está? Saudoso, triste, batendo forte ou fraco? E pensa em mim? Suplico a V. Excia. queira ter saudades minhas, dar muitos beijos em nossos filhinhos e lembranças e saudades à sua boa mãe. Porque é que V. Excia. não me tem escrito? Seu maridinho, Zeca".

— "S. José dos Campos, abril, 22. Sinhá. Dos pouquíssimos prazeres que eu poderia agora ter, seria o maior e o melhor receber algumas palavras suas. Ezequiel".

— "Rio, 29 — Esta te escrevo cumprindo assim a promessa de escrever-te todos os dias, de modo que só deixarás de receber notícias minhas por motivos do correio... Diz à Zulmira que lhe levarei uma linda flecha para os cabelos. Ao Mário dirás que vigie bem o trato do Rigoleto, e à Alice que não deixe murcharem as plantinhas da sala. A ti dirás que continue tendo muitas saudades de quem muito as tem de ti".

— "Jaguara (Araxá) Escrevote hoje aqui de Jaguara, pela 2.ª vez.

— "Araxá, fevereiro 28. O Juca Porfírio, que partiu ontem, leva-te duas cartas minhas; mas apesar disso não resisto à tentação de te escrever mais esta, e, pois, levanto-me às 10 horas da noite para mandar-te as minhas saudades no último dia do mês... Zeca".

— "Rio, 29 — Out. 1883 — Sra. D. Adelaide. Como vai o seu coraçãozinho? Triste? Alegre? Consolado? Com desconfôrto ou resignação? Tem-se alegrado muito com minhas cartas todos os dias?".

— "Tatuí, 2 de abril — ... Agradeço as suas balas. São doces como você".

— "6-5-88 — Minha Sinhá... Devo aproveitar muito o tempo aqui e restituir gordo e forte o teu bom maridinho, (?) no 13.o aniversário do teu felicíssimo (Hum! hum!) consórcio... Adeus. Dai-me notícias de nossa casa (gente) — Teu Zeca".

Sem indicação. "Minha querida Sinhá... Hoje de manhã, saindo a passeio, entrei em uma Igreja, onde havia missa de 7.o dia de um músico, que foi sepultado no dia em que cheguei; durante a missa tocaram um solo de oficlide, tão triste, que não pude resistir, e desatei a chorar de saudade de vocês. Enxuguei as lágrimas neste lencinho que hoje mesmo comprara; vê como êle está todo manchado. Vai com êle o coração saudoso do teu Zeca".

O JOÃO FREIRE

Minhas senhoras e meus senhores. Não sei se tínheis ciência de outro idílio matrimonial assim, sem nunca ressentir-se do rodar dos anos, rorejados, até o remate da morte, com a mesma fresca orvalhada do dia em que nasceu.

Com tais circunstâncias compreenderia, porém, os porquês da seguinte carta que meu pai, João Batista Freire, com a autoridade de tio e comprovado amigo, endereçou a Ezequiel, quando juiz municipal em Araras:

"N/casa (em S. José) 23 de setembro de 1884.

"Ezequiel — Cumpro um dever "de amizade escrevendo-te esta, "embora destôe dos teus outros "amigos, de cuja amizade nem de "leve duvido.

"Acabo de saber por teu Pai, "que aqui veio hoje ver o n/en-"genho de cana, que tiveste con-"vite do Carneiro (Manuel Car-"neiro) para substituir o Serra "(Joaquim Serra) nos Tópicos, "(Seção da "Gazeta de Notícias") "com o ordenado de 400$ e que "não foste por empenho dos teus, "que até procuraram a interven-

"ção de teu Pai para te dissua-
"dir.

"Ontem à noite estive eu con-
"versando com o Luz sôbre o teu
"talento que lá estava sepultado
"em Araras sem mostrares o que
"de ti se esperava — Hoje ouço
"de teu Pai que recusaste subs-
"tituir o laureado Serra, sendo
"você julgado digno de o fazer
"por pessoas que entendem da
"matéria — Pois que é isso? Pre-
"feres vegetar miseràvelmente
"tôda a vida nas Araras com uns
"miseráveis Rs. de ordenado, es-
"terilizando a inteligência que
"se embotará no tédio dos mais
"vulgares despachos? Perdes a
"única ocasião talvez de te en-
"caminhares no verdadeiro rumo
"em que tua vocação fará bri-
"lhar os teus talentos? Acho que
"fazes mal — Pois, seu Zeca, não
"tens mais aspirações? Que é de
"teus sonhos de glória? Já não
"vales nada? Como a família às
"vêzes amesquinha a gente... O
"que te impede de ir? Gozas tan-
"ta saúde na Côrte e o Corcova-
"do já tem estrada de ferro. O
"ordenado é bom. A Emprêsa
"mostra-se garantida. Há tanta
"atualidade e assuntos de fazer
"sobressair. O Carneiro de certo
"estava contando contigo quando
"deixou sair o Serra. — Estavas
"de acôrdo e faltas? Pensa um
"instante e lembra-te que a luta
"é o elemento das grandes almas.

"Não penses que te escrevo a
"esmo. Bem sei que vou magoar
"os teus, cuja amizade tanto pre-
"zo. Sei também que se te acha-
"res mal queixar-te-ás amarga-
"gamente de mim e eu sofrerei
"com isso. Mas, quand-mêmo,
"cumpro meu dever e digo-te:
"vai, corre, voa e faz-te gente —
"Adeus: recebe um abraço do teu
"verdadeiro

João Batista Freire

Recomenda-me muito à tua gente."

Essa atitude de meu pai decorre de sua confiança ilimitada no futuro e na carreira de Ezequiel. Queria vê-lo em culminâncias solares, e arrancá-lo da penumbra, que embrumava, no interior provinciano, as rutilações de seu talento.

Ezequiel, entretanto, já se libertara das primitivas seduções pelo esplendor da conquista literária. Estabilizara-se-lhe o pequeno mundo da família em afeições imarcessíveis. E a glória serena de seu lar amorteceu as antigas chamas do conquistador da glória literária.

Mas meu pai deixou naquela carta um testemunho que sua alma, nobre, leal e retilínea, ascendia à mesma elevação da alma de Ezequiel, como êste o escrevera à D. Sinhá:

"O João é sempre a mesma grande alma, da qual tanto conversei contigo". Mas que paga maior, diria Vieira, para um coração honrado, que ter feito o que devia? Meu pai também morreu cêdo e inesperadamente. Como Ezequiel, não pôde concluir o seu destino. Uma noite tombou, inocente e sem se saber porquê, no vilipêndio e na caçada humana de um álgido assassínio político. Permita-me, então, êste centenário de Ezequiel, quando eu os encontro, ambos com seus caracteres de ouro e de aço, unidos, pela mesma nobreza, nas paragens do passado, que, com o mesmo sentimento de justiça, reverencia a memória paterna, relembrando, hoje, na minha velhice, as mesmas palavras que pela imprensa, escrevi em moço, fulminando o crime monstruoso:

"Pode colher-se ,meu pai, qualquer época de tua vida e fazer nela incidir de chapa a luz meridiana. A posteridade, não verá a mínima discrepância, o menor desaprumo, o mais breve desvio. Foste um generoso homem de bem na tua vida agitadíssima, porfiadíssima, tantas vêzes nos galarins da fortuna e outras tan-

tas nas ventanias da adversidade, mas com uma conduta sempre digna, desde o primeiro abrir de tuas pupilas, até a última imagem de tua retina. Assim, depois de mil esbrazeadas lutas, podias, no dezembro de teus cabelos brancos, estender firmemente a mão honrada a teus amigos.

"O mundo vive mesmo de incoerência em incoerência, na promiscuidade da grandeza de uns e da miséria dos demais, ora rolando até a paixão do sangue, ora galgando até o azul do céu, hoje tornando-se abjeto, amanhã fazendo-se imortal, agora verme, e mais tarde estrêla.

"Nesta esplanada, meu pai, esmaguei o verme para não desmerecer o brilho à tua estrêla".

O TÚMULO QUE CHORA

Minhas senhoras e meus senhores.

Ezequiel Freire faleceu em 14 de novembro de 1891. Doze dias antes, em 2 de novembro, data em que a liturgia da Igreja Cristã cultua os mortos, distribuira às pessoas de sua maior amizade aquêle inesperado cartão negro, tauxiado em prata, que Almeida Júnior lhe trouxera da Europa, e que era uma impressionante mensagem do pressentimento de sua morte, a todos rogando lhe rezassem, por conta de maior quantia, um Padre Nosso e uma Ave Maria. Rememoro êste fato, que ninguém desconheceu, para ter oportunidade de divulgar a tocante resposta, que lhe enviou a excelsa dona Viridiana Prado. E' uma missiva emocional, cheia de afeição e espiritualidade, que retraça a sinceridade e a sensibilidade de sua signatária:

"S. Paulo, 4 de novembro de 1891

Meu presado e lembrado Compadre

Recebi o triste bilhete que me mandou o qual me comoveu muito e muito! Meu pobre e infeliz amigo! para que entregar-se a idéias tão desanimadoras? quantas e quantas vezes tem perdido as esperanças e logo depois fica mais forte que antes? Se tivesse uma moléstia mortal não teria resistido. O que lhe falta é a fé e a coragem para oferecer os seus sofrimentos a Deus, que nunca abandona aos que só nêle confiam. Ao receber o seu bilhete senti uma infinita dôr e a mais dolorosa saudade... Mandei à casa de Da. Joaquininha perguntar notícias suas, porém infelizmente não acharam com quem falar; peço-lhe que mande qualquer pessôa escrever-me, dando-me noticias suas e da minha boa e santa Comadre. Todos de casa temos rezado por si; possam ser ouvidas as nossas preces! Não tenho palavras com que lhe possa explicar o que senti ao ler aquêle bilhete... nem sequer tive animo para responder logo. Anciosa espero noticias... terá tido alguma novidade? responda-me logo por favor. Peregrinos n'esta terra de exilio, nos tornaremos a encontrar na Patria Celeste. Tal é a minha crença e deve ser a sua. Receba um apertado e saudoso abraço de quem é com a mais sincera amizade

Sua velha e afetuosíssima amiga e Comadre

Viridiana".

Dir-se-ia que, através dessa página íntima, D. Viridiana envergara o uniforme de dama de caridade, junto da cabeceira de um ente querido, para ministrar-lhe, com a magia do carinho, bálsamos espirituais, lenidores dos sofrimentos ocultos de um alto espírito, e oferecer-lhe aos lábios ressequidos a água eterna, colhida na fonte sobrenatural d'Aquêle que é a Verdade, o Caminho e a Vida.

Mas a morte de Ezequiel viria breve, imprevista e inesperada. Viria como um dêsses ocasos rápidos e violentos do nosso hemisfério, em que o dia desaparece, numa explosão de luz sanguínea, sùbitamente, na barra do horizonte, para ceder, de brusco, o lugar à noite ascendente para o céu. Ao contrário, mais tarde, a morte de Sinhá demoraria em um longo crepúsculo, em um ocaso lento, como os do hemisfério norte, em que o dia vai agonizando, suave e mansamente, na claridade que devagar se esvai e se escurece, e a gente nem sabe quando acaba a reverberação esmaecente do sol e quando principia a lucilação crepitada das estrêlas.

A êsses ocasos, entretanto, não se seguiram noites escuras. Seguiu-se o plenilúnio da saudade, aveludado, compassivo e bom, com a poesia celeste e infinita daquele perene idílio de duas criaturas que tanto se entreamaram, um dêsses plenilúnios, tranqüilos e profundos, em que, imersa na luminosidade e na doçura opalina, a terra é menos terra, enquanto, na transparência e na pureza da atmosfera, o céu é mais céu, o azul é mais azul, as estrêlas são mais estrêlas...

Que feliz inspiração a de construir-se o túmulo de Ezequiel todo de alabastro branco de Carrara, — como se fôsse uma petrificação daquele luar, operada no ponto mesmo que, por circunstâncias singulares, êle próprio escolheu.

Com efeito, pouco tempo antes de falecer, numa visita ao cemitério de Caçapava, em companhia do Vigário da Paróquia, o Cônego Rodovalho, a quem bastante se afeiçoara, Ezequiel mostrou-lhe um cantinho, debaixo de uma casuarina, declarando-lhe:

— "Se eu viesse a morrer em Caçapava, desejaria ser enterrado aqui". Eis porque foi enterrado à sombra silenciosa daquela casuarina.

Mais tarde cortaram essa árvore. Sôbre o sepulcro do poeta, substituindo a curva da ramagem verde, arqueou-se, então, no espaço livre, a curva do azul.

Entretanto, embora não restasse no alto do monumento, uma só fôlha, de onde pudesse cair qualquer orvalho, com o tempo começaram a notar os visitantes do cemitério um gotejamento de água cristalina, a escorrer pelas faces do seu mármore, sem que se pudesse e se possa até hoje determinar a origem dessa exsudação. Formaram-se crenças populares sôbre as virtudes heróicas do poeta. Vieram romarias e preces em tôrno do túmulo que chora, e êste já mereceu duas primorosas crônicas de Francisco Pati, com o vivo colorido de seu estilo correntio e de sua imaginação criadora.

Haverá, acaso, qualquer correlação entre a sublimada existência do poeta e as lágrimas de seu sepulcro?

Certa feita, em 1937, acompanhei Monteiro Lobato numa excursão a Belo Horizonte, quando no auge de sua campanha cívica pelo petróleo. Na capital mineira, como em todo o Brasil, sua popularidade, dentro do cosmos juvenil, assumia proporções quase lendárias. Os lares desertavam-se de suas crianças e de suas juventudes, que saíam, em delírio crescente, para as aclamações ao genial criador da nossa literatura infantil. Chegou o dia da recepção no Ginásio Mineiro. Ali, o entusiasmo atingiu ao apogeu, com a participação de milhares de crianças. Ovações cristalinas explodiam como a chilreada matutina dos pardais. Estonteado entre as flores, as palmas, os vivas, a eloqüência dos seus discursos, os pedidos de autógrafos, a alegria dos tumultos infantis, nesse oceano de alaridos incom-

paráveis, a emotividade de Monteiro Lobato, no centro daquele mundo que era o seu mundo, o empolgou e o traiu. Para agradecer ao clamor daquela consagração sem par, levantou-se. Mas permaneceu em mudez. A comoção travara-lhe a garganta. Palpitaram-lhe os lábios, que, debalde, queriam proferir alguma coisa. Enguliu as primeiras lágrimas. Depois não as conteve mais: rebentavam-lhe dos olhos e caíam como punhos pelas faces trêmulas. Diante disso, todos calaram-se.

Cessa o marulho ensurdecedor das crianças. Dá-se o milagre do silêncio infantil, repentino e absoluto. Pode-se ouvir no recinto o sussurro de vôo de um inseto.

Afinal, num máximo esfôrço de recuperação do próprio domínio, o grande escritor consegue, entrecortadamente e enternecidamente, balbuciar estas únicas palavras, tão singelas e tão poucas, mas que diziam tudo.

— "Vocês estão vendo? Não são só as crianças que choram. Gente grande também chora!"

Sim, é verdade, minhas senhoras e meus senhores. A gente grande as coisas grandes também choram, quando tocadas pela emoção e pela beleza do ideal. Vêde Ezequiel: amou até o fim, como supremo ideal, em sua existência inteira, a alma de sua gente e o coração de sua terra. Amou-os sempre, com o magnetizar tôdas as suas produções pelo polo luminoso e pelo imã incoercível de seu brasileirismo.

Por isso agora, em uma página telúrica de reciprocidade afetiva, através do formoso e tocante episódio do túmulo de Caçapava, banhado de misterioso orvalho, estamos vendo que não é só a gente grande de sua Pátria que o chora, há consagração comovida da posteridade; chora-o também, lá no regaço de sua sepultura, o coração silente da Terra Mater, com as lágrimas que pungem de seus veios profundos e que afloram e gotejam pela brancura do mármore de Carrara...

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A sessão semanal de 25 de Novembro de 1950 — A nova sede da Academia Paulista de Letras

Na sessão semanal de 25 de novembro de 1950 o Sr. Cláudio de Souza, de volta de São Paulo, comunicou haver visitado as obras do grande edifício que a Academia Paulista de Letras está construindo, para sua sede, em terreno que lhe foi doado pelo Govêrno do Estado. Fêz essa visita a convite e em companhia do devotado Secretário perpétuo daquela Academia, o escritor René Thiollier, a cujo zêlo e a cuja dedicação muito deve aquêle instituto. O prédio está quase terminado, nos seus muitos andares de amplos salões, todos envidraçados, oferecendo a vista surpreendente da enorme cidade, que se estende com uma impetuosidade de invasão de água baixada, que ontem era apenas, várzea e lodo, e que a energia tradicional da pujante raça bandeirante em pouco transformou em bairros residenciais, com belos parques e encantadora arquitetura. Do alto da sede da Academia descortina-se quase todo São Paulo, e todo São Paulo, por sua vez, avista uma das sedes maiores de sua cultura e de sua arte.

O imponente salão nobre de conferências e de sessões magnas tem uma lotação que lhe permite receber assistência numerosíssima. O salão de banquetes e festas oficiais, assim como o que será dedicado a representações

teatrais, ocupam andares inteiros.

A sede será inaugurada em começo do próximo ano, e na sua sessão inaugural será prestada especial homenagem a seu fundador Doutor J. J. de Carvalho.

Sendo êste ano o do centenário do nascimento dêsse fundador, a Academia Paulista dirigiu-se à Câmara Municipal, pedindo que fôsse dado seu nome a uma das ruas da cidade.

Nenhuma homenagem será mais justa do que essa, pois, como fundador da Academia Paulista de Letras, o dr. J. J. de Carvalho prestou à cultura paulista inesquecível serviço, que hoje, graças à atual diretoria, e especialmente a seu presidente Dr. Altino Arantes e a seu Tesoureiro Dr. Gofredo T. da Silva Teles e a seu secretário perpétuo Dr. René Thiollier, se consolida numa sede pomposa, e digna de admiração, como um palácio das letras e das artes. Na bela e ampla biblioteca do palacete de sua residência, o grande poeta Aristeo Seixas, que é também um vernaculista de autoridade, recordava com o orador, em afetuosa palestra, o quanto sofrera o fundador da Academia, da crítica dos malévolos, da indiferença dos benévolos e do despeito dos que não haviam sido chamados para aquelas limitadas 40 cadeiras. O tempo correu, a idéia triunfou e justas são tôdas as homenagens que aquela Academia prestar à memória de seu fundador, em nobilíssima expressão de reconhemento.

UM QUARTO DE SÉCULO DA BIBLIOTECA

Magnífica exposição está realizando a Biblioteca Municipal, no seu saguão, por motivo do 25.o aniversário de sua fundação. Trata-se de uma exposição precisa, expressiva e clara: mapas e gráficos originais, com números e índices eloquentes. 372.534 livros lidos em 1950 nos seus salões; 158.346 lidos em casa, retirados da Bilbioteca Circulante. Iniciando a sua existência em 1926, no prédio onde funciona hoje o Tribunal Regional Eleitoral, à rua 7 de Abril, com 20.000 volumes, a Biblioteca possui hoje dez vêzes mais que êsse número.

O interêsse do público cresceu três vêzes mais em oito anos apenas: em 1943 foram lidos 175.000 livros; em 1950, mais de 530.000 (na Biblioteca e em casa do leitor). Isto demonstra que o apoio da administração pública às coisas da inteligência, encontra — ao contrário do que se pensa comumente — beneficiários nos estudantes e em todos os que se interessam pela leitura sã e instrutiva. Com efeito, desde que a Biblioteca está instalada em prédio com todos os requisitos técnicos, desde que se criou o serviço de leitura a domicílio, os leitores acorreram em massa para ela. Há dias em que se fazem filas à espera de lugares nas salas de leitura, que já são poucos; e em que os funcionários da Biblioteca Circulante desdobram-se para atender aos pedidos. Isto tudo mostra que há necessidade de se acelerarem os serviços das quatro bibliotecas de bairro há mais de um ano projetadas.

Dos gráficos da exposição, é sumamente curioso um que dá os campeões de leitura em 1950. São êles os seguintes na ordem de retirada de livros da Biblioteca Circulante: d. Felícia Fischer, de 46 anos, de prendas domésticas — 185 volumes; Aníbal Fernandes, de 16 anos, estudante — 181 volumes; Voroslava Kostin, de 27 anos, de prendas domésticas — 146 volumes; Anita Brochova, com 36 anos, comerciária — 145 volumes; e Maurício Tragtenberg, de 20 anos, mecânico — 108 volumes. E' confortador verificar

que leitores das mais diferentes idades e profissões se equivalem no seu interêsse pelo livro. E se fôsse instituído, um prêmio aos campeões?

DISCURSO DO SR. ALTINO ARANTES EM RIBEIRÃO PRETO, EM 25-1-1951

Ainda desta vez cabe-me a honra, de que muito me desvanece, de ser o intérprete do pensamento de Da. Sinhá Junqueira. E faço-o nesta faustosa e grata ocorrência para expressar ao povo de Ribeirão Preto, aqui representado brilhantemente em tôdas as suas classes sociais, a sua imensa, imorredoura gratidão por esta imponente homenagem com que, generosamente, entendeu de enaltecê-la e distingui-la.

Se a concessão pelo Govêrno da República do diploma do Mérito Nacional tocou-lhe profundamente a alma, — esta festa, a que se associam delegações das cidades vizinhas, fala-lhe ao coração a linguagem que mais eloquente e mais compreensiva lhe é: a linguagem sincera e comovida das suas mais caras afeições e das suas mais fundas reminiscências.

Afeições de parentes, de amigos, de conterrâneos ou de simples conhecidos; recordações de um passado que é de ontem e que vive e lateja no seu coração, evocando nêle, pela saudade que é "a invisível presença dos ausentes", a vida singela e tranqüila — tôda feita de honradez e de trabalho — que ela e seu querido espôso, o Cel. Francisco Maximiano Junqueira, levaram na soledade da fazenda da Serra, cooperando com o seu esfôrço cotidiano para que o infindo marfalho verdejante dos cafezais se estendesse pelas encostas do Baixadão e do Resfriado ,e mais longe, pelas matas virgens do Turvo e do Baguassú. Se dêsse trabalho aturado por longos anos resultaram vantagens para os municípios de Ribeirão Preto e de Barretos e, por via de consequência, para a grandeza agrícola do Estado; quis a Providência que dêle viessem a sobrar os haveres que constituiram a primeira base da fortuna do casal e que, mais tarde, lhe facultaram a aquisição da fazenda S. Geraldo, a instalação e o desenvolvimento da Usina Junqueira que é, sem favor, um dos legítimos padrões da riqueza industrial de S. Paulo.

O animador, o fautor máximo dêsses empreendimentos foi (seria injusto esquecê-lo) o Cel. Quito Junqueira, cuja visão e cujo tino administrativo, vencendo dificuldades de tôda ordem, lograram conduzir a têrmo feliz a arrojada iniciativa.

Deus abençoou-lhe o labor, a coragem e a constância; e, assim, pôde êle legar à sua dedicada companheira de todos os dias e de tôdas as horas, da boa e da má fortuna, a possibilidade de estar ela hoje realizando as múltiplas obras de assistência social que os ilustres oradores desta assembléia tão eloquentemente descreveram e elogiaram.

O Educandário Cel. Quito, que há cerca de oito anos está em pleno funcionamento e por cujos pavilhões e por cujas classes já passaram cerca de 1.200 alunos, foi o marco inicial da grande obra de caridade cristã e de solidariedade humana, que vai ter o seu adequado remate nessa magnífica Maternidade, cujas paredes já se levantam do solo e que, dentro em breve, será um dos mais belos monumentos desta cidade.

Mas a engenharia científica, que planeia e edifica tais monumentos, seria impotente para levar a bom têrmo a sua tarefa, se ao seu lado, para animá-la e

assisti-la moral e materialmente, não estivessem, atentos e prestantes, êsses outros engenheiros que um escritor americano contemporâneo chamou de "arquitetos de idéias"; arquitetos dos quais talvez se pudesse dizer, com Remy de Rougemont, que êles trabalham com a cabeça e pensam com as mãos. Porque com a cabeça, que é inteligência e vontade, descobrem as necessidades dos tempos em que vivem e se devotam a minorá-las; e com as mãos, que significam ação e tenacidade, abrem nas terras em que moram as leivas fundas nas quais lançam e fazem germinar e fazem crescer, a sementeira mirífica do Bem, em tôdas as suas esplêndidas e multiformes florações.

Ora, entre êsses beneméritos arquitetos de idéias, avulta, por certo, a figura preclara de Da. Sinhá Junqueira; — e quem o diz não é a minha palavra, que talvez as possa averbar de suspeita, mas a sentença soberana e inapelável desta manifestação, que se reveste da imponência e da autoridade de um autêntico plebiscito.

Plebiscito espontâneo e majestoso, que, bem de longe de envaidecê-la ou marcar-lhe uma pausa às atividades beneficentes, lhe reaviva e lhe redobra no espírito a ânsia de procurar, nas lições sublimes do Evangelho que ela bem conhece e sabe praticar, as verdades eternas que dão à vida o seu sentido e a sua grandeza; por isso que nos demonstram que todo egoísmo é estéril e nos encarecem a necessidade de nos aproximarmos cada vez mais da nossa família, da nossa gente e, sobretudo, das classes proletárias — dêsse inumerável povo de humildes, de pequeninos e de desvalidos...

A sugestiva palavra de compaixão — **misereor super turbans** — com que o Cristo desvendou aos olhos dos seus discípulos de todos os tempos, a sua incoercível predileção pelos desabrigados, pelos famintos e pelos enfermos, nunca como hoje foi tão oportuna e tão necessária.

Nessa fórmula tão simples quanto tocante encontra-se, por certo, o segrêdo da melhor solução para um dos mais temerosos problemas que se antepõem à sociedade coeva, barrando-lhe o caminho, ameaçando-lhe as instituições e sacudindo-lhe os fundamentos.

A verdade, com efeito, é que, se todos os cristãos de nome o fôssem também de espírito e de fato, não pesaria sôbre a humanidade, afogando-lhe o cérebro e paralizando-lhe o braço, como irremovível armadura de chumbo, a lancinante, pavorosa angústia das questões sociais.

O êrro provêm da ignorância, do menoscabo, ou do esquecimento das sagradas letras; pois que nestas categòricamente se prescrevem o amor do Criador e a caridade fraterna entre as criaturas. E nessa dupla corrente de afetos está consubstanciada tôda a teoria e tôda a ética do cristianismo.

Nem seria descabido relembrar aqui uma coincidência estranha, impressionante, quase diria providencial. Na língua aramaica, nesse idioma áspero mas preciso em que falou e ensinou Jesus, os conceitos da esmola e da justiça são de tal forma equivalentes, tão perfeita é a sinonímia entre êles, tão íntima é a simbíose que os enlaça, que uns e outros se exprimem por um só e idêntico vocábulo: **Sédaka.**

De sorte que tanto faz esmola o magistrado que, por dever de ofício, condena o criminoso, absolve o inocente, proclama o direito contestado ou ofendido; como faz justiça o rico que, por bondade ou preceito de religião, ampara o órfão, veste o nu, alimenta o faminto, abriga e cura o doente.

A assistência carinhosa e solícita; o conselho amistoso e prudente; o socorro material conveniente e até mesmo a admoestação grave e comedida — tôda feita de brandura e de bem querer — são outras tantas formas dessa diuturna e eficiente obra de cooperação social, que Faber atiladamente chamou de "Justiça amorável". Sim, explica êle; porquanto a outra justiça, essa que, por imposição legal, desconhece a bondade e o perdão para só aplicar o texto inflexível dos Códigos, — é, de sua natureza, sempre austera e rigorosa, não raro ríspida, quase deshumana...

Muito maior foi sempre, entretanto, o número de almas convertidas pela benevolência e pela cordura do que pela ciência dos mestres, pelo sermão dos pregadores ou pela punição dos juízes e dos tribunais.

Não nos arreceiemos, pois, de ser os arautos e os praticantes dessas doutrinas velhas de vinte séculos, mas hoje, muito mais do que outrora, flamantes de novidade; por isso que elas são imutáveis e sempiternas como o próprio Deus que, primeiro, as ensinou.

Não hesitemos em abandonar, por alguns instantes ao menos, a "tôrre de marfim", onde, preguiçosas e displicentes, se encastelam a nossa Sabedoria e a nossa Abundância, para descermos ao duro terreiro onde a plebe trabalha, sofre e clama. Levaremos então aos indigentes de pão e de lar, aos oprimidos, aos espoliados, aos sofredores de todo gênero, com o óbulo da caridade, o verbo altíssimo de Fé e de Esperança que, para sempre, os há de libertar das ideologias falaciosas e dos extremismos subversores.

Quando os ricos (repitamos ainda uma vez a palavra de Gil Robles), quando os ricos se resolverem a ser um pouco menos ricos, para que os pobres, a seu turno, se tornem menos pobres; quando a verdadeira "justiça social" conseguir instaurar e preservar, em sua plenitude, os direitos da pessoa humana, — o comunismo, que tanto nos preocupa e apavora, terá perdido a sua arena predileta de ação, e o pregão sugestivo de suas reivindicações esvanecerá no silêncio ou morrerá no deserto.

Então, o cárcere, o exílio, a dissolução dos partidos ou a cassação dos mandatos se apresentarão aos nossos olhos no seu odioso aspecto de meros instrumentos de fôrça — absolutamente ineficazes para subjugar o pensamento e escravizar os espíritos, para abafar a propaganda e impedir o proselitismo. E ainda neste lance decisivo, a nossa Fé terá sido a nossa vitória...

Que tudo isto é verdade — confirmou-o o brilhante jornalista Assis Chateaubriand, quando, ao falar na Usina Junqueira no próprio dia em que Da. Sinhá assinava a escritura de sua grande fundação, não trepidou em declarar que ela, naquele momento e naquele gesto inédito de clarividência e de generosidade, estava ajudando a realizar, em nossa Pátria, uma salutar e gloriosa revolução social... Revolução incruenta e pacífica, em cujo desfêcho os vencidos aplaudem e premeiam os vencedores; e os vencedores coroam de louros os vencidos.

Revolução benfazeja e construtiva, cujo objetivo, quando integralmente atingido, virá consagrar e proclamar a preeminência eterna dos valores morais sôbre as fôrças e sôbre os bens materiais que confinam os horizontes humanos nos limites por demais estreitos da vida meramente temporal.

Quando o homem, cônscio de que o aperfeiçoamento é a lei do seu próprio ser, observa atentamente a luta bravia que se trava em tôrno de si mesmo entre as fôrças econômicas e as espiri-

tuais; para logo se convence de que, nessa árdua e impiedosa peleja, êle pode atuar como cooperador de Deus, pugnando pela melhoria e pela progressiva ascensão da humanidade para melhores e mais elevados destinos.

E então a sua existência se transfigura, se enobrece e se exalta... As frivolidades do mundo; as suas festas, as suas galas e os seus ouropéis; as suas vaidades e as suas intrigas; os seus contratempos, os seus embustes e as suas misérias; os alquimes da fama, da riqueza ou do poder; tôdas essas mesquinhas realidades cotidianas fogem espavoridas e desaparecem inanes, como nuvens errantes que o sol esgarça e o vento varre. E tôdas as horas e todos os instantes da vida; todos os embates, tôdas as contrariedades e tôdas as provações se revestem, como por encanto, de uma beleza e de um fascínio irresistíveis.

Alegre e fecunda, intensa e magnífica apesar das suas fadigas e das suas lutas, a existência parece-lhe, como a Disraeli, "muito curta para ser mesquinha". E o tempo afigura-se-lhe também, como a S. Francisco Xavier, "demasiado fugaz para a longa tarefa a realizar".

E os bons trabalhadores, êsses tais "arquitetos de diéias", assim estimulados e retemperados, não se conformariam em abandonar a sua faina ao cabo da trabalhosa jornada, se a inspiração do alto, misteriosa e persuasiva, a segredar-lhes no fundo da consciência, lhes não afiançasse a certeza e indicasse os meios para que as obras encetadas e porventura ainda inacabadas se completassem e perdurassem, depois de sua morte, pelos tempos afora.

Quem não disputaria a honra insigne de pertencer, obscuramente embora, a essa turma vigorosa e destemida de operários do Bem?

Sòmente êles se podem proclamar os vitoriosos da terra e os eleitos do céu, porque sòmente êles, ao exemplo de Da. Sinhá Junqueira, sabem viver a vida verdadeira, que consiste em bem servir ao próximo para melhor servir a Deus.

Duplo preceito de um só mandamento. Mandamentò supremo no qual, segundo a palavra infalível, se resume a lei universal: **in his duobus mandatis universa lex pendet.**

Amar as criaturas para amar ao Criador. Serviço social ao serviço divino. Verso e reverso da mesma medalha. Duas conchas — ouro e fio — da mesma balança.

E porque não prenunciá-lo desde já? Dois forais para a benemerência no presente. Duas asas para a imortalidade no futuro...

Porque, em verdade, Exmas. Senhoras e meus Senhores, nunca alguém passou sob arcos triunfais mais gloriosos do que aquêles que, como acontece a Da. Sinhá Junqueira neste comício, estão sendo recebidos no amplexo do povo e aclamados pelas bênçãos dos infelizes e dos pobres...

Por tudo isso que vale pela maior das recompensas, que importa na mais lustral das apoteoses, ela vos apresenta a todos o tributo do seu perene reconhecimento, de sua irrestrita dedicação.

VIDA ACADÊMICA

Realizou-se no dia 27 de fevereiro, às 16 e meia horas a reunião mensal da Academia. Estiveram presentes os seguintes senhores acadêmicos: Altino Arantes, René Thiollier, Gofredo T. da Silva Telles, José de Freitas Valle, Manfredo Leite, Américo de Moura, Oliveira Ribeiro Neto, Aureliano Leite, Roberto Moreira e Rubens do Amaral.

Aprovada a ata da sessão anterior e lido o expediente o senhor Presidente fêz uma exposição sôbre a situação financeira da Academia com relação à construção de sua sede social. Recordou haver a Academia tomado de empréstimo da Caixa Econômica Federal a quantia de 16.500 cruzeiros que, devido à alta dos materiais e à lei do domingo remunerado, se tornou insuficiente parara a conclusão do prédio.

A fim de não sofrerem as obras solução de continuidade comunicava à Academia que a Diretoria procurara entender-se com a direção da Caixa Econômica no sentido desta fornecer-lhe um refôrço de 8 milhões de cruzeiros julgados suficientes não só para a conclusão das obras como para a instalação da própria Academia. O senhor Gofredo da Silva Telles confirmando os dados citados pelo Senhor Presidente, leu o balanço encerrado em 31 de dezembro assinado pelos peritos encarregados da contabilidade da Academia. Em seguida o senhor Roberto Moreira pediu a palavra dizendo que a exposição feita pelo senhor Presidente era sobremodo confortadora e motivo de justo orgulho, pedindo que se consignasse em ata um voto de louvor à Diretoria, o que foi unanimemente aprovado.

O senhor Rubens do Amaral comunicou haver a Assembléia Legislativa, da qual fazia parte, votado uma verba de cem mil cruzeiros para um concurso de biografias de cinco grandes paulistas: Manoel da Nóbrega, Alexandre de Gusmão, Borba Gato, José Bonifácio e Diogo Feijó. Êsse concurso que será patrocinado pela Academia e por ela julgado. Constará de três prêmios: um de Cr$ 50.000,00, o segundo de 30.000,00 e o terceiro de 20.000,00. Agradecendo a auspiciosa comunicação o senhor Presidente nomeou uma Comissão, composta dos senhores acadêmicos Rubens do Amaral, Américo de Moura e Aureliano Leite para estabelecer as bases do concurso.

O senhor presidente tomou novamente a palavra para lembrar aos senhores acadêmicos que, de acôrdo com os estatutos sociais o senhor Governador do Estado é o presidente de honra da Academia e assim ia solicitar a S. Exc. uma audiência para que a Academia incorporada o visitasse.

No próximo número publicaremos:

UM TRABALHO EM PROSA DO SR. ARISTÊO SEIXAS

E

VERSOS DO SR. CLEÔMENES CAMPOS

Biblioteca da Academia

"SOL NA MONTANHA" — Oliveira Ribeiro Neto
DIÁRIO CRÍTICO — Sérgio Milliet
A VIDA E O DESTINO — Cláudio de Souza
RAPOSO TAVARES E SUA ÉPOCA — Alfredo Ellis Júnior
TEMAS ESPIRITUAIS — Otoniel Mota
PARALELAMENTE A PAUL VERLAINE — Guilherme de Almeida
"A LOUCA DO JUQUERY" — contos de René Thiollier.
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO — Raul Briquet
CANTOS DE GLÓRIA — Oliveira Ribeiro Neto
CONTOS — Menotti Del Picchia
ENSAIOS SUL-AMERICANOS — Júlio de Mesquita Filho.
POESIA VÁRIA — Guilherme de Almeida.
UM DIA DEPOIS DO OUTRO — Cassiano Ricardo.
CASTRO ALVES — Oliveira Ribeiro Neto.
HISTÓRIAS, TALVEZ... — Guilherme de Almeida.
TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE: ROMEU E JULIETA, HAMLET, MACBETH — Oliveira Ribeiro Neto.
MENINO FELIPE (Romance) — Afonso Schmidt.
O RETRATO DA VALENTINA — Afonso Schmidt.
POESIA — Afonso Schmidt.
TORRE DE BABEL — Luciano Gualberto.

ACABAM DE APARECER:

"SONETOS ALEXANDRINOS"

de NUTO SANT'ANNA

E

"SONATA DO DESENCANTO"

VERSOS DE CLEÔMENES CAMPOS

Depositarios:

VIEIRA PONTES & CIA.

LIVRARIA TEIXEIRA

Rua Libero Badaró, 49[illegible] - S. Paulo

Caixa Postal 258

★ Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Editora Cupolo Ltda., à R. Seminário, 187-S. Paulo

22306

